

Escola Superior de Educação João de Deus

Mestrado em Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico

Estágio Profissional I e II

Relatório de Estágio Profissional

Ana Maria Marques Caiado de Mesquita

Lisboa, agosto de 2012

Escola Superior de Educação João de Deus

Mestrado em Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico

Estágio Profissional I e II

Relatório de Estágio Profissional

Ana Maria Marques Caiado de Mesquita

Relatório apresentado para a obtenção do grau de Mestre em Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, sob a orientação da Professora Doutora Isabel Maria Silva Ruivo

Lisboa, agosto de 2012

Agradecimentos

No decorrer de todos estes anos de estudante muitas pessoas, em todos os momentos, me incentivaram a continuar os meus estudos de forma a alcançar os objectivos que estabeleci para a minha vida profissional.

Por isso quero agradecer aos meus professores, aos meus amigos/amigas e aos meus familiares, desde os meus pais e avó aos meus tios e primos que tanto me ajudaram com as suas opiniões e os seus conselhos.

Ao Professor Doutor António Ponces de Carvalho pela oportunidade que me deu ao me aceitar na Escola Superior de Educação João de Deus. Ter feito a Licenciatura e o Mestrado nesta ESE foi um grande privilégio.

À minha professora orientadora. A Professora Doutora Isabel Maria Silva Ruivo teve um papel crucial ao longo destes anos de Licenciatura e Mestrado, não somente a nível pedagógico como a nível pessoal sempre que se mostrou necessário a sua intervenção e também por todo o tempo que me dedicou durante a construção deste relatório.

À Professora Doutora Maria Filomena Caldeira por me ter aconselhado e dado a sua opinião relativamente ao meu percurso académico.

Às professoras supervisoras do Estágio Profissional da Escola Superior de Educação João de Deus

Às professoras orientadoras cooperantes do Jardim-Escola João de Deus da Estrela que me souberam mostrar, de uma forma construtiva, os aspectos que devia melhorar nas estratégias de sala de aula e os que deveria manter.

Aos meus tutores Professora Doutora Mariana Cortez, Dr. José Serrano e Professora Doutora Isabel Ruivo, que tive ao longo da Licenciatura que me souberam ouvir e compreender quando mais precisei.

Às minhas professoras do primeiro ciclo que com o seu exemplo se tornaram numa referência a seguir, contribuindo muito para que eu quisesse abraçar a carreira docente.

Agradeço à Margarida Fidalgo, colega e amiga que conheci no décimo segundo ano.

Às colegas e também amigas Sandra Costa e Francisca Macedo.

Às minhas amigas de infância Ana Filipa e Ana Cláudia por me terem apoiado e terem estado sempre presentes nos bons e nos maus momentos.

Aos meus pais e restante família por todo o apoio prestado durante esta fase da minha vida.

Finalmente dedico este Relatório de Mestrado aos meus avós que já não estão presentes mas que de certeza ficariam muito felizes por me ver alcançar os meus principais objectivos/desejos profissionais.

Obrigada a todos!

Índice Geral

Índice de Figuras.....	XII
Índice de Quadros.....	XV
INTRODUÇÃO	1
1. Estrutura do relatório do estágio	3
2. Identificação do local do estágio	3
3. Identificação do grupo de estágio	4
4. Pertinência do estágio.....	5
5. Importância da elaboração do relatório de estágio	5
6. Metodologia utilizada.....	6
7. Cronologia do período de estágio	6
CAPÍTULO 1 – Relatos Diários	9
1. 1. Secção 1 – Bibe Castanho/1º ano	11
1.1.1. Data do estágio	11
1.1.2. Caracterização da turma	11
1.1.3. Caracterização da sala de aula.....	12
1.1.4. Rotinas diárias.....	12
1.1.5. Horário da turma	18
1.1.6. Relatos diários.....	18
1. 2. Secção 2 – Bibe Azul Escuro/4º ano	53
1.2.1. Data do estágio	53
1.2.2. Caracterização da turma	53
1.2.3. Caracterização da sala de aula.....	53
1.2.4. Rotinas diárias.....	54
1.2.5. Horário da turma	55
1.2.6. Relatos diários.....	56
1. 3. Secção 3 – Bibe Azul Claro/3ºano (Seminário de Contacto com a Realidade Educativa no Jardim-Escola João de deus de Penafiel)	85
1.3.1. Data do estágio	85
1.3.2. Caracterização da turma	85
1.3.3. Caracterização da sala de aula.....	86
1.3.4. Rotinas diárias.....	86
1.3.5. Horário da turma	87
1.3.6. Relatos diários.....	87
1. 4. Secção 4 – Bibe Azul Claro/3º ano	91
1.4.1. Data do estágio	91

1.4.2. Caracterização da turma	91
1.4.3. Caracterização da sala de aula.....	91
1.4.4. Rotinas diárias.....	92
1.4.5. Horário da turma	92
1.4.6. Relatos diários.....	93
1. 5. Secção 5 – Bibe Verde/2º ano	111
1.5.1. Data do estágio	111
1.5.2. Caracterização da turma	111
1.5.3. Caracterização da sala de aula.....	112
1.5.4. Rotinas diárias.....	112
1.5.5. Horário da turma	113
1.5.6. Relatos diários.....	113
CAPÍTULO 2 – Planificações	133
2. 1. Definição de planificação e sua importância	135
2. 2. Modelo das planificações apresentadas	136
2. 3. Planificação da atividade da área curricular de Língua Portuguesa	138
2.3.1. Fundamentação teórica/inferências	139
2. 4. Planificação da atividade da área curricular de Estudo do Meio.....	140
2.4.1. Fundamentação teórica/inferências	141
2. 5. Planificação da atividade da área curricular de Matemática	142
2.5.1. Fundamentação teórica/inferências	143
CAPÍTULO 3 – Dispositivos de avaliação	145
3. 1. Definição de avaliação	147
3. 2. Finalidades da avaliação.....	147
3. 3. Tipos de avaliação	149
3. 4. Escala de avaliação	152
3. 5. Descrição da atividade de Matemática	153
3.5.1. Descrição dos parâmetros, critérios e cotações	153
3.5.2. Interpretação da grelha de correção de Matemática.....	157
3.5.3. Apresentação em gráfico circular dos resultados da atividade de Matemática	157
3. 6. Descrição da atividade de Estudo do Meio	158
3.6.1. Descrição dos parâmetros, critérios e cotações	158
3.6.2. Interpretação da grelha de correção de Estudo do Meio	161
3.6.3. Apresentação em gráfico circular dos resultados da atividade de Estudo do Meio	161
3. 7. Descrição da atividade de Língua Portuguesa.....	162
3.7.1. Descrição dos parâmetros, critérios e cotações	162
3.7.2. Interpretação da grelha de correção de Língua Portuguesa.....	166

3.7.3. Apresentação em gráfico circular dos resultados da atividade de Língua Portuguesa	161
REFLEXÃO FINAL	169
1. Considerações finais	171
2. Limitações.....	172
3. Novas pesquisas	174
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	175
ANEXOS	

Índice de Figuras

Figura 1 – Jardim-Escola João de Deus da Estrela (em Lisboa)	4
Figura 2 – Jardim-Escola João de Deus de Penafiel	4
Figura 3 – Sessão de higiene oral (dentição de leite)	20
Figura 4 – Sessão de higiene oral (dentição definitiva)	20
Figura 5 – Calculadores Multibásicos (primeira situação problemática)	21
Figura 6 – Calculadores Multibásicos (terceira dentição problemática)	21
Figura 7 – Ditado de lateralização (jarra)	22
Figura 8 – Ficha com operações aritméticas	24
Figura 9 – Operações aritméticas resolvidas no quadro	26
Figura 10 – Palavras lidas pelos alunos sob orientação da professora	26
Figura 11 – Construção da mobília de quarto com 3.º e 4.º Dons de Froebel	27
Figura 12 – Representação da classe de sol no quadro	28
Figura 13 – Decomposição de números com palhinhas e algarismos móveis	29
Figura 14 – Decomposição do número 10 com palhinhas e algarismos móveis	29
Figura 15 – Decomposição do número 10 no quadro	30
Figura 16 – Powerpoint para a aula sobre sismo e incêndios	31
Figura 17 – Cartaz que a Maria construiu com os alunos	31
Figura 18 – Maria a construir o gráfico de barras com os alunos	32
Figura 19 – Gráfico de barras com o Cuisenaire	32
Figura 20 – Construção da escadaria com os 3.º e 4.º Dons de Froebel	33
Figura 21 – Eu a dar aula sobre os cinco sentidos	35
Figura 22 – Eu a explicar a atividade de Estudo do Meio	35
Figura 23 – Eu a explicar o singular e o plural	36
Figura 24 – Situação problemática com os Calculadores Multibásicos	38
Figura 25 – Construção de frases a partir de imagens	38
Figura 26 – Materiais utilizados pelos alunos para as combinações	40
Figura 27 – Ficha de trabalho sobre combinações	40
Figura 28 – Ficha de trabalho sobre os tipos de sabores	40
Figura 29 – Alunos a provarem vários alimentos para identificarem os sabores	40
Figura 30 – Ficha de trabalho com perguntas de interpretação de um texto	41
Figura 31 – Abóboras utilizadas para a construção e análise de um pictograma	41
Figura 32 – Ficha de Matemática sobre os numerais ordinais	42
Figura 33 – Resolução da ficha revisões do /c/ e /q/	43
Figura 34 – Leitura de números com os Calculadores Multibásicos	46
Figura 35 – Escada crescente feita com as barras do Cuisenaire	48

Figura 36 – Flores que os alunos levaram para colocar no busto de João de Deus Ramos .	48
Figura 37 – Sinais de trânsito utilizados para a estratégia do comportamento.....	51
Figura 38 – Atividade da aula sobre a segurança rodoviária (palavras cruzadas)	52
Figura 39 – Estrelas de cartolina que as estagiárias fizeram.....	57
Figura 40 – Pormenor de duas máscaras que se utilizaram na festa de Natal.....	58
Figura 41 – Adereços da festa Natal (bouquet)	60
Figura 42 – Adereços da festa Natal (véu e grinalda).....	60
Figura 43 – Ficha de Língua Portuguesa (conjugação verbal e caça ao erro ortográfico)	65
Figura 44 – Ficha de Língua Portuguesa (ditado de palavras)	65
Figura 45 – Eu a explicar as palavras homónimas	66
Figura 46 – Experiência sobre a mudança dos estados físicos da água (evaporação e condensação).....	66
Figura 47 – Crucifixo feito pela professora com o material (construção do 5.º Don de Froebel).....	68
Figura 48 – Aula sobre os corpos celestes do sistema solar	69
Figura 49 – Powerpoint para a aula de Estudo do Meio	71
Figura 50 – Demonstração do movimento de translação da Terra	71
Figura 51– Powerpoint utilizado para a aula sobre os incêndios	75
Figura 52 – Extintor que foi mostrado aos alunos.....	75
Figura 53 – Concerto dos “Corvos”	78
Figura 54 – Maquete para a experiência sobre o vulcanismo.....	80
Figura 55 – Material que os alunos utilizaram durante a aula de História de Portugal	82
Figura 56 – Aula com Pentaminós	97
Figura 57 – Sorriso para enviar para um concurso	97
Figura 58 – Microscópio por onde observaram as células de uma folha	98
Figura 59 – Representação de uma multiplicação com o Cuisenaire	99
Figura 60 – Professora a fazer a correção da multiplicação através do Cuisenaire no quadro interactivo	99
Figura 61 – Aula surpresa com Cuisenaire	99
Figura 62 – Árvore de cartão.....	101
Figura 63 – Cartão com perguntas para a interpretação do texto.....	101
Figura 64 – Apresentação em flipchart sobre o rei D. Afonso III.....	102
Figura 65 – Ficha de trabalho com situações problemáticas não rotineiras	102
Figura 66 – Tipos de rochas que os alunos observaram	106
Figura 67 – Aluna a fazer uma divisão com casas decimais no dividendo e no divisor.....	106
Figura 68 – Molde de plasticina para a experiência.....	109
Figura 69 – Alunos a fazer a experiência.....	109
Figura 70 – Noção de perímetro com o Cuisenaire	114

Figura 71 – Ditado de números.....	118
Figura 72 – Exercícios para análise de um pictograma	118
Figura 73 – Texto do exercício ortográfico.....	119
Figura 74 – Construção do comboio feita com o 5.º Don de Froebel.....	120
Figura 75 – Aula sobre sólidos geométricos (prismas)	120
Figura 76 – Aula sobre tempos verbais (pretérito mais-que-perfeito)	121
Figura 77 – Aula sobre os anfíbios.....	122
Figura 78 – Classificação percentual da atividade de Matemática	157
Figura 79 – Classificação percentual da atividade de Estudo do Meio.....	161
Figura 80 – Classificação percentual da atividade de Língua Portuguesa	166

Índice de Quadros

Quadro 1 – Cronograma	8
Quadro 2 – Horário do 1.º ano do primeiro ciclo do ensino básico	18
Quadro 3 – Horário do 4.º ano do primeiro ciclo do ensino básico	55
Quadro 4 – Horário do 3.º ano do Jardim-Escola João de Deus de Penafiel	87
Quadro 5 – Horário do 3.º ano do primeiro ciclo do ensino básico	92
Quadro 6 – Horário do 2.º ano do primeiro ciclo do ensino básico	113
Quadro 7 – Exemplo de uma planificação baseada no Modelo T de aprendizagem.....	137
Quadro 8 – Plano de aula de Língua Portuguesa	138
Quadro 9 – Planificação de aula de Estudo do Meio	142
Quadro 10 – Planificação de aula de Estudo do Matemática	142
Quadro 11 – Escala de Avaliação de Likert	152
Quadro 12 – Tabela de parâmetros e critérios de avaliação de Matemática.....	155
Quadro 13 – Grelha de correção de Matemática	156
Quadro 14 – Tabela de parâmetros e critérios de avaliação de Estudo do Meio	159
Quadro 15 – Grelha de correção de Estudo do Meio.....	160
Quadro 16 – Tabela de parâmetros e critérios de avaliação de Língua Portuguesa.....	164
Quadro 17 – Grelha de correção de Língua Portuguesa	165

Introdução

No âmbito do Mestrado em Ensino do 1.º Ciclo, e para completar as unidades curriculares de Estágio Profissional I e II foi-me solicitada a elaboração deste Relatório de Estágio. Nele constam os relatos observados no 1.º Ciclo dos Jardins-Escolas João de Deus da Estrela e de Penafiel.

Este trabalho está organizado por capítulos, começando por uma introdução e terminando com uma reflexão final. Os nomes usados são fictícios.

1. Estrutura do relatório de estágio

O relatório de estágio apresentado surge no âmbito da Unidade Curricular Estágio Profissional I e II. Deste relatório constam as observações que fiz ao longo deste período que decorreu de 26 de setembro de 2011 a 22 de junho de 2012.

Na introdução, além de identificar e caracterizar o local onde decorreu o estágio, também identifico as colegas que estiveram comigo durante este período. Apresento ainda a importância que o estágio teve para a minha vida profissional e a relevância da elaboração do mesmo. Por fim descrevo a metodologia utilizada.

O relatório está organizado em quatro capítulos, que passo a descrever. No primeiro capítulo estão os relatos diários, as inferências e a fundamentação teórica. No segundo capítulo abordo o tema da planificação sobre o Modelo T de Aprendizagem apresentando três planificações fundamentadas cientificamente das aulas que leccionei: Língua Portuguesa, Matemática, Estudo do Meio/História de Portugal. No terceiro capítulo constam os dispositivos de avaliação que utilizei durante este período de estágio. Este capítulo inclui ainda, a importância da avaliação e os diferentes tipos que existem e que devem ser utilizados para que se possa fazer uma avaliação consciente e rigorosa aos alunos. Termino apresentando uma reflexão final de todo este percurso académico e a importância que teve na minha vida pessoal, bem como algumas limitações e novas pesquisas.

2. Identificação do local de estágio

O Jardim-Escola João de Deus (JEJD) da Estrela pertence à Associação de Jardins-Escola João de Deus. Tem as valências de educação pré-escolar e ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico (CEB), sendo por isso, frequentado por crianças com idades compreendidas entre os três e os dez anos. Este JEJD (Figura 1) situa-se na Avenida Álvares Cabral no centro da cidade de Lisboa, junto ao Museu Bibliográfico Pedagógico e Artístico João de Deus. Ao pé está o Jardim Guerra Junqueiro (conhecido por Jardim da Estrela). A zona da Estrela é bastante movimentada, pois existem várias escolas, bancos, restaurantes, lojas de

pequeno comércio e cafés. Perto deste Jardim-Escola encontra-se a Basílica da Estrela e a Casa Museu João de Deus. Apesar de se situar numa zona bastante movimentada, o jardim-escola tem um ambiente calmo e tranquilo. O edifício do Jardim-Escola João é composto por doze salas aula, um salão, um ginásio, uma biblioteca, uma sala de informática, uma sala de professores, uma sala multiusos, um gabinete da direcção, uma secretaria, um refeitório, uma cozinha, quatro casas de banho para crianças e uma casa de banho para adultos e dois espaços exteriores de utilização polivalente.

Na semana de 27 de fevereiro de 2012 a 2 de março do mesmo ano, participei num Seminário de Contacto com a Realidade Educativa no Jardim-Escola João de Deus de Penafiel. O Jardim-Escola fica na cidade de Penafiel (Figura 2), situada no topo de uma colina, entre os rios Cavalum e Sousa sendo sede de um vasto conselho, pertencente ao distrito do Porto. O Jardim-Escola João de Deus de Penafiel fica na Avenida José Júlio, mesmo no centro histórico desta cidade. À semelhança do Jardim-Escola referido da Estrela, este situa-se numa zona muito movimentada e com bastante comércio: pequenas lojas, papelarias, restaurantes e cafés. Tem diversos pontos turísticos: jardins, igrejas e miradouros. O edifício do Jardim-Escola de João de Penafiel é constituído por cinco salas de aula, um salão polivalente, um dormitório, uma sala de computadores, uma cantina, uma cozinha e uma copa, uma dispensa, uma lavandaria, um pequeno gabinete, um espaço exterior com uma área coberta e outra descoberta e um parque infantil devidamente equipado.



Figura 1 – Jardim-Escola João de Deus da Estrela (em Lisboa).



Figura 2 – Jardim-Escola João de Deus de Penafiel.

3. Identificação do grupo de estágio

No decorrer do estágio fui sempre acompanhada por duas colegas, as três formávamos um grupo de estágio. Este decorria às segundas, terças e sextas-feiras. Uma das colegas, por razões pessoais, estava connosco só às quartas e às sextas-feiras. Assim,

só partilhávamos um dia de prática pedagógica. Todas frequentávamos o Mestrado em Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Às terças-feiras estavam na nossa sala de aula duas colegas do segundo ano da Licenciatura em Educação Básica.

4. Pertinência do estágio

A realização deste estágio profissional foi muito importante, pois durante o seu decorrer foi-nos dado a observar determinados comportamentos dos alunos com os quais iremos lidar na nossa vida futura. Sempre que demos aulas ou quando tivemos que ajudar as crianças no seu raciocínio lógico para chegar à resolução de alguns exercícios mais complicados, quer ao nível da Língua Portuguesa, da Matemática, da História ou do Estudo do Meio permitiu-nos adquirir alguma prática letiva. O estágio ajudou-nos a adquirir mais experiência e conhecimento sobre como vai ser a minha vida profissional enquanto docente e a estar minimamente preparada para reagir em situações inesperadas e de maior dificuldade, porque considero que há determinadas situações com as quais só vamos aprender a lidar quando estivermos com a nossa turma e for necessário agir por nossa conta.

Na opinião de Mialaret (1981), a formação pedagógica é indispensável para a formação de professores, pois leva a uma sólida prática profissional que permite ao professor compreender aquilo que está a fazer, saber porque o faz e dominar os instrumentos pedagógicos, adaptando-os às necessidades das situações educativas que vão surgindo e com conhecimento de causa. Ainda segundo o mesmo autor, é importante existir um estágio desde o início da formação docente porque fornece ao estudante uma experiência que pode ser decisiva para a sua formação.

Também Alarcão e Tavares (1987, p. 7) defendem a importância da prática pedagógica para a formação do professor quando afirmam que,

(...) a prática pedagógica é um dos componentes fulcrais do processo de formação dos professores; (...) um processo lento (...) iniciado na chamada formação inicial (...) a prática pedagógica e o exercício da profissão devem ser encarados em si mesmos como factores de desenvolvimento e de aprendizagem do próprio professor.

5. Importância da elaboração do relatório de estágio

Para elaborar este documento científico foi necessário dedicar muito tempo à leitura de livros, de artigos científicos e outras referências ao nível da psicologia e da pedagogia. Fundamentalmente tive que fazer um profundo trabalho de pesquisa bibliográfica.

Todas as leituras que fiz para poder fundamentar situações observadas e que considerei importantes, tornaram-se úteis para mim. Além de serem necessárias ao nível científico também contribuíram bastante para a minha própria aprendizagem, pois fizeram-me reflectir e aprender acerca da docência.

Independentemente do que aprendi com a minha pesquisa bibliográfica, este relatório é ainda mais importante pelo peso que representa, pois é como a “carta-branca” para a minha vida profissional. Sem a sua elaboração e sem a sua defesa pública nunca poderia vir a ser professora de pleno direito.

6. Metodologia utilizada

Para a recolha de dados e elaboração deste relatório científico utilizei apenas dois tipos de instrumentos: a observação e a análise documental.

Fiz uma observação direta e, nalguns casos, participante, ou seja, observei enquanto interagia directamente com as crianças de cada turma. Noutros casos observei sem qualquer tipo de interacção com o sujeito observado. Isto ocorria durante as aulas da professora titular de turma e das aulas das minhas colegas de estágio.

Alarcão e Tavares (1987, p. 103) dizem que “por observação (...) entende-se o conjunto de actividades destinadas a obter dados e informações sobre o que se passa no processo de ensino/aprendizagem com a finalidade de, mais tarde, proceder a uma análise do processo.”

A análise documental foi necessária para poder acrescentar alguns dados a este trabalho, que só poderiam ser recolhidos através deste método, tais como: horários e caracterização das turmas e as avaliações feitas pela professora e por mim.

Este relatório foi redigido de acordo com as normas APA (American Psychological Association) e respeitando o Novo Acordo Ortográfico.

7. Cronologia do período de estágio

Para melhor se visualizar as actividades e o tempo de duração do estágio, apresento um cronograma com todas estas informações. Nele constam as semanas e o número total de horas de estágio, as aulas observadas, as aulas programadas, as aulas surpresa das professoras das turmas, as aulas surpresa das professoras supervisoras da equipa de Prática Pedagógica, as reuniões de prática pedagógica, o Seminário de Contacto com a Realidade Educativa nos Jardins-Escolas, a pesquisa bibliográfica, a elaboração do relatório

de estágio profissional e o número total de horas dedicadas à elaboração deste trabalho de investigação, incluindo as tutorias com a orientadora.

Quadro 1 – Cronograma do período de Estágio Profissional I e II.

Meses	setembro				outubro				novembro				dezembro				janeiro				fevereiro				março				abril				maio				junho				julho				agosto				Total Horas				
	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4	1	2	3	4									
Semanas Atividades																																																					
Aulas Observadas																																													164								
Aulas Programadas																																													36								
Aulas Surpresada																																													10								
Reuniões de Prática Pedagógica																																													112								
Reuniões de Acompanhamento																																													225								
Pesquisa Bibliográfica																																													460								
Elaboração do Relatório de Estágio Profissional																																													560								
Nº Total de Horas																																	1567																				

Capítulo 1

Relatos Diários

O primeiro capítulo deste relatório de estágio profissional está dividido em cinco secções, uma por cada ano de escolaridade, sendo que a terceira secção corresponde ao período de Seminário de Contacto com a Realidade Educativa, que decorreu no Jardim-Escola João de Deus de Penafiel na semana de 27 de fevereiro de 2012 a 6 de março do mesmo ano.

Aqui, apresentam-se descrições diárias de cada um dos dias de estágio efectuado durante toda a prática letiva ao longo deste mestrado.

Além destes relatos diários, também se podem ver algumas inferências, cientificamente fundamentadas, de situações observadas em contexto de sala de aula ou de tempos livres e informações acerca de cada uma das turmas que acompanhei.

1.1. Secção 1 – Bibe Castanho – 1.º ano

1.1.1. Data do estágio: 26 de setembro de 2011 a 25 de novembro de 2011

1.1.2. Caracterização da turma

A turma do 1.ºB tem 27 alunos, sendo 13 do sexo feminino e 14 do sexo masculino; 2 deles são alunos novos (um que veio doutro Jardim-Escola João de Deus e um que veio de outra instituição escolar).

Segundo informações cedidas pela professora titular de turma, esta turma tem 6 alunos revelavam alguma imaturidade e falta de concentração. A maioria das crianças tem dificuldades na leitura e na interpretação, sendo que 21 dessas crianças tiveram que rever, de uma forma aprofundada, a *Cartilha Maternal* João de Deus. No entanto 6 destes 27 alunos conseguem ler e interpretar. A maioria não aplica qualquer tipo de pontuação, não tendo, por isso, a noção de frase. Também não conseguem relacionar a letra manuscrita com a letra de imprensa. Relativamente à Matemática existe uma dificuldade geral ao nível das operações aritméticas, assim como no cálculo mental e no reconhecimento dos números até 20. As crianças invertem os algarismos e não associam à quantidade. Nos Calculares Multibásicos, não associam as ordens às cores. No que diz respeito ao Cuisenaire conhecem as cores relacionando-as com o número. Não conseguem ainda fazer decomposição de um número até 10.

As duas crianças novas conseguiram-se integrar bem na turma e têm um bom relacionamento com os colegas. Durante o período de integração ao meio escolar não mostraram grandes dificuldades a nível social nem ao nível das aprendizagens. Uma delas chegou ao Jardim-Escola já com o domínio da leitura adquirido.

1.1.3. Caracterização da sala de aula

Na sala de aula do primeiro ano existem mesas e cadeiras de madeira adequadas à estatura das crianças. As mesas e as cadeiras são todas individuais.

As mesas têm tampos que se podem levantar. Geralmente estes tampos utilizam-se para cima, na disciplina de Matemática, quando a docente está a dar materiais ou quando os alunos estão a ter Expressão Plástica.

Uma das paredes tem um quadro de giz de tamanho grande. Noutras paredes existem estantes onde estão guardados os livros, os dossiês dos alunos e outros materiais. Junto ao quadro e do lado da janela há um computador onde a docente.

Numa das paredes laterais da sala, estão cabides onde as crianças podem pendurar os casacos e as mochilas.

Esta sala tem uma única porta, que dá para o refeitório e para o salão.

1.1.4. Rotinas diárias

Com o passar dos anos torna-se importante que as crianças adquiram algumas rotinas diárias. Os Jardins-Escolas e outras instituições escolares são os melhores locais para adquirir esses hábitos, além do lar. Por isso, é necessário que tanto a família como as escolas proporcionem essas rotinas às crianças, para que possam crescer e desenvolver-se com bons hábitos e de uma forma responsável e autónoma neste tipo. Para Cordeiro (2007, p. 286), as rotinas são essências para o crescimento e desenvolvimento da criança, pois “o próprio elemento repetitivo é inerente à secularização. Saber o que vai passar a seguir ajuda a prever o futuro e a tranquilizar.”

Acolhimento – Ao início da manhã, das 8h30 às 9h00, os alunos que já estão no jardim-escola, reúnem-se no salão e vêem DVD's de desenhos animados. Das 9h00 às 9h30 todas as turmas, professoras e estagiárias reúnem-se numa roda onde cantam canções infantis. Às vezes os professores falam com pais/encarregados de educação sobre a situação escolar das crianças. Nesta roda, as crianças mais pequenas ficam no interior e as mais velhas ficam no exterior: bibe amarelo (3 anos), bibe encarnado (4 anos), bibe azul (5 anos), bibe castanho (6 anos), bibe verde (7 anos), bibe azul claro (8 anos) e bibe azul escuro (9 anos). Durante o período de acolhimento canta-se, obrigatoriamente o Hino João de Deus. Todas as canções podem variar de dia para dia, sendo sugeridas pelas professoras/educadoras, pelos alunos e pelas estagiárias. Este tempo de acolhimento também proporciona alguma diversão e convívio entre todas as pessoas que frequentam,

trabalham e aprendem uma profissão neste Jardim-Escola. É um momento em que as crianças se vão reunindo à medida que vão chegando à escola. Cordeiro (2007, p. 370) diz que o momento do acolhimento

(...) não deve ser demasiado rígido em termos de horários, dado que há crianças que chegam mais cedo, outras mais tarde, (...) é mais uma oportunidade para estimular a relação família/escola, e de transmitir informação do que se passou e de alguma preocupação dos pais (...) é fundamental que o ambiente seja calmo, tranquilo, seguro e alegre para que a criança se sinta sempre desejada (...).

Tudo o que diz e defende Cordeiro acerca da hora do acolhimento é o que acontece nesta instituição escolar.

O facto de se cantar durante o tempo de acolhimento, além de proporcionar um tempo lúdico permite à criança conviver com os outros e desenvolver a linguagem oral e musical de uma forma divertida. De acordo com as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (OCEPE) (2009, p. 64)

a relação entre a música e a palavra é uma forma de educação musical. Cantar é uma atividade habitual (...) que pode ser enriquecida pela produção de diferentes formas de ritmo. Trabalhar as letras das canções relaciona o domínio da expressão musical com o da linguagem, que passa por compreender o sentido do que se diz por tirar partido das rimas para discriminar os sons, por explorar o carácter lúdico das palavras e criar variações da letra original.

Higiene – Ao longo de todo o dia, o Jardim-Escola e os seus funcionários proporcionam a todos os alunos momentos de higiene. Esses momentos acontecem sempre que as crianças fazem as suas necessidades e lavam as mãos antes, durante ou depois dos intervalos. No Jardim-Escola de Penafiel o mesmo acontecia quando escovam os dentes depois do almoço. Noutras situações também se desenvolvem os hábitos de higiene, como por exemplo, quando lavam as mãos depois de mexer em materiais utilizados na expressão plástica: colas, tintas, pastas de moldar, entre outros. Os hábitos de higiene são sempre supervisionados por uma pessoa adulta e responsável. De acordo com as OCEPE (2009, p. 84) a higiene faz parte do quotidiano escolar, onde a criança tem oportunidade de cuidar de si e de compreender as razões de porque deve lavar as mãos antes de comer levando ao aprofundamento de determinados conhecimentos sobre o funcionamento do seu corpo. Debray-Ritzen (1972, p.50) diz que "(...) regularmente, devem ser incutidos na criança desde muito cedo os hábitos de higiene – ou, pelo menos, devem ser considerados como necessários desde tenra idade." Cordeiro (2007) diz que o momento de higiene é importante para o desenvolvimento da criança, pois permite-lhes desenvolverem a sua autonomia e fazendo-as sentirem importantes e crescidas tendo a responsabilidade de cuidarem do seu corpo.

Recreio – A meio da manhã, depois do almoço e ao fim do dia as crianças têm um tempo de intervalo. Nessa altura, enquanto estão no pátio (nos dias de melhor tempo) ou enquanto estão nas salas de aula ou no salão (nos dias de frio e chuva) os professores e os estagiários incentivam as crianças a conviver com os seus grupos de pares. Assim, enquanto conversam e jogam aprendem a respeitar-se uns aos outros e a afirmar-se perante os colegas e amigos da escola. Também começam a conseguir lidar com as mais diversas situações do quotidiano, adversas ou não, que ocorrem entre crianças. O recreio, proporciona, assim, momentos de convívio, lazer e descontração a todos, sendo supervisionado por um adulto responsável, de modo a evitar que aconteçam acidentes graves. Cordeiro (2007, p.374) diz que durante o tempo de recreio, as crianças através da brincadeira livre entram em momentos imaginários e estabelecem amizades enquanto estimulam a motricidade grossa. Diz também que é aqui que as crianças desenvolvem a capacidade de negociação, argumentação e diplomacia através dos conflitos de interesse. De acordo com as OCEPE (2009, pp. 38-39), “o espaço exterior do estabelecimento de educação (...) é igualmente um espaço educativo (...) pelas potencialidades e pelas oportunidades educativas.

Almoço/Lanche – Os momentos das refeições principais (almoço e lanche) são na cantina e/ou no salão do jardim-escola. No JEJD da Estrela estas duas refeições têm que se fazer nestes dois espaços porque o refeitório é pequeno para estarem todas as turmas. Assim, algumas crianças comem no salão. As ementas semanais são elaboradas pela directora do Jardim-Escola de uma forma criteriosa e rigorosa de modo a proporcionar uma alimentação saudável. Estas ementas são afixadas à porta para que os pais/ encarregados de educação tomem conhecimento das refeições que as crianças vão fazer ao longo da semana. Segundo Debray-Ritzen (1972, p. 18) e Cordeiro (2007, p. 373) é conveniente que a criança tenha uma alimentação saudável, não esquecendo que as ementas devem ser variadas e que nelas devem também constar alimentos de que os mais novos gostem. Durante a refeição, as crianças além de socializarem também desenvolvem a autonomia, quando comem sozinhas, e aprendem a estar à mesa.

Atividades Curriculares Disciplinares

Ao longo do crescimento e da evolução escolar das crianças, estas, além de adquirirem hábitos e rotinas, importantes para o seu desenvolvimento físico, social, emocional, também aprendem novos conteúdos através das áreas curriculares disciplinares, nomeadamente a Língua Portuguesa, a Matemática e o Estudo do Meio

Língua Portuguesa – Em Língua Portuguesa no 1.º ano de escolaridade, as crianças aprendem a ler através do Método de Leitura João de Deus, cujo suporte físico das lições é a Cartilha Maternal. Aprendem a analisar textos e os conteúdos gramaticais correspondentes a cada ano escolar. O Currículo Nacional para o ensino (...) básico diz que a aprendizagem da Língua Portuguesa é importante porque permite às pessoas compreender e produzir informação oral e dominar as regras de funcionamento da nossa língua.

Matemática – Na disciplina de Matemática os alunos aprendem as quatro operações aritméticas e desenvolvem o raciocínio lógico-matemático através de situações problemáticas. Também aprendem determinados conceitos matemáticos com a utilização dos materiais estruturados (ex: Cuisenaire, Calculadores Multibásicos, Geoplano, entre outros) e materiais não estruturados. O Programa de Matemática para o Ensino Básico (2007, p. 3) diz que a Matemática permite a “compreensão de conceitos, relações, métodos e procedimentos matemáticos e a capacidade de os utilizar na análise, interpretação, resolução de situações em contexto matemático (...), analisar informação (...), resolver e formular problemas, (...) compreender e elaborar argumentações matemáticas e raciocínios lógicos.”

Estudo do Meio – Em Estudo do Meio estudam o sistema solar e o planeta Terra. Aprendem matérias relacionadas com o nosso país e com o meio onde estamos inseridos; falam do corpo humano, aprofundando os conhecimentos já aprendidos. Segundo as Orientações Curriculares para o 1.º Ciclo (2007, p.101-102), nas aulas de Estudo do Meio e com a ajuda do professor, os alunos reforçam, ampliam e iniciam a sistematização das experiências e saberes adquiriram ao longo da vida.

Atividades Curriculares Não Disciplinares

Aprender a língua materna, conceitos matemáticos e temas relacionados com o meio onde vivemos é importante, mas também é importante que durante o horário letivo haja espaço para outras atividades. O domínio da informática, da leitura e de outras áreas permitem à criança crescer e adquirir outras competências de uma forma mais lúdica.

Biblioteca – É um espaço de tempo no horário letivo das crianças, com a duração de uma hora semanal, onde elas podem ler livros. A professora também pode organizar uma atividade em que lê um livro ou uma história seguida de um diálogo/debate sobre o tema implícito na história. A hora da biblioteca explorada pela professora com o intuito de abordar

um tema explícito ou subliminar de um livro é uma forma de o dar a conhecer. Através da leitura em voz alta, a docente dá a conhecer às crianças uma dimensão que sozinhas dificilmente se apercebem. Este tipo de atividades também funciona como uma forma eficaz de agir para a autoformação das pessoas. Jean (1999, pp.129 e 130) diz que

(...) o clube de leitura é uma forma de apresentar e de dar a conhecer um livro, através de uma leitura em voz alta, seguida de um debate organizado onde cada um tem vontade de saber mais, de refletir, e mesmo de encontrar novas razões para agir com mais eficácia para a sua autoformação. (...) a discussão (...) desemboca, para além dos desejos de leituras que ela suscita, numa consciencialização de problemas (...) evocados pelo livro.

Informática – Na aula de informática as crianças têm contacto com os meios audiovisuais, mais especificamente com os computadores. Visto que vivemos num mundo que muito dependente das tecnologias torna-se necessário que as crianças desde cedo contactem com estes aparelhos, conheçam como funcionam e quais as suas potencialidades. Nestas aulas também lhes é transmitido que os meios audiovisuais e as novas tecnologias permitem fazer muitas coisas, inclusive desenvolver a capacidade de aprender. Contudo não podemos ficar dependentes deles, pois existem muitas outras coisas essenciais na vida que podemos fazer sem eles (por exemplo: ler, conversar e conviver, passear...). Na perspectiva de Coll (1992, citado por Botelho, 2009, p. 120-129), a tecnologia deve ser posta ao serviço da construção activa de conhecimentos, proporcionando uma aprendizagem significativa estabelecendo uma relação entre as novas experiências, os conhecimentos prévios e os interesses dos alunos, valorizando nomeadamente as aprendizagens funcionais.

Educação Física – Atualmente, a Educação Física é considerada como uma área curricular não disciplinar. As aulas decorrem no ginásio do Jardim-Escola ou no ginásio da Escola Superior de Educação João de Deus (ESEJD), que fica mesmo ao lado. Têm a duração de 50 minutos uma vez por semana. Aqui, os alunos desenvolvem as capacidades físicas e motoras enquanto fazem exercícios físicos e aprendem novos jogos. Em algumas turmas, são os estagiários da ESEJD que lecionam parte das aulas de Educação Física. As aulas dadas pelos estagiários têm sempre a orientação do professor de Educação Física. Debray-Ritzen (1972, p. 52) diz que a prática de atividades desportivas tem inúmeros benefícios tanto a nível psíquico como a nível físico. Segundo Luzuriaga (1986, pp. 131 e 132) o exercício físico é importante para todos os seres humanos, e por isso deve fazer parte da educação geral proporcionada pelas instituições escolares, pois a aula de Educação Física promove o bem estar físico e a saúde das crianças. Por outras palavras, a educação física

escolar melhora a condição física das crianças e assegura o pleno desenvolvimento da saúde e vigor.

Inglês – Nesta disciplina, as crianças estudam uma nova língua, desde coisas mais simples como as cores, os números, os dias da semana à conjugação de tempos verbais, construção frásica e outros conhecimentos gramaticais. Castro (2011, p. 6) afirma que a aprendizagem de uma língua estrangeira durante o período escolar permite sensibilizar a criança para a diversidade linguística e cultural, promove o desenvolvimento da consciência da identidade linguística e cultural, fomenta uma relação positiva com a aprendizagem da língua, faz apreciar na criança a língua enquanto veículo de interpretação e comunicação com o mundo que a rodeia e estimula a capacidade de concentração e de memorização.

Expressão Plástica – Nesta aula, as crianças fazem trabalhos manuais e aprendem várias técnicas para fazer atividades de expressão artística. Trabalham com muitos materiais diferentes: lã, lixa, tecido, diferentes tipos de papel, cera, pasta de moldar, vários tipos de lápis, tinta da china, anilinas, aguarelas, guaches, tintas acrílicas, entre outros. É também durante esta hora que as crianças fazem os pequenos presentes para o Dia do Pai e o Dia da Mãe. Na aula de Expressão Plástica, como salientam as Orientações Curriculares para o 1.º Ciclo (2004, p. 89) as crianças exploram os meios de expressão gráfica e plástica que contribuem para “(...) despertar a imaginação e a criatividade dos alunos, como lhes possibilita o desenvolvimento da destreza manual e a descoberta e organização progressiva de volumes e superfícies.”


Educação Musical – Nas aulas de Educação Musical as crianças aprendem a identificar os vários instrumentos musicais e os respectivos sons, a identificar as notas musicais e a ler uma pauta. Também aprendem a tocar flauta e a trabalhar os ritmos musicais. Cantam canções de acordo com as orientações do professor de música. Todos estes exercícios, a par das outras áreas curriculares revelam ser de extrema importância para o desenvolvimento dos alunos. De acordo com o Currículo Nacional do Ensino Básico (2004) a música é vista como um elemento importante na construção de outros olhares em relação ao saber e às competências artístico-musicais que se desenvolvem através de processos de apropriação de sentidos, de técnicas de reprodução, de criação e de reflexão, de acordo com o desenvolvimento das crianças e dos jovens de forma a possibilitar a construção e o desenvolvimento da literacia musical. É nesta hora que o professor e as crianças ensaiam as músicas para a festa de Natal do Jardim-Escola. A aula de música acontece apenas uma vez por semana e é lecionada por um professor da área, também professor da ESEJD.

1.1.5. Horário da turma

No Quadro 2 podemos ver o horário das atividades do 1.º ano de escolaridade do Jardim-Escola João de Deus da Estrela.

Quadro 2 – Horário do 1.º ano do primeiro ciclo do ensino básico.

PROJETO CURRICULAR DE ESCOLA
ORGANIZAÇÃO DO TEMPO LETIVO 2011/2012
PROFESSORA: PAULA



Horário 1º Ano B

1º Ano B	2ª Feira	3ª Feira	4ª Feira	5ª Feira	6ª Feira
9.00-9.50 10.00-10.50	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa
11.00 - 11.30	RECREIO	RECREIO	RECREIO	RECREIO	RECREIO
11.30 - 12.00	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática
12.00 – 13.50		Educação Musical 12.10 – 13.00			
	ALMOÇO E RECREIO	ALMOÇO E RECREIO	ALMOÇO E RECREIO	ALMOÇO E RECREIO	ALMOÇO E RECREIO
14.30-15.20	Inglês	Formação Pessoal e Social	Estudo do Meio	Estudo do Meio	Matemática
15.20-16.10	Expressão Artística	Estudo do Meio			Estudo do Meio
16.10-17.00			Biblioteca/Informática 16.00-17.00	Formação Pessoal e Social	Educação Física
17.00	LANCHE	LANCHE	LANCHE	LANCHE	LANCHE
17.15	SAÍDA	SAÍDA	SAÍDA	SAÍDA	SAÍDA

(Horário sujeito a alterações)

Porque considero que no 1.º ano os alunos ainda trabalham muito a competência da leitura e da escrita relembrando diariamente o que aprenderam no pré-escolar, antes de iniciar propriamente os relatos, faço um breve enquadramento teórico a esta temática.

1.1.6. Relatos diários

Enquadramento Teórico

Em Língua Portuguesa, no 1.º ano de escolaridade, as crianças aprendem a ler e a escrever através do Método de Leitura João de Deus cujo suporte físico das lições é a Cartilha Maternal presente em todas as salas do 1.º ano.

Nesta área aprendem a analisar textos e os conteúdos gramaticais correspondentes a cada ano escolar. No final do século XVIII recomendava-se aos professores para quando estivessem a ensinar a ler, em primeiro lugar, apresentar as letras vogais seguidas das consoantes e de todo o alfabeto; seguindo então o estudo dos ditongos e das letras maiúsculas; e só depois é que viriam as sílabas, as palavras e as frases (Adão, 1997, p.225). Não havendo grande variedade de métodos de ensino da leitura realmente eficazes tornou-se necessário que se fizesse sempre ou quase sempre da mesma forma durante grande parte, também, do século XIX. Contrariando esta perspectiva, João de Deus, na altura em que criou a Cartilha Maternal, apresentou um método de leitura inovador, pois quebrou em quase tudo as regras que outros pedagogos da sua altura recomendavam para o início da leitura. Através da cartilha, as crianças começam por aprender as vogais e a formar ditongos, depois passam para as consoantes e pequenas palavras formadas com as letras que já aprenderam. Entretanto, enquanto aprendem outras letras adquirem a noção de sílaba, palavra e frase. Quando a identificação e aprendizagem de todas as letras estiver concluída aprendem então o alfabeto.

26 de setembro de 2011

Reunião de Estágio Profissional na Escola Superior de Educação João de Deus. Esta reunião decorreu na presença da equipa de Prática Pedagógica Supervisionada e do diretor da ESE.

Teve como objetivo a preparação e organização da componente prática para o novo ano escolar.

27 de setembro de 2011

Antes de cada aluno estagiário se dirigir para as suas salas, houve reunião com a directora do Jardim-Escola João de Deus da Estrela, local onde fizemos o nosso estágio profissional durante o ano letivo 2011/2012.

Quando cheguei à sala do primeiro ano, os alunos estavam a fazer leitura de frases. A professora escrevia pequenas frases no quadro e depois pedia a um aluno para ler em voz alta. De seguida, os alunos fizeram um ditado de palavras.

Terminada a primeira atividade, a turma foi assistir a uma sessão sobre higiene oral, onde aprenderam a distinguir os dois tipos de dentição (dentição de leite e dentição definitiva), as partes constituintes do dente e o que as caracteriza (esmalte, dentina e nervo) e por fim, como escovar os dentes e manter uma boca saudável (Figuras 3 e 4)



Figura 3 – Sessão de higiene oral (dentição de leite).

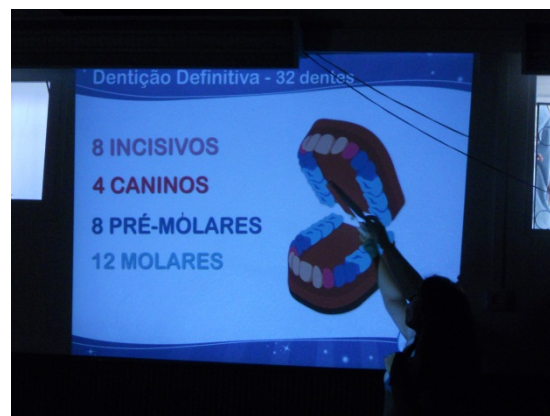


Figura 4 – Sessão de higiene oral (dentição definitiva).

Durante o recreio eu vi que uma criança, enquanto corria, deixou cair um brinquedo do bolso sem se aperceber disso. Quando se afastou, apanhei o brinquedo e guardei-o para depois perguntar de quem era. Só na casa de banho, ao ser confrontada com a minha questão “De quem é este brinquedo?”, é que a dita criança se apercebeu de que o tinha perdido. Depois disto, aconteceu o seguinte diálogo entre dois colegas:

Aluno 1: *Eu vi deixares cair o brinquedo do bolso.*

Aluno 2: *Porque é que não me disseste nada?*

Aluno 1: *Não sei! Estava a brincar com outro menino.*

Depois do intervalo da manhã, enquanto a restante turma fez uma ficha acerca da letra /v/, eu e as minhas colegas fizemos avaliação de leitura a alguns alunos com mais dificuldades.

Inferências e Fundamentação Teórica

Proporcionar à criança alguma aprendizagem da higiene oral é de extrema importância. Como dizem Marques et al. (2002) saber tratar da dentição é fundamental para prevenir o aparecimento de cáries dentárias e outras doenças ao nível da gengiva e da dentição. Dizem também que durante este tipo de aulas/atividades se deve explicar, através da mímica como escovar correctamente os dentes para que possam fazer uma boa limpeza da dentição, evitando os males mencionados anteriormente. Na atividade sobre a higiene oral, todos os alunos se mantiveram entusiasmados e atentos ao que a técnica estava a dizer.

Hoje em dia, o mundo em que vivemos é bastante consumista, e como tal, grande parte das crianças têm imensos brinquedos. O facto de terem mais brinquedos do que os

necessários faz com que não se apeguem tanto a eles. Como às vezes os levam para a escola e nem sempre brincam com eles, acabam por acontecer situações como as que relatei anteriormente: a criança perder o brinquedo sem reparar nisso. Este comportamento por parte do aluno mostra perfeitamente o valor que dá às suas coisas. Se ele tivesse cuidado com elas e lhes desse a mínima importância, ter-se-ia apercebido de que tinha perdido um brinquedo e preocupava-se em procurá-lo. No entanto, no diálogo que houve na casa de banho acerca do brinquedo perdido, o aluno em questão demonstrou alguma preocupação por o colega não lhe ter dito que tinha visto o brinquedo cair do bolso. A postura do colega demonstrou uma atitude egoísta, que eu lamento. Demonstrou também que possivelmente não existe um relacionamento próximo entre estes dois colegas de turma.

30 de setembro de 2011

Até à hora do intervalo, a professora fez situações problemáticas com os *Calculadores Multibásicos*. A primeira situação problemática foi a seguinte: “O senhor Pereira foi ao mercado, comprou vinte e três maçãs e onze laranjas. Quantas peças de fruta comprou ao todo?”. Depois pediu a dois alunos para criarem uma situação problemática cada um, resultando os seguintes problemas: “O menino tem três rebuçados, mas comeu dois. Com quantos rebuçados ficou?”; “Um senhor tem um aquário com onze peixes e comprou mais catorze peixes para pôr lá dentro. Quantos peixes ficaram ao todo no aquário?”. (Figuras 5 e 6)

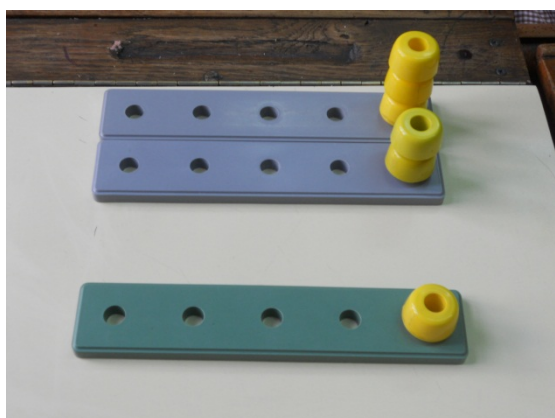


Figura 5 – Calculadores Multibásicos (primeira situação problemática).

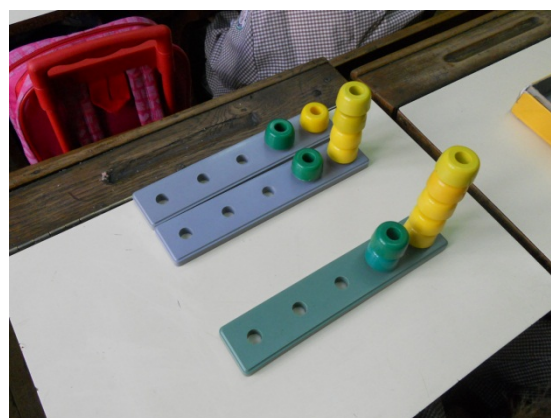


Figura 6 – Calculadores Multibásicos (terceira situação problemática).

Fizeram um ditado de lateralização, de onde resultou a figura de uma jarra. (Figura 7) A maioria das crianças demonstrou dificuldades em resolver as operações aritméticas. Geralmente só faziam com a ajuda da professora ou das estagiárias. Esta turma

demonstrou dificuldades e muita insegurança ao nível dos conhecimentos. Normalmente, a primeira coisa que diziam depois de receber a ficha era: “É difícil!”, “Não consigo fazer!”.

Durante o ditado, algumas crianças revelaram falta de atenção e dificuldade em distinguir o lado direito do lado esquerdo, o que resultou numa resolução do exercício, errada. Contudo, no início do ditado, a professora lembrou que o lado direito era o lado da porta e o lado esquerdo era o lado da janela. Ao mesmo tempo que dizia isto indicava com o seu braço, utilizando a imagem em espelho. Durante o ditado foi necessário a professora lembrar várias vezes esta informação: “Meninos, não se esqueçam! O lado direito é o lado da porta! Façam comigo. O lado esquerdo é o lado da janela!. Façam comigo.”



Figura 7 – Ditado de lateralização (jarra).

Depois do intervalo e até o professor de música chegar, fizeram uma ficha com operações aritméticas: adição e subtração. Enquanto isso, a professora ia chamando os alunos, um a um, para lerem a lição do dia. As lições da Cartilha eram explicadas de uma forma simples.

Na aula de música, fizeram um “combate” sobre a escala de notas musicais. Tentarem dizer todas as notas de seguida e sem se enganar, rápido e o maior número de vezes possível. Quem se enganasse perdia um lugar relativamente à posição que ocupava na tabela do professor. Ainda nesta aula, também cantaram uma canção chamada: “Os três palhacinhos” e representaram as sete etapas de representação das notas musicais.

Durante toda a manhã, eu e as minhas colegas forrámos algumas caixas, estragadas, dos Calculadores Multibásicos e ajudámos as crianças com os exercícios de matemática.

Inferências e Fundamentação Teórica

O Institut National de Recherche Pédagogique (1995) afirma que ao resolver situações problemáticas ou responder a uma questão, as pessoas começam a interiorizar os

conhecimentos e as concepções já adquiridas. Contudo, se forem as próprias pessoas a construir o problema, essa consolidação dos conhecimentos torna-se ainda maior, pois para o construírem têm que reflectir sobre os conteúdos matemáticos e prever estratégias de resolução, desenvolvendo, desse modo, o raciocínio lógico. Matos e Serrazina (1996, p. 122) afirmam que na “ (...) composição de histórias adequadas a um problema (...) significa reflectir sobre o seu próprio processo de aprendizagem (...) e antecipar conceitos e procedimentos.” Dillon (1982) citado por Monteiro et al (2000, p. 158) afirma que as

questões podem estimular o pensamento do sujeito que as formula e não o do sujeito que responde. Se o ato de pensar/reflectir começa frequentemente com um problema, podem criar-se estímulos para que o pensamento do aluno comece com um problema seu (...) o processo mental associado à elaboração de uma pergunta estimula o raciocínio e pode contribuir para o desenvolvimento intelectual de quem a formula (...) a formulação de “verdadeiras” perguntas deve fazer parte integrante do processo de ensino-aprendizagem, não esquecendo que (...) podem revelar os esquemas mentais utilizados pelos alunos.

Sousa (2003) vê a disciplina de Educação Musical como um contributo fundamental para a formação geral da personalidade das crianças ao nível da formação auditiva, psicomotora, intelectual e sócio afetiva. Por isso, todas as crianças devem experimentar aprendizagens diversificadas, que podem ocorrer em contextos formais ou informais, que proporcionem o desenvolvimento da literacia musical e a construção das identidades pessoais e sociais.

03 de outubro de 2011

A manhã começou com a professora a fazer exercícios de cálculo mental e revisões da identificação das letras /v/, /f/, /g/, /t/, /d/ escrevendo-as no quadro. A seguir lembrou a letra /b/ e fez leitura de frases e ditado de algumas delas: “O batido é da tia.”; “A bota é tua?”; “A batata é boa.”; “A fada viu a bata da tia.”. Durante o ditado, algumas crianças revelaram falta de atenção e dificuldade em distinguir letras, nomeadamente trocavam o /d/ pelo /b/ e o /v/ pelo /f/.

Depois do intervalo fez exercícios de ligação de imagens com os respetivos nomes, todos eles começados pela letra /b/ e transformação de não frases em frases. Exercícios, estes, relacionados com as frases que os alunos leram e que a professora ditou.

Já ao fim da manhã, os alunos resolveram uma ficha com operações aritméticas, nomeadamente a adição e a subtração. (Figura 8) Enquanto as crianças fizeram os exercícios de matemática, a docente chamou os alunos por grupos, e fez revisão das letras na *Cartilha Maternal* João de Deus. A maioria das crianças demonstrou dificuldades em

resolver as operações aritméticas. Geralmente só faziam com a ajuda da professora ou das estagiárias. Alguns alunos ainda não sabem identificar muito bem as unidades e as dezenas, tendo por isso, dificuldades em fazer o algoritmo da adição e da subtração.

Durante esta aula, uma das crianças portou-se constantemente mal, e depois de ter sido avisada e repreendida várias vezes, a docente chegou ao pé dela e empurrou a carteira para o fundo da sala, um local longe dos colegas.

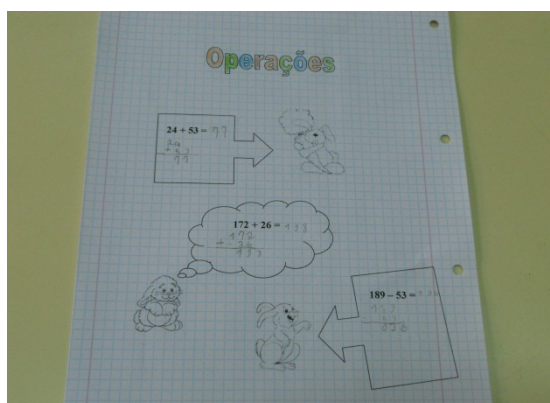


Figura 8 – Ficha com operações aritméticas.

Durante toda a manhã, eu e a minha colega cortámos e plastificámos as identificações dos alunos, para os dossiês e ajudámos as crianças no ditado e nos exercícios de matemática.

Inferências e Fundamentação Teórica

Quando a professora fez revisão dos tipos de letras já aprendidos, em vez de escrever no quadro com letra manuscrita, podia ter utilizado letras móveis coloridas em tamanho grande; consoantes pintadas de uma cor e vogais de outra cor. Adão, (1997), baseado em estudos acerca do ensino da leitura do século XVIII, afirma que já nesse tempo se recomendava aos professores que recortassem letras em cartão e as pintassem com cores apelativas para que a partir delas os alunos reconhecessem as vogais e as consoantes e a forma de as combinar entre si.

Quando o professor faz leitura de pequenas frases em conjunto ou com cada um dos alunos, individualmente, está a fazer com que a criança decifre e consolide o código da leitura e da escrita, ou seja, leva a criança a entrar numa fase de domínio da leitura, que se caracteriza por ser uma fase de treino e de aperfeiçoamento das operações básicas exigidas pela tarefa da leitura. Como diz Niza (2009, p. 27)

a fase de domínio corresponde ao treino das várias operações necessárias à leitura: a criança tem que aprender a tratar o código – reconhecimento direto

das palavras, utilização das correspondências grafo-fonológicas para ler palavras desconhecidas e tratar a semântica (...) procurando o seu sentido – organizar logicamente os elementos identificados, memorizar as informações (...).

04 de outubro de 2011

Assim que a turma entrou na sala a professora perguntou às crianças se tinham estudado os números em casa, durante o fim de semana, decorrendo a seguinte conversa:

Professora: *Bom dia meninos! Estudaram os números em casa?*

Turma: *Sim!!!!*

Professora: *Bia e Ana estudaram os números em casa como eu disse para fazer?*

Aluno 1: *A mãe esqueceu-se!*

Aluno 2: *A mãe não sabia!*

Professora: *Vocês disseram à mãe ou ao pai que tinham que estudar os números, durante o fim-de-semana?*

Alunos 1 e 2: *Não!*

Professora: *Se não disseram, com é que o pai e a mãe iam saber que vocês tinham que estudar os números?*

A professora fez revisões de contagens e de representação numérica, desde o número um até ao número cinquenta. De seguida fez ditado de números. Para os ajudar, a professora representou os números de dez a vinte no quadro e ensinou o seguinte truque: “Para saber se vem de dez ou de vinte, têm que olhar para o algarismo das dezenas. Os números do dez ao dezanove têm o algarismo um na casa das dezenas e o algarismo da casa das unidades varia de zero a nove. Os números do vinte ao vinte e nove têm o algarismo dois na casa das dezenas e o algarismo da casa das unidades varia de zero a nove”. Explicou da mesma forma, para os restantes números, até ao número cinquenta.

Depois do intervalo fez exercícios de ligação de imagens com os respetivos nomes, todos eles começados pela letra /b/ e fez também transformação de não frases em frases. Estes exercícios estavam relacionados com as palavras e com as frases que os alunos leram e que a professora ditou. (Figura 10)

Já ao fim da manhã, os alunos resolveram uma ficha com operações aritméticas, nomeadamente a adição e a subtração. (Figura 9) Enquanto as crianças fizeram os exercícios de matemática a docente chamou os alunos por grupos e fez revisão de algumas lições da *Cartilha Maternal*.

Durante o decorrer da manhã, eu e a minha colega ajudámos todas as crianças, sempre que necessário, em especial, aquelas que demonstram mais dificuldades ao nível dos conhecimentos.

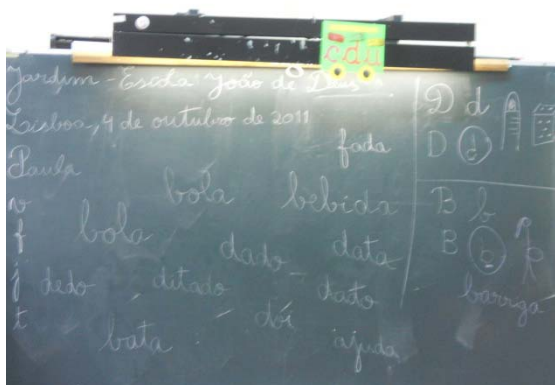


Figura 9 – Palavras lidas pelos alunos sob orientação da professora.

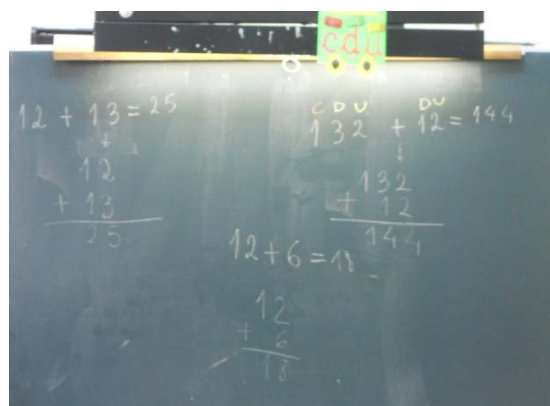


Figura 10 – Operações aritméticas resolvidas no quadro.

Inferências e Fundamentação Teórica

Através desta conversa com a turma, verificou-se que as crianças que mais precisavam de estudar foram as que não o fizeram. Durante o ditado de números, pôde-se ver que as crianças, principalmente as mencionadas, revelam muitas dificuldades na representação numérica, ou seja, ainda não sabem distinguir bem os números. O facto dos pais e encarregados de educação não estarem inteirados dos deveres escolares dos filhos, não verificando os seus cadernos e não perguntando se tinham trabalhos de casa levou a uma falta de interesse dos educandos pelas atividades escolares. Apesar da família ter o papel crucial de educar, também deve manifestar interesse pela situação escolar dos seus educandos, pois assim, estabelece-se uma relação entre a escola e a família que pode ser muito útil na aprendizagem geral (educação e aquisição de conhecimentos) das crianças de quem são responsáveis. Pereira (2008, p. 59 – 61) baseada em estudos de diversos autores afirma que a parceria entre a escola e a família tem como objectivo alcançar o sucesso escolar dos alunos. Com esta relação entre a instituição escolar e os pais dos alunos evidencia-se o importantíssimo papel que os pais devem ter em casa na educação das crianças, durante o seu desenvolvimento e que à escola cabe meramente o papel pedagógico, estabelecendo estratégias operacionais e eficazes para que a criança possa aprender. Deste modo, uma boa colaboração entre a escola e a família permite transmitir à criança confiança acerca da escolarização ajudando a ultrapassar os seus anseios.

07 de outubro de 2011

Durante esta parte da manhã, a docente fez revisões da letra “l” e de seguida fez exercícios de aplicação. Nestes exercícios, os alunos tinham que completar a frase escrevendo o nome do objeto que representava a imagem; tinham que juntar sílabas para

formar palavras; encontrar, num poema as palavras que tinham a letra “l” e copiá-las; e por fim, descobrir a palavra onde estava escrito corretamente o nome do animal ou do objeto que estava representado no desenho.

Depois do intervalo trabalharam com os 3.º e 4.º Dons de Froebel. (Figura 11) Com este material fizeram a construção da “móvel de quarto”. A partir desta construção fizeram contagens e situações problemáticas relacionadas com a adição e a subtração, donde resultaram os seguintes problemas:

Professora: *Quantos cubos são precisos para fazer três cómodas?*

Professora: *Quantos cubos foram precisos para fazer o quarto da Alice?*

Professora: *Quantos cubos foram precisos para fazer o teu quarto e o quarto da tua colega?*

Professora: *Quantas peças foram precisas para construir a tua cama? E para fazer a tua cama e a da Catarina? E para fazer três camas?*

Professora: *Quantas peças foram precisas, ao todo, para fazer este quarto? Mas se tiramos cinco, com quantas peças ficamos?*

Professora: *A Alice tinha dez peluches na sua cama. E durante a noite foram passear sete. Quantos peluches ficaram?*

Professora: *De manhã estavam uma dúzia de andorinhas no poste de eletricidade ao pé do quarto da Alice. Mas voaram meia dúzia. Quantas andorinhas ficaram?*

Depois de se ditar o último problema, houve o seguinte diálogo entre professora e aluno:

Aluno 1: *Era canja!*

Professora: *Mas não era de galinha!*

Turma: *Ah! Ah! Ah! (risos)*

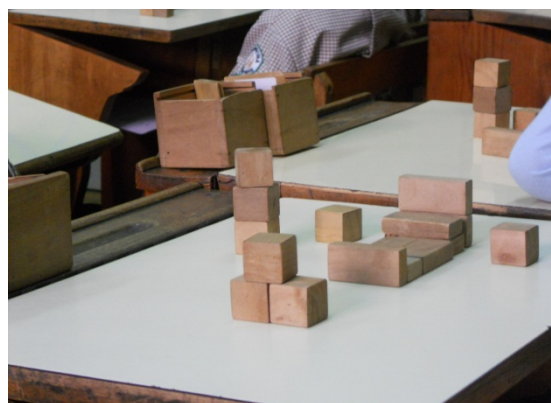


Figura 11 – *Construção da móvel de quarto com o 3.º e o 4.º Dons de Froebel.*

Já ao fim da manhã, os alunos tiveram aula de Educação Musical, onde aprenderam a desenhar a clave de sol. (Figura 12) Enquanto faziam os exercícios de educação musical

demonstraram ligeira dificuldade em desenhar a clave de sol. Durante as aulas eu e a minha colega tentámos ajudar todas as crianças.



Figura 12 – Representação da clave de sol no quadro.

Inferências e Fundamentação Teórica

A professora, ao ter brincado com a turma, mais concretamente com o aluno em questão revelou que está na sala de aula não só para ensinar, mas também para proporcionar um ambiente agradável e em que as crianças se sintam bem recebidas. Assim, o papel da docente deixou de ser meramente intelectual e passou a ser também afectivo, proporcionando uma relação humana entre professora e alunos. Para que as crianças tenham prazer em ir à escola é necessário que o professor demonstre também o seu lado humano. Postic (1984, p. 67) diz que

a passagem da mediação afectiva na concepção do papel do docente põe em evidência que se sentiu a necessidade de restaurar a via afectiva no domínio escolar, de reencontrar a verdade de uma relação humana que não separe mais a razão e os sentimentos e que corresponda a uma nova finalidade educativa (...)

Kamii e Devries (1974, p. 124), afirmam que “os jogos de construção favorecem o conhecimento físico (...) quando a criança tenta equilibrar uma grande torre até que ela não caia (...) favorecem a estruturação do espaço quando a criança tenta fazer paredes e tetos.” Ao fazer as construções com os Dons de Froebel, as crianças além de treinarem a motricidade fina (quando pegam nas peças com as pontas dos dedos) também aprendem a organizar os materiais e o espaço que utilizam enquanto trabalham com o material.

10 de outubro de 2011

Até à hora do recreio, a professora fez decomposição dos números: 6 e 10. Para o efeito utilizou palhinhas. Com o mesmo material fez ainda operações aritméticas de somar, de subtrair e de multiplicar ($2+2+2+2=8$ ou seja $4 \times 2=8$). Este exercício foi acompanhado, no quadro, onde se fez as várias representações da decomposição de números em numeração árabe. Na decomposição do número 10, além de se ter feito a representação no quadro, os alunos também utilizaram os algarismos móveis em associação com as palhinhas. (Figuras 13, 14 e 15) A professora fez a relação do concreto com o abstrato.

Durante a realização das operações aritméticas houve o seguinte diálogo entre professora e alunos:

Professora: *Quantas palhinhas tiraste da primeira vez?*

Aluno 1: *Cinco.*

Professora: *“E da segunda vez?”*

Aluno 1: *Três.*

Professora: *Quantas palhinhas tens ao todo? Cinco mais três...*

Aluno 1: *Oito.*

Professora: *Quantas palhinhas faltam para chegar a uma dezena?*

Aluno 2: *Ahhhhh...*

Professora: *Quanto é uma dezena?*

Aluno 2: *Ahhh...dez.*

Professora: *Então quantas palhinhas faltam?*

Aluno 2: *Duas.*

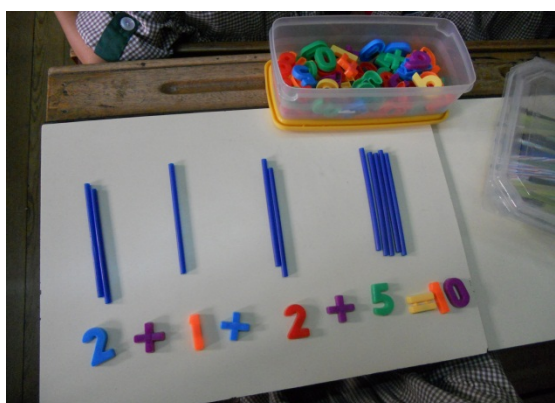


Figura 13 – Decomposição de números com palhinhas e algarismos móveis.

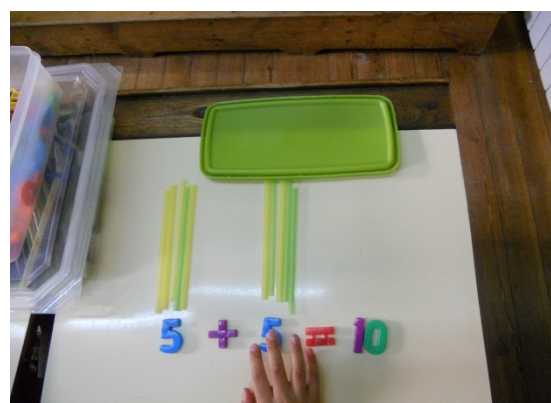


Figura 14 – Decomposição do número 10 com palhinhas e algarismos móveis.

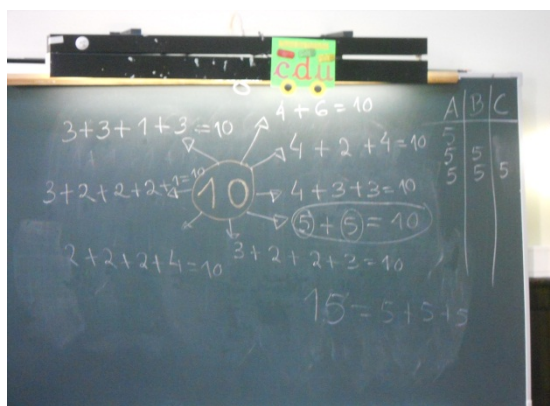


Figura 15 – Decomposição do número 10 no quadro.

Depois do intervalo da manhã, fizeram leitura de frases com os casos de leitura /al/, /e/, /il/, /ol/, /ul/ e cópia de um pequeno texto. Para a leitura, utilizaram-se as seguintes frases: “O pai é alto.”, “Eu fui à aldeia da avó.”, “A bebida é da polpa.”, “O papel é da Paula.”. Enquanto as crianças fizeram os exercícios de matemática, a docente chamou os alunos por grupos, e fez revisão das lições na *Cartilha Maternal*.

Inferências e Fundamentação Teórica

Na realização da segunda atividade de composição de números, pude verificar que não havia sinais de “+” suficientes para todos os alunos. O facto de nem todas as crianças terem o material necessário para a atividade prejudicou a sua aprendizagem da relação do sentido de número.

Ao fazer a composição de um número com palhinhas e com algarismos móveis, a professora estava a relacionar a aprendizagem concreta com a aprendizagem de forma abstracta. Desta forma, a criança faz a transição para o conhecimento abstracto de uma maneira mais lúdica e mais eficaz. De acordo com a Normas da Associação de Professores de Matemática (1998, p. 6), as crianças são encorajadas a falar e a escrever sobre aquilo que aprenderam, ao mesmo tempo que desenvolvem a sua compreensão do sentido de número através da comparação e da organização de grupos de objectos explorando várias representações dos mesmos números.

As lições dadas a grupos de três ou quatro crianças torna as lições mais vivas e dinâmicas e permite que os alunos mais ativos encorajem os mais tímidos e hesitantes. Contudo, devemos respeitar sempre o ritmo de aprendizagem de cada criança de modo a facilitar os diversos processos cognitivos. Segundo Viana e Teixeira (2002 p. 119), quando afirma que “a importância da relação afectiva e o respeito pelos ritmos próprios de cada criança perpassa toda a obra pedagógica de João de Deus.” O facto de os alunos irem à

Cartilha em grupos de acordo com a lição em que estão e de a aprendizagem das letras dar-se consoante o ritmo cognitivo de cada um, está a respeitar a capacidade de retenção de informação de cada uma das crianças.

11 de outubro de 2011

Neste dia de estágio decorreu a manhã de aula da minha colega de estágio.

Iniciaram a manhã de aulas com revisão das letras aprendidas até ao momento. A aula de Língua Portuguesa continuou com a leitura das seguintes frases: “O tio viu o boi.”, “A tia viu a vaca.”, “O menino é alto.” e “A menina é alta.”. Aproveitando as frases que utilizou para a leitura, a colega ensinou o género masculino e o género feminino das palavras. Como atividade fez um jogo de classificação de nomes quanto ao género. Para o jogo, a minha colega dividiu o quadro em duas partes (uma para o género masculino e outra para o género feminino) e distribuiu a cada aluno um cartão com um nome (palavras com um ou com outro género) que eles iam colocar na parte do quadro que lhe correspondia, consoante as orientações da minha colega.

Em Estudo do Meio deu a prevenção de incêndios e sismos. Introduziu o tema dando a conhecer diferentes formas de prevenção de incêndios (domésticos e florestais) e explicou como as pessoas devem agir em caso de incêndio. Relativamente aos sismos, apresentou um pequeno vídeo do “Tinoni e Companhia” sobre sismos e conversou com as crianças sobre o que viram no vídeo apresentado. (Figura 16) Para terminar a aula construiu, com as crianças, dois cartazes com imagens: um sobre “Incêndios - Prevenir/Agir” e outro sobre “Sismos – Antes, durante e depois”. (Figura 17)

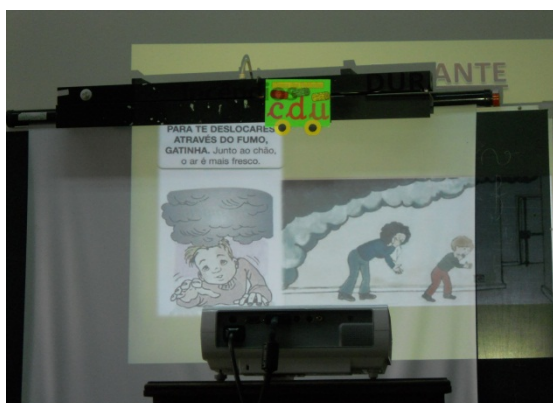


Figura 16 – Powerpoint para a aula sobre sismos e incêndios.



Figura 17 – Cartaz que a Maria construiu com os alunos.

A Matemática a colega construiu um gráfico de barras com o material Cuisenaire. (Figura 18) Começou por apresentá-lo e completou-o com numeração, título e dados. Construiu outro gráfico com as barras do Cuisenaire e explicou como se analisa este tipo de gráficos. (Figura 19) Para a construção do gráfico a colega baseou-se numa notícia que ouviu na televisão sobre a quantidade de estragos que um escola sofreu em Fukushima, no Japão, com a ocorrência de um sismo. Quando a Maria falou sobre o sismo em Fukushima, uma criança disse logo: “Isso é no Japão! Foi na semana passada, na sexta-feira!”.



Figura 18 – Maria a construir o gráfico de barras com os alunos.

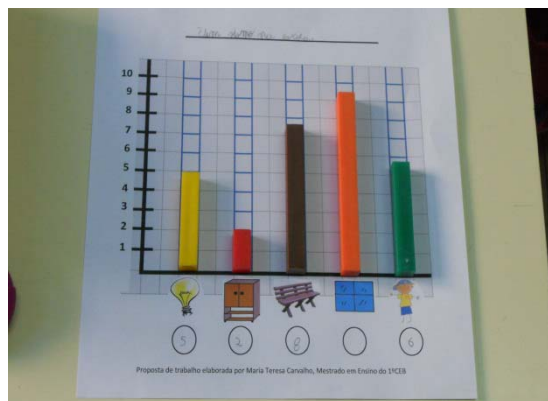


Figura 19 – Gráfico de barras com o Cuisenaire.

Inferências e Fundamentação Teórica

Durante a aula de Língua Portuguesa, a minha colega apagou apagou pequenos erros que dava, ao escrever no quadro, com o dedo. Escreveu as palavras feminino e masculino com a primeira letra em maiúscula. O final desta aula foi muito agitado, pois a atividade foi extensa e demorada. Ao longo do estágio reparei que as crianças gostam de atividades lúdicas, mas estas não podem ser demoradas, pois a sua capacidade de concentração é reduzida. Se um jogo, por mais divertida que seja, for demorado, as crianças cansam-se e começam a dispersar.

Na aula sobre sismos e incêndios, as crianças revelaram-se atentas, entusiasmadas e participativas. Todas queriam participar; tinham algo a dizer ou a perguntar. O facto de terem visto um vídeo, além de as ter estimulado também contribuiu para uma aprendizagem mais significativa. Proença (1990, citando Bertrand Planque s.d.) diz que que os meios audiovisuais despertam a curiosidade e sustentam o interesse do aluno, mudam as relações entre a professora e o aluno e obtém uma melhor eficácia pedagógica.

Relativamente à aula de Matemática, os alunos mantiveram-se atentos e concentrados durante a utilização do Material.

14 de outubro de 2011

Ao início da manhã, as crianças trabalharam com o 3.º e o 4.º Dons de Froebel. Com este material fizeram a construção da “escadaria”. (Figura 20) Depois a professora fez situações problemáticas relacionadas com a construção feita. Uma dos exercícios que a professora inventou foi o seguinte: “A Alice quando estava a subir as escadas tropeçou e deixou cair alguns bolinhos. Com quantos bolinhos ficou, sabendo que tinha dezasseis bolinhos e deixou cair quatro bolinhos?”.

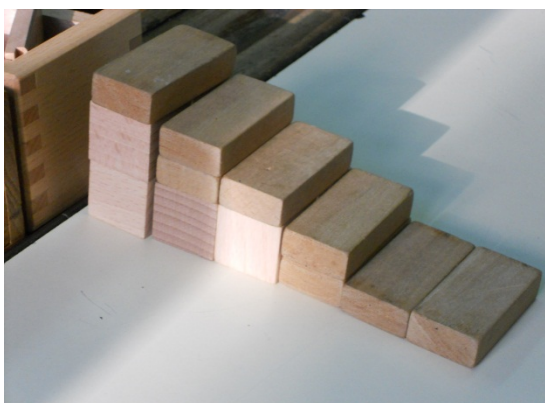


Figura 20 – Construção da escadaria com os 3.º e 4.º Dons de Froebel.

Já na segunda parte da manhã, trabalharam Língua Portuguesa. As crianças resolveram uma ficha, onde copiaram pequenas frases, substituindo os desenhos pelas palavras que esses desenhos representavam. (Figura 22)

Por uns momentos a docente ausentou-se da sala de aula para ter uma pequena reunião com o diretora, deixando-nos a tomar conta das crianças. Nessa altura, quando os alunos começavam a conversar, utilizei a estratégia normalmente utilizada pela professora. Esta estratégia passa por dizer “a fila mais linda é...” e atribuir ou não pontos a cada uma das filas da sala de aula. A atribuição de pontos faz-se consoante o comportamento que cada fila tiver.

Enquanto decorreu a aula de Expressão Musical, estivemos com a professora da sala que deu o feedback da aula da minha colega.

Inferências e Fundamentação Teórica

Durante a utilização dos dons de Froebel, verifiquei que alguns alunos não conseguiram fazer a construção de forma alinhada. Algumas crianças não se esforçaram e outras, porque estavam com material já antigo cujas peças já não estão em muito bom estado. Ao utilizar este material e fazer construções, as crianças estão a treinar a

capacidade de equilibrar peças, desenvolvendo a motricidade fina. Para além disso, quando a professora faz situações problemáticas a partir da construção feita está a desenvolver o raciocínio lógico e o cálculo mental da criança. Para Caldeira (2009, p. 255-267), a utilização dos 3.º e 4.º Dons de Froebel têm como interesse pedagógico o “desenvolvimento da linguagem e do vocabulário, o desenvolvimento da criatividade, a lateralização, a motricidade fina (...), a noção de equilíbrio, a noção de ordem, a aquisição de hábitos, a iniciação de noções básicas para o desenvolvimento da matemática (...)”

O facto do professor aplicar estratégias para controlar o comportamento dos alunos tem vantagens não só para a turma como também para o professor, pois ajuda a conseguir criar o ambiente favorável para o decorrer da aula. Gomez et al (1993, p. 98) diz que a utilização de técnicas de comportamento durante a aula criam a dinâmica necessária que permite trabalhar de modo a alcançar os objetivos pretendidos evitando cansaços inúteis.

17 de outubro de 2011

Ao início da manhã, os alunos continuaram o trabalho de Língua Portuguesa que estavam a fazer na sexta-feira. De seguida fizeram um ditado.

Todas as crianças fizeram o ditado, mas algumas delas só o conseguiram fazer com ajuda da docente. Depois de ditar o exercício à turma, a professora sentou-se ao pé de três alunos e ajudou-os individualmente.

Depois do intervalo, fizeram atividades com o Cuisenaire, em que trabalharam a noção de número par e ímpar, escada crescente e decrescente e contagens de dois em dois.

Inferências e Fundamentação Teórica

O ditado constitui uma das práticas tradicionalmente empregadas no ensino da leitura e da escrita. Este trabalho é bastante importante porque favorece a aprendizagem do vocabulário e proporciona uma prática ativa e estruturada na escrita de palavras de um contexto. Jean (1999, p.108) afirma que o ditado, além de ajudar na memorização de textos e na captação dos conteúdos a aprender tem um papel importante ao nível da ortografia. Relativamente ao ensino da escrita, quando um professor faz um ditado, tem como principal objectivo que os seus alunos adquiram o domínio da escrita ou melhorem a ortografia. No entanto, afirma também que o ditado pode ser uma armadilha para os alunos, porque, durante este exercício, como não têm o texto à frente dos olhos acabam por ficar inseguros quando estão a escrever as palavras ditadas.

Numa turma, independentemente do ano de escolaridade, cada aluno tem o seu ritmo de aprendizagem. Uns aprendem melhor e mais depressa, outros aprendem mais devagar. Para que todos tenham uma boa aprendizagem dos conteúdos curriculares é importante que a professora dedique um pouco de atenção individual a cada um dos seus alunos, em especial àqueles que demonstram mais dificuldades na aquisição de conhecimentos. Para Sanches (2001, p. 58) alguns alunos “têm a sorte de encontrar na escola alguém que se preocupa com eles”. Deste ponto de vista, o professor que dedica algum do seu tempo letivo aos discentes demonstra preocupação pelas suas capacidades de aprendizagens e pela sua evolução cognitiva, criando grandes ou pequenos sucessos na aprendizagem.

18 de outubro de 2011

Nesta manhã, dei uma das minhas aulas ao 1.º ano.

Na aula de Estudo do Meio falei dos cinco sentidos. (Figuras 21 e 22) Nesta aula comecei por apresentar imagens em tamanho grande com os cinco órgãos dos sentidos e depois associei os sentidos aos respetivos órgãos. Ao falar do tato, por exemplo, pedi às crianças para tocarem em objectos com diferentes partes do corpo para verificarem que temos o sentido do tato em todo o nosso corpo, ou seja, em toda a pele e não só nas mãos.



Figura 21 – Eu a dar aula sobre os cinco sentidos.



Figura 22 – Eu a explicar a atividade de Estudo do Meio.

Em Língua Portuguesa falei da classificação dos nomes quanto ao número: singular e plural. Expliquei como se forma o plural dos nomes terminados em letra vogal. Para consolidação fiz uma proposta de trabalho escrita. (Figura 23)



Figura 23 – *Eu a explicar o singular e plural.*

A Matemática expliquei o que é um pictograma. Como atividade fiz interpretação do gráfico apresentado. O pictograma apresentado tinha como imagem um gelado. Nem todas as crianças foram cumpridoras das regras de funcionamento da sala de aula. No entanto, com a estratégia da fila mais bonita, todas elas se voltavam a portar bem durante um bom e longo tempo. Todos os alunos conseguiram contar de 2 em 2 com facilidade e perceberam o mecanismo de análise do pictograma. Perceberam o que é o singular e o plural, mas quando fizeram a ficha, ao passar os nomes para o plural, esqueciam-se de acrescentar o /s/. Quando se fez o mesmo exercício na oralidade e com os materiais, no quadro, todos fizeram bem à primeira vez.

Inferências e Fundamentação Teórica

Os alunos aderiram bem, mostrando-se atentos, curiosos e participativos. Todas as crianças perceberam bem a matéria que estava a ser lecionada. Ao mostrar imagens durante a aula, proporcionei interesse aos alunos ao mesmo tempo que captei a atenção da turma para aprendizagem dos conteúdos, diversificando, assim, a técnica de ensino. Quanto maior e apelativa for a imagem, melhor, pois as crianças mostram maior interesse nela. Segundo Proença (1990, p. 105),

(...) a imagem (...), pode desempenhar um papel tão importante como o documento escrito quando analisada de forma a fornecer e sistematizar conhecimentos, já que, através dela, é possível transmitir um número quase ilimitado de informações (...) a escola tem também que aproveitar as vantagens da utilização do audiovisual, já que este responde a muitas das necessidades da aprendizagem.

21 de outubro de 2011

Por motivos de força maior, a professora titular teve que faltar. Assim, sendo, a turma ficou com a professora de apoio.

No início os alunos tentaram desafiar a professora, a nível do comportamento, mas a docente, de imediato, pôs ordem na sala e fez com que as crianças a respeitassem.

A professora fez revisões da letra /c/ (cekêxe) onde utilizou, como estratégia, leitura de frases e uma ficha com exercícios, onde as crianças tinham que identificar com que valor se lia o “c” (cekêxe) em cada uma das palavras apresentadas.

Durante a explicação da regra da *Cartilha Maternal*, a professora esqueceu-se de dizer que a seguir ao /c/ poderiam aparecer letras consoantes. No entanto, no decorrer da correção dos exercícios deu pelo erro e corrigiu, oralmente, a regra da Cartilha Maternal que tinha explicado no início da atividade. Depois utilizou os Blocos Lógicos para trabalhar sequências e os conceitos de cor, tamanho, espessura e figuras. Durante a aula, algumas crianças só por terem a figura geométrica da mesma cor, pensavam que a sua figura era igual à que a professora estava a mostrar. Não havia material suficiente para que todos os alunos conseguissem fazer as sequências, mesmo trabalhando a pares.

Inferências e Fundamentação Teórica

Antes de relembrar as regras da lição do /c/, a professora deveria ter verificado toda a informação, pois ao se esquecer de dizer como se lia esta letra seguida de uma letra consoante levou a que os alunos não consolidassem esta informação. Uma vez que ainda estão a aprender a ler, não devemos esquecer de relembrar nenhuma regra deste Método de Leitura. Quando emendou o seu lapso, durante os exercícios, acabou por minorizar este dano, pois o facto de o ter feito enquanto explicava o exercício onde se aplicava a leitura do /c/ seguido de consoante, tornou mais visível e compreensível o seu modo de emprego.

Os Blocos Lógicos são um material muito utilizado nas aulas de Matemática do ensino pré-escolar, contudo, continuam a ser importantes mesmo nos primeiros anos do primeiro ciclo quando as crianças ainda estão a consolidar a matéria relacionada com as figuras geométricas. Também são úteis no campo da identificação da cor, do tamanho e da espessura. Cunha e Nascimento (2005, p. 36 e 37) dizem que os Blocos Lógicos favorecem “o desenvolvimento do pensamento lógico, a aquisição de conceitos, o desenvolvimento da linguagem, a classificação, a conceituação de formas geométricas, a associação de atributos, a formação de conjuntos e a manipulação de semelhanças e diferenças (comparação)”. Dizem também que podem formar conjuntos por livre escolha e descobrir quais foram os critérios utilizados para formação de conjuntos (cor, forma, tamanho ou espessura), descrever as peças por seus atributos; descrever a peça, encontrar peças com os atributos solicitados, fazer uma sequência de peças entre outras coisas.

24 de outubro de 2011

A professora começou o dia com a aula de Matemática, usando os Calculadores Multibásicos. (Figura 24) Durante a utilização deste material, a professora fez algumas situações problemáticas, tais como: “O João tem quarenta berlindes, mas como faz anos, a mãe deu-lhe doze berlindes. Quantos berlindes, tem ao todo, o João, lá em casa?”; “O pai do João foi ao supermercado e comprou dez carrinhos azuis e treze carrinhos encarnados. Quantos carrinhos comprou ao todo?”. Quando a professora falou dos carrinhos encarnados, algumas crianças pegaram nas peças encarnadas, para representar os treze carrinhos encarnados, em vez de representarem o número treze com as peças verdes e amarelas.

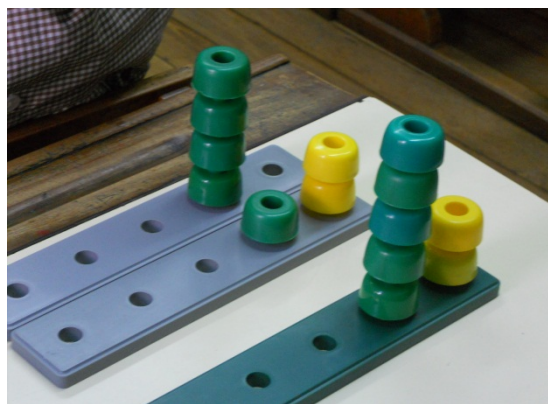


Figura 24 – Situação problemática com os Calculadores Multibásicos.

Em Português os alunos construíram frases a partir de imagens, ou seja, as crianças escreviam uma frase para cada imagem apresentada. Depois fizeram um ditado em que a professora lhes pediu que escrevessem a frase ditada num caligrama. (Figura 27)

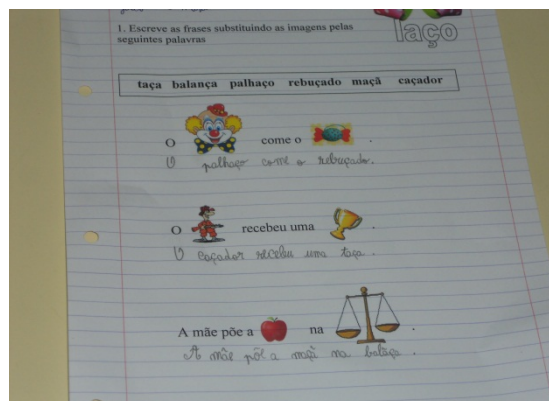


Figura 25 – Construção de frases a partir de imagens.

25 de outubro de 2011

Ao longo da manhã, eu e a Maria fomos ver as aulas surpresa de duas colegas à turma do 2.ºB. Depois fomos para a reunião de avaliação das aulas surpresa. As professoras supervisoras e as professoras cooperantes falaram dos aspetos positivos e negativos que cada aluna teve nas suas aulas e o que poderiam fazer para melhorar os aspetos negativos. Todas nós também tivemos oportunidade de fazer a hetero avaliação das aulas a que assistimos.

Inferências e Fundamentação Teórica

O facto de termos uma reunião de estágio com os professores supervisores de estágio permite-nos uma maior e melhor aprendizagem da nossa profissão, pois dão-nos conselhos e apresentam-nos soluções para melhorarmos a nossa prestação enquanto professores. Para Alarcão (1995), durante a sua formação, os futuros professores devem ter um supervisor que acompanha e avalia situações formativas, construtivas, conducentes ao desenvolvimento profissional dos professores. No entanto, segundo o mesmo autor, o professor supervisor identifica e ajuda na resolução de problemas, mas não se deve apresentar nem deixar que o concebam como uma figura que sabe tudo e de quem se espera que tudo comande.

26 de outubro de 2011

Nesta quarta-feira, a minha outra colega de estágio deu aula a manhã inteira. As temáticas lecionadas foram as seguintes: os sinais de pontuação, as combinações e o sentido do paladar.

Em Português a colega apresentou um painel com um pequeno texto e os vários sinais de pontuação. Os sinais de pontuação estavam destacados, relativamente ao texto. Depois de orientar alguns alunos na leitura do texto apresentado, a minha colega identificou cada um dos sinais que ia aparecendo e explicou qual é a sua função.

A minha colega distribuiu várias peças de roupa (calções de duas cores diferentes e camisolas de quatro cores diferentes) para as crianças trabalharem a pares e descobrirem quantas combinações poderiam fazer. (Figuras 26 e 27) No final, a Aurora fez um quadro e, com o mesmo material, explicou como poderiam descobrir a solução do exercício proposto.



Figura 26 – Materiais utilizados pelos alunos para as combinações.



Figura 27 – Ficha de trabalho sobre combinações.

Na disciplina de Estudo do Meio, levou pequenos frasquinhos com os diferentes sabores para as crianças provarem e fez uma ficha de trabalho. (Figuras 28 e 29) Antes das crianças provarem os conteúdos dos vários fraquinhos, a colega explicou a matéria e dialogou com os alunos acerca de cada um dos sabores e deu exemplos de alimentos para cada sabor. Enquanto cada umas crianças provavam os diferentes conteúdos dos vários frascos, a restante turma resolvia uma ficha de trabalho relacionada com o tema da aula.

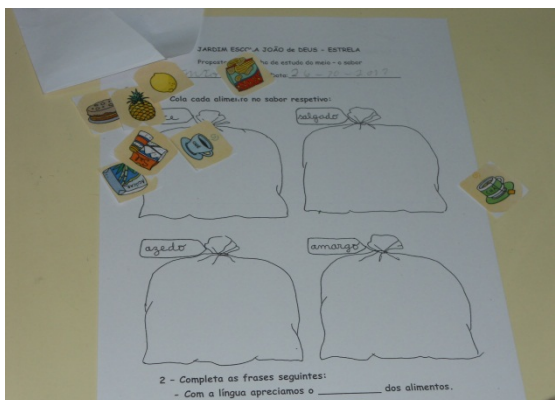


Figura 28 – Ficha de trabalho sobre os tipos de sabores.



Figura 29 – Alunos a provarem vários alimentos para identificar os sabores.

Inferências e Fundamentação Teórica

O facto de não ter retirado o cartaz da aula de Língua Portuguesa e ter colocado o de Matemática ao lado fez com que a certa altura da aula estivessem cartazes de várias matérias, ao mesmo tempo, no quadro.

Notou-se que algumas delas não sabiam trabalhar em grupo, tendo como consequência a não partilha do material utilizado para a aula de Matemática. O material utilizado para dar este tema era bastante adequado e apelativo. Segundo o Intuit National de Recherche Pédagogique (1995) trabalhar a pares, possibilita entre outras coisas,

compreender melhor a forma como se chegou à solução do problema, compartilhar ideias para elaborar em comum uma solução para a resolução dos problemas e desenvolver a capacidade de argumentação ao comunicar o método que utilizou para resolver a solução problemática.

28 de outubro de 2011

A professora fez leitura e interpretação de um pequeno texto sobre o Halloween. Depois deste exercício na oralidade, a docente escreveu as respostas completas no quadro para os alunos copiarem para as folhas. Na exploração gramatical fizeram: classificação de palavras quanto ao género e quanto ao número e colocação de palavras por ordem alfabética. (Figura 30)

Em Matemática fizeram análise de um pictograma, também sobre o mesmo tema, assim como um ditado de lateralização, em que desenharam uma abóbora. A ficha de trabalho sobre os pictogramas foi feita em conjunto, ou seja, a professora fazia a questão dirigida ao aluno, todos ouviam a resposta e as explicações da professora e escreviam na sua ficha. (Figura 31)

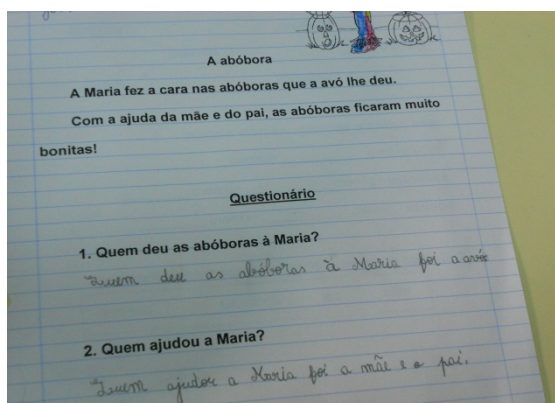


Figura 30 – Ficha de trabalho com perguntas de interpretação de um texto.

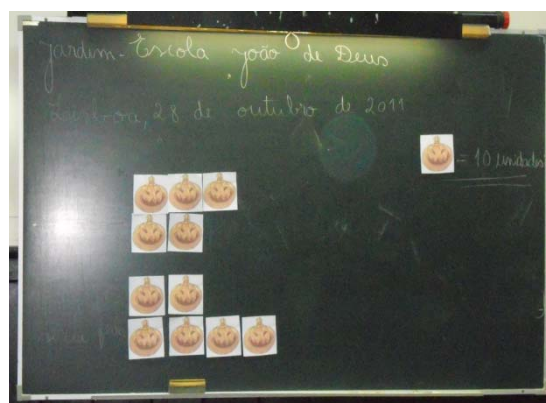


Figura 31 – Abóboras utilizadas para a construção e análise de um pictograma.

Inferências

Nos dias em que se celebra alguma tradição o professor, na sala de aula, pode e deve aproveitar para fazer exercícios em Língua Portuguesa e Matemática sobre essa temática. Assim, estão a trabalhar as unidades curriculares ao mesmo tempo que adquirem conhecimento geral. O facto de também se falar de tradições dos outros países contribui para que as crianças fiquem a saber um pouco mais sobre a cultura de outras nações.

31 de outubro de 2011

Dia de “Roulement” nos Jardins-Escolas. Só estava uma professora por cada ano do pré-escolar e do primeiro ciclo. Ao longo da manhã decorreram actividades sobre o Halloween. As duas turmas do 1º ano ficaram juntas com uma só professora. Eu e a minha colega ficámos na sala do 1ºB a arrumar dossiês e a dar apoio aos alunos que tinham trabalhos em atraso. A professora solicitou-nos que pintássemos o desenho de um tucano para pôr na porta da sala.

04 de novembro de 2011

Aula surpresa da minha colega de estágio, pedida pela professora da sala. Na sua aula, a colega deu os numerais ordinais. Como estratégia utilizou uma corrida de alunos para explicar esta matéria e fez uma ficha de trabalho. (Figura 32)

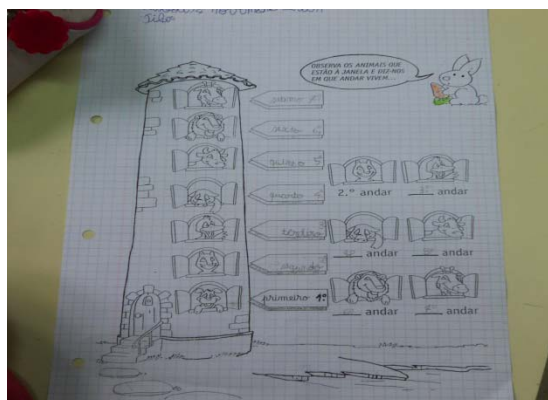


Figura 32 – Ficha de Matemática sobre os numerais ordinais.

Depois do intervalo, a docente fez revisões do /c/ e do /q/. Durante estas revisões, os alunos resolveram uma ficha de trabalho acompanhada da explicação da professora. Na ficha de trabalho o último exercício foi resolvido só pelas crianças da turma. (Figura 33)

Durante a resolução do último exercício, a professora viu um aluno a copiar; e disse-lhe que não podia fazer isso; tinha que fazer sozinho. Logo uma outra criança disse:

Aluno 1: *Professora! A minha mãe disse que no teste cada um de nós tem que dar o melhor que conseguir e souber!*

Professora: *A tua mãe tem razão. No teste temos que dar o nosso melhor e não copiar pelo colega.*

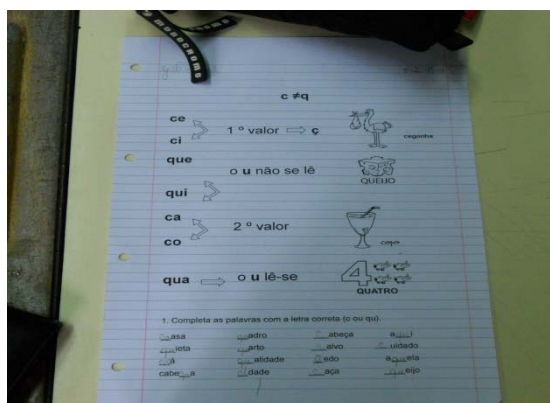


Figura 33 – Resolução da ficha de revisões do /c/ e do /q/.

No final da manhã houve aula de música nós e a professora fizemos a avaliação da aula surpresa da colega.

Inferências e Fundamentação Teórica

Nem todas as crianças se lembravam bem das regras, embora a professora tenha estado, desde o início do ano letivo, a fazer revisões da *Cartilha Maternal*.

07 de novembro de 2011

Dei aula surpresa, pedida pela professora da sala.

Na minha aula dei o primeiro valor do /g/. Como estratégia identifiquei a letra que estávamos a dar e fiz um esquema no quadro onde estavam indicados os casos de leitura do primeiro valor do jêgue. Pedi aos alunos para darem exemplos de palavras com este som e escrevi-as no quadro. Depois resolvemos uma ficha de trabalho sobre esta matéria.

No final da manhã, fizeram uma construção com o 4º Dom de Froebel: escadaria de degrau estreito e resolveram uma ficha de trabalho relacionada com esta construção e com exercícios parecidos com os que foram feitos na oralidade. A construção da escadaria do degrau estreito foi acompanhada de uma história inventada pela professora. Esta história tinha como personagem principal a Alice. Esta personagem é sempre utilizada pela professora nas inúmeras histórias que inventa para dar materiais aos alunos. Quando estava a dar os numerais ordinais, com o 4.º Dom, utilizou uma boneca da Polypocket para fazer exercícios de contagem com os numerais (subir e descer degraus).

Inferências e Fundamentação Teórica

Na minha aula surpresa perdi um pouco de tempo no início. Algumas vezes a minha voz foi um pouco monocórdica. Expliquei bem as regras da Cartilha e mantive uma boa relação com as crianças. Como professora em formação não gosto de dar aulas surpresas, pois neste tipo de aulas os professores pedem-nos para leccionar matérias que muitas vezes não dominamos por completo. Temos que dar aulas sem qualquer tipo de preparação, pedagógica e emocional, vai prejudicar o nosso desempenho e consequentemente a aprendizagem dos alunos. Ao não termos tempo para preparar estas ficamos mais inseguros dos conteúdos que temos que ensinar durante o período de tempo que o professor pede. Embora não goste de dar aulas neste formato (surpresa) reconheço que são de extrema utilidade para a nossa formação, pois é nestas alturas de improviso, quase total, que nós mais aprendemos. Com a continuação destas aulas vamos adquirindo mais confiança no que estamos a fazer enquanto ensinamos as nossas crianças.

Nas suas aulas com materiais estruturados, a professora utiliza sempre histórias e a mesma personagem: a Alice. Esta metodologia tem-se revelado eficaz para manter a atenção dos meninos e proporcionar uma aprendizagem mais eficaz. Sanches (2001, p. 56) diz que contar histórias enquanto se lecciona um conteúdo programático “faz recordar e memorizar mais facilmente e induz uma componente de humor na relação pedagógica (...) contar (...) histórias (...) na aula (...) facilitam as aprendizagens (...)”

08 de novembro de 2011

Manhã de aula com apenas duas áreas disciplinares. O tema da aula foi o S. Martinho.

Em Estudo do Meio contei a lenda d’ “O verão de S. Martinho”. Dialoguei com os alunos acerca da vida deste santo. Fiz uma ficha de trabalho onde se ordenaram as imagens pela ordem dos acontecimentos da história e os alunos escreveram uma frase coletiva para cada imagem.

Em Matemática fiz uma situação problemática com os Calculadores Multibásicos e uma ficha de trabalho. Na ficha de trabalho fizeram a mesma situação problemática utilizando o raciocínio abstrato, trabalharam a quantidade “uma dúzia” e fizeram um ditado de lateralização onde desenharam uma castanha.

Na aula de Matemática os alunos continuaram atentos, mostraram ter o raciocínio lógico da adição bem interiorizado. São crianças que sabem trabalhar com os Calculadores e cumprem as regras de utilização do material em questão. Relativamente à resolução da situação problemática em raciocínio abstrato, as crianças demonstraram facilidade no

pensamento e na construção do algoritmo da adição. No ditado de lateralização algumas crianças tiveram o exercício errado porque não estavam atentas ao que estavam a fazer. Outras duas tiveram que fazer o ditado individualmente, comigo, porque não conseguiram acompanhar o andamento da turma, embora eu estivesse a ditar muito devagar para todos puderem seguir.

Inferências e Fundamentação Teórica

Na aula de Estudo do Meio, as crianças estavam atentas e participativas. Revelaram-se também curiosos e imaginativos. O facto de falarmos de temas pouco explorados durante o ano letivo faz com que as crianças manifestem mais interesse em aprender sobre esse assunto. Ao contar a história do verão de São Martinho e posteriormente dialogar sobre a sua vida e sobre o motivo por que as pessoas comemoram este dia, não só contribuí para a ampliação da cultura geral das crianças, como também dei a conhecer uma visão diferente da celebração deste dia e dei a conhecer o outro lado da vida de São Martinho.

No que diz respeito ao comportamento dos alunos, posso dizer que perto da hora do intervalo, algumas crianças começaram a conversar constantemente. Após várias tentativas para que se calassem, e contra a minha vontade, tive que me zangar a sério com a turma. Esse raspanete foi levado a sério por todos os alunos, o que fez com que ficassem calados o restante tempo da aula até à hora do intervalo. O facto de ter sido rigorosa, ajudou a ter de novo o controlo da turma. Como dizem Rutherford e Lopes (1994, p. 9), o professor deve "(...) ser rigoroso, sistemático e persistente na abordagem dos problemas de comportamento da sala de aula.

Já durante a realização do penúltimo exercício da ficha de trabalho alguns alunos conversaram. Contudo, nunca deixando de estar atentos ao que estavam a fazer. Com esta idade, as crianças em geral ainda demonstram alguma dificuldade em saber distinguir o seu lado direito do lado esquerdo. Por isso, os ditados de lateralização são importantes, em especial nesta fase da infância, uma vez que os ajudam a terem noção da orientação espacial em geral. Quando os alunos demonstram muitas dificuldades neste domínio devem-se fazer este tipo de exercícios com frequência, de modo a ultrapassar esta dificuldade.

11 de novembro de 2011

A professora da sala pediu à minha colega para dar uma aula surpresa sobre numeração romana. Para dar esta matéria, a minha colega identificou os algarismos árabes do 1 ao 9 e depois associou cada um deles à numeração romana. Falou de algumas

curiosidades em relação ao tempo do império romano (ex: estradas, pontes, modo de vida...). Para finalizar a aula fez uma ficha de trabalho em que as crianças tinham que identificar a numeração romana e passá-la para numeração árabe.

Todas as crianças resolveram a ficha com facilidade.

Depois do intervalo, a professora fez revisões da lição do “g”: 1.º e 2.º valores. Como actividade de consolidação fez uma ficha de trabalho e um ditado.

Inferências

A colega explicou bem a matéria e soube manter os alunos atentos à sua aula. Foi importante ter falado de algumas curiosidades acerca do império romano, visto que estava a dar o sistema de numeração utilizado naquela época. Quando passou à actividade, talvez por ser muito simples, as crianças começaram a dispersar-se, tendo como consequência algum barulho de fundo e confusão.

14 de novembro de 2011

Ao início da manhã a professora deu aula com Calculadores Multibásicos (Figura 34) para fazer leitura de números, concluindo com uma ficha de trabalho. Depois fizeram uma ficha de trabalho também com leitura de números, baseada nos Calculadores Multibásicos.

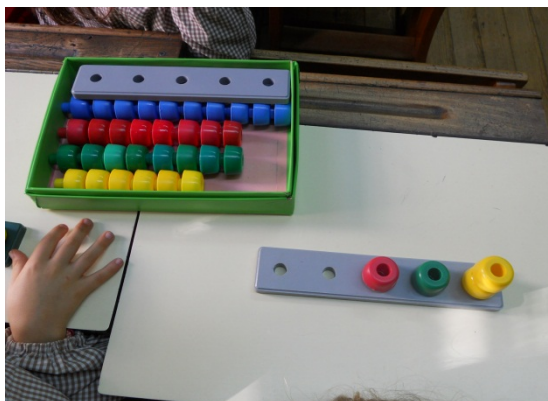


Figura 34 – Leitura de números com os Calculadores Multibásicos.

A meio da manhã eu dei aula surpresa pedida por uma professora supervisora da ESEJD. Nesta aula foi-me pedido para dar Cartilha; 1.º e 2.º valores do /g/ e leitura de uma frase. Comecei por perguntar que valor do “g” é que tinha dado na aula da semana passada. De seguida questionei-os sobre o modo de se ler esta letra com o 1.º valor e relembrar a forma como se lê com o 2.º valor. Como aplicação de conhecimentos, pedi-lhes para

dizerem palavras em que o jêgue se lesse com o primeiro e com o segundo valor, que depois escrevia no quadro. Sempre que detetasse uma palavra que não correspondia ao que estávamos a falar levava a criança a descobrir o seu erro. No fim da aula pedi para uma criança ler a seguinte frase: “O papagaio vive na gaiola.”

Depois do intervalo fomos para a reunião de avaliação das várias aulas com as supervisoras de estágio.

Inferências e Fundamentação Teórica

Alunos estavam participativos e entusiasmados na aula que dei. Podia ter controlado melhor o tempo e optado por uma estratégia de comportamento diferente para manter a ordem e a disciplina na sala de aula. Alguns alunos ficaram entusiasmados demais, querendo ser sempre eles a falar e a responder às perguntas que fazia. Todas as crianças se lembravam do que tinham aprendido na minha primeira aula surpresa. Como Deus diz (1997), quando uma criança está a aprender a ler pelo método da Cartilha Maternal João de Deus deve ir à lição todos os dias, mesmo que seja somente para fazer revisão da letra ou das letras aprendidas anteriormente, pois dessa forma vai consolidar o que já aprendeu com este método de leitura.

Iniciar a leitura de números através dos Calculadores Multibásicos permite à criança adquirir o sentido de número e iniciar a sua leitura de uma forma concreta. Deste modo vai ajudar a que ela faça a transição mais facilmente para a aprendizagem deste conteúdo de forma abstrata. Almeida (1997 citando Kamii et al. 1986) afirma que a aprendizagem da representação escrita de números dá-se ao longo de três níveis, sendo o primeiro o nível concreto, o segundo o nível semi-concreto e o terceiro o nível abstrato. Afirma também que a passagem de um nível para o outro é facilitada pela experiência que a criança adquire em cada um.

15 de novembro de 2011

Neste dia, a professora trabalhou com o material *Cuisenaire* os seguintes conceitos: escada crescente e decrescente, numeração cardinal e ordinal, adição e subtração. Durante as atividades com o Cuisenaire a professora fez as seguintes perguntas para trabalhar as operações aritméticas: “Quantos degraus está o menino acima da menina?” e “Quantos degraus deve a menina subir para se juntar ao menino?”. (Figura 35)



Figura 35 – Escada crescente feita com as barras do Cuisenaire.

Deu Cartilha Maternal: 1.º e 2.º valores do /r/ (rêre). Fez leitura de frases, no quadro, onde aparecia a letra “r” com frequência. Para a leitura de frases a professora Paula escreveu o seguinte texto no quadro: “O rato rói o queijo rijo. Ele caiu na ratoeira. Na rua viu um burro que levava uma carroça.”. Como método, a professora pediu a alguns para lerem uma frase. No fim, pediu a uma menina para ler o texto todo, de modo a que as crianças assimilassem a informação que estava escrita.

No intervalo a professora recolheu as flores para se colocar ao pé do busto do pedagogo João de Deus Ramos, visto ser o dia em que se celebra o aniversário do seu falecimento, depois de deixar a sua grandiosa obra. (Figura 36)



Figura 36 – Flores que os alunos levaram para colocar no busto de João de Deus Ramos.

Inferências e Fundamentação Teórica

Sabendo que os alunos deram pela primeira vez a Cartilha Maternal no bibe azul, torna-se importante relembrar as regras já aprendidas, os alunos por outro lado pois além de já não estarem bem presentes na memória os alunos os alunos por outro lado já conseguem

reter melhor a informação porque estão mais maduros. A menina que leu o texto todo de seguida fê-lo com muita facilidade.

Com a utilização deste material, e como dizem Cunha e Nascimento (2005, p. 38 e 39) as barras do material Cuisenaire permitem

a comparação de tamanhos, a compreensão e correlação de tamanhos, a correspondência de quantidades, o conhecimento dos nomes das cores, a medição, a nomeação, a composição e decomposição e o cálculo mental, (...) descobrir a relação entre as cores e o tamanho dos bastões.

18 de novembro de 2011

Hoje a professora iniciou a manhã com a leitura de números nos Calculadores Multibásicos. De seguida a minha colega deu aula surpresa. Pediram-lhe para ensinar o 1.º e 2.º valores do /c/. Na sua aula, fez revisão dos dois valores da letra “c”. Depois de explicar como se lia esta letra nos seus dois valores, pediu às crianças para dizerem palavras, primeiro onde o /c/ se lê com o 1.º valor e depois onde o /c/ se lê com o 2.º valor. À medida que iam dizendo palavras a colega escrevia-as no quadro. Depois de escrever cada palavra pedia à criança que a tinha dito para identificar a letra a referida letra. Ao se enganar a escrever uma palavra no quadro, em vez de apagar com o apagador, fê-lo com a ponta de um dedo.

Depois do intervalo fomos para a reunião de avaliação com as professoras supervisoras da Prática Pedagógica.

Inferências

Ao rever a lição do /c/, a minha colega aproveitou para relembrar o género e o número dos nomes: matéria que nós as duas já tínhamos lecionado nas nossas aulas de Língua Portuguesa. Ao fazer revisões da matéria já aprendida, as crianças estão a consolidar os conhecimentos que adquiriram ao longo do ano letivo enquanto revêem as diferentes formas de leitura da letra /c/.

Quando a colega escreveu uma frase à sua escolha para fazer a leitura, devia ter cuidado com o tamanho da letra, pois ficou muito pequena para se ver ao longe e também devia ter organizado melhor o espaço do quadro, pois a frase não coube na mesma linha; ficou muito chegada para o lado direito. Quando escrevemos no quadro a caligrafia deve ser legível. Para isso, devemos fazer letra grande, perceptível e deve carregar no giz. Da forma que ela fez, letra pequena e pouco carregada, tornou-se difícil ler para o quadro, tendo levado os alunos a copiar as coisas de forma errada e a ler mal o que está escrito.

21 de novembro de 2011

Neste dia os alunos começaram por fazer uma ficha com exercícios de revisão para a ficha de avaliação sumativa de Matemática que iriam ter em breve.

A meio da manhã fomos ver as aulas surpresa de duas colegas.

Na aula surpresa de Português a colega fez leitura, interpretação e exploração gramatical de um texto. Algumas perguntas de interpretação do texto não foram bem formuladas. Também não exigiu respostas completas às perguntas que fazia. Ao escrever no quadro palavras para análise morfosintática deu alguns erros ortográficos. À segunda colega pediram para dar aula de Matemática utilizando uns fantoches para dinamizar.

Depois do intervalo fomos para a reunião de avaliação das várias aulas programadas e das aulas surpresa. Quando saímos da reunião as professoras do 1.º ano estavam com os alunos no ginásio do Jardim-Escola a fazer a distribuição dos papéis que cada um ia ter na festa de Natal. Durante a distribuição dos papéis as crianças mostraram-se muito entusiasmadas com a festa de Natal.

Inferências e Fundamentação Teórica

A minha colega deu uma boa aula, mas não fez uma boa utilização dos fantoches. Podia ter aproveitado mais e melhor este material. O facto de lhe terem pedido para usar os fantoches significava que eles eram importantes para a aprendizagem dos alunos enquanto os transportava para o plano do imaginário. Costa e Baganha (1989, p. 77-75) dizem que “o fantoche aparece como um amigo, como um conhecido, como alguém que gostaria de conhecer aqueles meninos (...) que faz-nos colocar no plano do imaginário”.

Segundo Alarcão (1995), a prática pedagógica é importante como estratégia de formação de um professor porque consciencializa práticas de si e dos outros, o dinamismo da diversidade desenvolvendo atitudes de abertura e de flexibilidade, diagnosticar problemas pedagógicos e estudar estratégias de resolução em contexto de sala de aula. Neste sentido, ver aulas de outras colegas de estágio é importante, porque podemos ver o comportamento de outras crianças dentro da sala de aula e porque podemos reflectir e aprender novas técnicas de ensino, enriquecendo o nosso conhecimento pedagógico.

22 de novembro de 2011

Neste dia foram as estagiárias que ficaram encarregues do tempo de acolhimento e das canções de roda. A directora do Jardim-Escola teve que reunir de emergência com o

corpo docente para tratar de assuntos de logística. Por esse motivo, a aula da minha colega atrasou-se um pouco. Ela abordou os seguintes temas: segurança rodoviária e Cartilha.

Na aula de Estudo do Meio a colega começou por fazer a distinção entre as diferentes formas dos sinais de trânsito bem como dos seus significados. Depois falou de como nos devemos comportar quando vamos no carro e que regras temos que cumprir enquanto peões. Em último lugar fez uma ficha de aplicação de conhecimentos. Durante a aula de Estudo do Meio, e já com a ficha de atividade em cima da mesa, um aluno, ao ver que nunca mais começavam a fazer o exercício e que ainda tinha desenhos para pintar, perguntou:

Aluno 1: *Quando é que fazemos alguma coisa... Eu quero pintar, se não fico com muitos trabalhos em atraso!*

Na aula de Língua Portuguesa, fez revisão de todos os valores com que se pode ler o /s/ (cezêxe). Alguns alunos não responderam corretamente, não se lembravam desta letra nem como se lia nas diferentes situações em que é empregue.

No decorrer da aula de Língua Portuguesa, a minha colega foi à Cartilha buscar algumas palavras para as crianças lerem.

Ao longo de toda a aula, a colega usou como estratégia de comportamento os sinais de trânsito, que funcionava da seguinte forma: cada aluno era responsável pelo seu comportamento e por consequência do comportamento geral da fila em que se encontrava; consoante o nível da conversa o sinal mudava de cor desde o verde até ao encarnado e vice-versa. (Figura 37)



Figura 37 – Sinais de trânsito utilizados para a estratégia do comportamento.

Inferências e Fundamentação Teórica

Ao início, a estratégia que a minha colega criou, relativamente ao comportamento dos alunos, resultou e foi bem conseguida mas mais para a frente eles começaram a

dispersar. Apesar de ter sido uma aula interessante e com dinâmica, acabou por demorar muito tempo e como consequência, as crianças começaram a ficar um pouco saturadas do tema. Quando estavam a fazer revisões do “s” pode-se constatar que algumas crianças desta turma não se lembravam desta letra nem como se lia nas diferentes situações em que é empregue.

Devido ao mau comportamento dos alunos, a determinada altura da manhã a colega passou a ser mais exigente com o comportamento das crianças e com o cumprimento das regras da sala de aula.

Falar da segurança rodoviária na escola é uma forma de as alertar para os perigos que correm quando estão a brincar ou a passear na rua ou quando estão em viagem se não cumprirem com todas as regras de segurança. Ao falarmos com as crianças destes assuntos estamos a sensibilizá-los para que compreendam que é importante termos cuidado e que devemos cumprir todas as regras que nos permitem andar pela rua de forma segura.

25 de novembro de 2011

Ficha de avaliação sumativa de Língua Portuguesa. A minha colega continuou a aula do dia anterior. Fez as palavras cruzadas relacionadas com o tema da aula de Estudo do Meio. (Figura 38). Na aula de Educação Musical fizeram ensaios das canções para a festa de Natal.



Figura 38 – Atividade da aula sobre a segurança rodoviária (palavras cruzadas).

Inferências

Apesar da ficha de avaliação ser fácil, algumas crianças sentiram algumas dificuldades em fazê-la. Isto notou-se nas crianças que por mais que sejam alertadas e avisadas estão quase sempre distraídas nas aulas.

As crianças continuaram a revelar interesse e entusiasmo para com a festa de Natal. O professor de música é muito animado e sabe trazer diversão para a aula; por isso, quando ele chega é sempre uma grande animação. O facto das suas aulas serem sempre divertidas faz com que esta turma aguarde a chegada da sexta feira com grande ansiedade e entusiasmo e com que as crianças aprendam de uma forma divertida, alegre e dinâmica.

1.2. Secção 2 – Bibe Azul Escuro/4.º ano

1.2.1. Data do estágio: 28 de novembro de 2011 a 10 de fevereiro de 2012

1.2.2. Caracterização da turma

A turma do 4.º ano é formada por 24 alunos, sendo 12 do sexo masculino e 12 do sexo feminino. Existem dois gémeos.

Todas as crianças se deslocam em transporte próprio ou a pé; vivendo 5 deles fora do concelho de Lisboa (Cascais, Loures e Almada).

Segundo informações cedidas oralmente pela professora da sala, esta turma é interessada no ambiente que a rodeia e participa ativamente nas actividades apresentadas dentro e fora da sala de aula. Em termos comportamentais é uma turma muito agitada e pouco respeitadora. No recreio são conflituosos e pouco amigos uns dos outros. Em termos curriculares, a maioria da turma apresenta maiores dificuldades na área da matemática, encontrando-se essa dificuldade principalmente nas operações aritméticas e na resolução de situações problemáticas. Na área de Língua Portuguesa, alguns alunos apresentam dificuldade da reprodução de textos e na aplicação correta das regras ortográficas, nomeadamente nos grafemas como t/d, v/f, s/j/ch, entre outros que trocam. Estes alunos não conseguem acompanhar a restante turma durante o trabalho autónomo, requerendo apoio individualizado da professora, nosso ou mesmo de uma professora de apoio. É também de referir a total irregularidade e descuido da caligrafia de alguns alunos deles.

1.2.3. Caracterização da sala de aula

Na sala de aula do quarto ano existem mesas e cadeiras de madeira, adequadas à estatura das crianças. As mesas e as cadeiras são todas individuais. Tal como no primeiro ano, estas mesas também têm tampos que se podem levantar. Geralmente estes tampos

utilizam-se em cima, quando a docente está a dar materiais estruturados de matemática ou quando os alunos estão a ter aula de Expressão Plástica.

Uma das paredes tem um quadro interactivo. Numa outra parede lateral está o antigo quadro de ardósia. Nas outras paredes existem estantes onde estão guardados os livros, os dossiês dos alunos e outros materiais. Junto ao quadro interativo há um computador que se utiliza em conjunto com o quadro. No pequeno hall de entrada estão cabides onde as crianças podem pendurar os casacos e as mochilas.

Esta sala tem uma única porta que dá para um corredor de acesso ao salão, à biblioteca e ao pátio do Jardim-Escola.

1.2.4 Rotinas diárias

As rotinas do 4.º ano são iguais às do 1.º ano. As duas turmas fazem intervalo a meio da manhã e a seguir ao almoço e todos têm os dois lanches e o almoço à mesma hora. Relativamente aos hábitos de higiene, estes também são desenvolvidos nas mesmas condições.

Actividades Curriculares Disciplinares

O quarto ano tem Língua Portuguesa, Estudo do Meio e Matemática. A única disciplina que tem a mais que o primeiro ano é a de História de Portugal que está enquadrada na área curricular do Estudo do Meio.

História de Portugal – Nesta disciplina estuda-se o passado da Península Ibérica e do nosso país, mais concretamente desde a pré-história até ao passado recente de Portugal. De acordo com as Orientações Curriculares (2007, p. 113) para o 1.º Ciclo, quando a criança estuda a História do seu país vai conhecer personagens e factos da história nacional com relevância para o meio local (batalhas ocorridas, reis que concederam forais a localidades da região...), conhecer os factos históricos que se relacionam com os feriados nacionais e o que significam, recolher dados sobre aspectos da vida quotidiana do tempo em que ocorreram esses factos e localizar os factos e as datas estudados no friso cronológico da história de Portugal.

Actividades Curriculares Não Disciplinares

O quarto ano tem todas as actividades curriculares não disciplinares que o primeiro ano tem. A estas actividades já referidas na outra secção deste relatório acrescenta-se o Clube de Ciências, que só há a partir do 2.º ano.

Clube de Ciências – O Clube de Ciências é lecionado por dois professores que são também professores da ESEJD Esta atividade tem a duração de uma hora por semana. As crianças fazem várias experiências relacionadas com a matéria que dão a Estudo do Meio e também sobre outras matérias que despertam a curiosidade e o interesse, como por exemplo: as células, os protozoários, a respiração das plantas. Sá (1994, p.25), afirma que

as atividades científicas são um contexto privilegiado para o desenvolvimento da comunicação oral e escrita, bem como da matemática (...) as crianças são estimuladas a falar, descrevendo e interpretando o que observam, procuram palavras novas face à insuficiência de vocabulário para lidar com novas situações.

O mesmo autor, baseado na teoria construtivista de Piaget diz que as crianças aprendem fazendo e aprendem a pensar sobre o que fazem. É neste contexto que se encaixam as atividades experimentais, uma vez que as crianças manipulam, observam e pensam sobre os resultados obtidos.

1.2.5. Horário da turma

No Quadro 3 está horário relativo às atividades do 4.º ano do Jardim-Escola João de Deus da Estrela.

Quadro 3 – Horário do 4.º ano do primeiro ciclo do ensino básico.

PROJETO CURRICULAR DE ESCOLA
ORGANIZAÇÃO DO TEMPO LETIVO 2011/2012
PROFESSOR LUÍSA



Horário 4º Ano A

4º Ano A	2ª Feira	3ª Feira	4ª Feira	5ª Feira	6ª Feira
9.00-9.50 10.00-10.50	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa
11.00 - 11.30	RECREIO	RECREIO	RECREIO	RECREIO	RECREIO
11.30-12.10 12.10-13.00	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática Orquestra	Língua Portuguesa	Matemática
13.00-14.30	ALMOÇO E RECREIO	ALMOÇO E RECREIO	ALMOÇO E RECREIO	ALMOÇO E RECREIO	ALMOÇO E RECREIO
14.30-15.20	Estudo do Meio	História	Biblioteca/Informática	Hora do conto 14.30/15h	Estudo do Meio
15.20-16.10	Inglês	Estudo do Meio (Clube de Ciência)	Educação Musical	Expressão Artística	
16.10-17.00	Formação Pessoal e Social	Estudo do Meio	Formação Pessoal e Social	Educação Física	História
17.00 17.15	LANCHE SAÍDA	LANCHE SAÍDA	LANCHE SAÍDA	LANCHE SAÍDA	LANCHE SAÍDA

(Horário sujeito a alterações)

1.2.6 – Relatos diários

28 de novembro de 2011

Início do dia com a apresentação da novas alunas estagiárias aos alunos da turma e vice-versa. A apresentação seguiu-se de uma conversa entre professora e alunos sobre o que fizeram no fim-de-semana.

Depois escreveram os sumários da semana anterior no caderno diário e fizeram ditado de um texto intitulado “A menina e Titó”.

Decorreram os primeiros ensaios para a festa de Natal. Enquanto isso, os alunos que não estavam a ensaiar, porque não era a sua vez, ficaram connosco a acabar os trabalhos que tinham em atraso.

Inferências e Fundamentação Teórica

É de salientar entre todas as inferências deste dia, que durante a conversa sobre as actividades do fim-de-semana se falou sobre o vandalismo que ocorreu no estádio do Benfica durante o jogo de futebol, no domingo. Nesta altura, e aproveitando para se dar um pouco de formação cívica, uma criança disse que concordava com o que tinha acontecido. Ao ouvir este comentário a professora repreendeu-o fortemente e disse que a opinião dele não era de uma pessoa que tinha um comportamento cívico. Ao ter repreendido e posteriormente conversado com o aluno sobre o seu ponto de vista, a professora está a ir de encontro ao que Sousa (2001, p. 143) diz sobre a vivência dos valores na escola:

entre a família e a sala de aula situa-se o contexto escolar, que tem a responsabilidade de promover um equilíbrio entre os valores que são praticados naquelas e as contradições que sucedem nos valores praticados no meio comunitário (...) em que todos se integram.

29 de novembro de 2011

A manhã de aulas começou pela distribuição de uma ficha de avaliação de Estudo do Meio e História. A avaliação sumativa decorreu até à corra do intervalo. Depois do intervalo fizeram um ditado e divisões com números decimais. Enquanto decorreram os ensaios para a festa de Natal, alguns alunos ficaram a terminar os trabalhos em atraso.

Inferências e Fundamentação Teórica

Ribeiro e Ribeiro (1990, p. 361), afirmam que fazer avaliação sumativa ao longo de um período escolar é uma ferramenta muito importante para o professor, pois vai-lhe fornecer mais um elemento de informação que poderá utilizar na avaliação final dos seus alunos, em conjunto com outros dispositivos elaborados para este fim.

Estas crianças, durante a manhã, chegavam sempre muito agitadas à sala de aula.

Na hora das idas à casa de banho e no tempo de acolhimento elas aproveitam sempre para brincar, em vez de o fazerem no tempo e local apropriado.

Durante a resolução das operações de dividir as crianças demonstraram inúmeras dificuldades. Por isso, a docente teve que ir ao quadro para explicar de novo esta matéria.

02 de dezembro de 2011

Dia de Roulement. As duas turmas do 4.º ano ficaram juntas na mesma sala. Até à hora do intervalo fizeram leitura, cópia e interpretação de um texto intitulado “Um ar de inverno no ar”, p. 50 do manual escolar. Na outra parte da manhã terminaram os trabalhos que tinham em atraso.

Durante esta manhã as alunas estagiárias desenharam e cortaram estrelas em cartolina de várias cores e tamanhos para enfeitar a sala de aula e o corredor, sobre a temática do Natal. (Figura 39)



Figura 39 – Estrelas de cartolina que as estagiárias fizeram.

Inferências

Ao ter a sala de aula e o ambiente em redor decorado de acordo com a estação do ano ou de acordo com a festividade daquela época permite que as crianças se sintam mais

entusiasmadas e interessadas pela temática festiva. Contribui também para que o ambiente da escola se torne mais acolhedor, pois ao encontrarem as paredes da sala e do corredor decoradas fá-los sentirem-se em casa. No entanto, penso que as crianças podiam ter uma intervenção nesta decoração.

05 de dezembro de 2011

Hoje, a primeira atividade que fizeram ao chegar à sala foi colocar os sumários em dia. De seguida fizeram um ditado de palavras e ensaiaram para a festa de Natal.

No ditado, a professora utilizou palavras que as crianças utilizam com frequência nos trabalhos, mas que por mais que as escrevam fazem-no sempre ou quase sempre com erros ortográficos.

Nós ocupámo-nos dos adereços (máscaras e outras coisas) que vão ser usadas na representação da peça de Natal. (Figuras 40)



Figura 40 – Pormenor de duas máscaras que se utilizaram na festa de Natal.

Inferências e Fundamentação Teórica

A participação dos estagiários nas atividades que decorem na escola é importante porque nos fazem sentir inseridos e acolhidos pela equipa docente do Jardim-Escola, porque temos a oportunidade de aprender mais e enriquecer a nossa relação com os alunos. Segundo Mialaret (1981), “no sentido de familiarizar o estudante com os alunos, seria útil, associá-los em diversas atividades: passeios, excursões, preparação de festas, decoração das salas, apresentação de uma exposição de trabalhos escolares, vigilância das crianças (...).”

06 de dezembro de 2011

Até à hora do intervalo dei aula sobre os primeiros socorros: como e quando os prestar em caso de afogamentos, asfixia, ferimentos, fraturas, envenenamentos, queimaduras e hemorragias; quando chamar o 112 e o que deve estar numa maleta de primeiros socorros. Comecei por fazer algumas perguntas e aproveitando os seus conhecimentos defini o conceito. Enquanto explicava a matéria, os alunos acompanhavam a aula através de um *powerpoint* e de demonstrações que eu ia fazendo sobre a forma de socorrer as pessoas nos casos referidos acima. Para exemplificar chamava algumas crianças para fazerem de vítimas.

Depois da aula decorreram ensaios para festa de Natal e já à hora do almoço fizemos a avaliação da minha aula.

Durante os ensaios continuámos a fazer os adereços para a festa de Natal.

Inferências e Fundamentação Teórica

Desde o início da manhã a turma mostrou-se muito agitada. Durante a minha aula os alunos mostraram-se muito curiosos acerca da matéria. Testaram ao limite até onde chegava a minha paciência, ou seja, até que ponto se podiam portar mal. Também fizeram muitas perguntas para ver se eu estava segura da matéria que estava a ensinar.

Do meu ponto de vista, os professores, sejam eles estagiários ou titulares, devem mostrar sempre segurança quando estão a explicar a matéria à turma, pois se as crianças se aperceberem dos nossos medos e que não dominamos os conteúdos, vão aproveitar a situação para nos fazerem perguntas às quais poderemos não saber responder, deixando-nos ainda mais inseguros. No dia a dia o professor deve mostrar ser paciente, mas deixar bem claro, desde o início do ano letivo que na sala de aula existem regras que devem ser respeitadas. Ao ser firme quando toma as suas decisões, o professor consegue impor respeito, mostrando quem manda dentro da sala de aula e na turma enquanto as crianças estão sob os seus cuidados.

Definir a expressão “primeiros socorros” e ensinar a criança a atuar em casos mais simples contribui para que possamos, em determinado momento, salvar a vida de alguém. Por isso, e de acordo com Duarte e Gonçalves (1996, p. 74), “prestar um primeiro socorro num determinado momento, pode salvar uma vida, ou (...) pode ajudar o jovem e a criança a ter consciência do perigo.”

09 de dezembro de 2011

Durante toda a manhã houve ensaios para a festa de Natal, quer a nível musical quer a nível de encenação. Mais uma vez, as estagiárias ocuparam-se dos adereços para serem utilizados. (Figuras 41 e 42)



Figura 41 – Adereço da festa de Natal (bouquet).



Figura 42 – Adereço da festa de Natal (véu e grinalda).

12 de dezembro de 2011

Relativamente ao trabalho das alunas estagiárias, umas ensaiaram as coreografias e as restantes ficaram a organizar os programas para a festa. Os alunos que não estavam a ensaiar ficaram na sala a terminar os trabalhos em atraso.

Ao longo deste mês de dezembro as crianças têm-se mostrado cada vez mais entusiasmadas e excitadas com tudo o que envolve a festa de Natal da escola.

Inferências e Fundamentação Teórica

As professoras ao proporem atividades de expressão dramática para a festa de Natal estão a trabalhar a pedagogia da expressão. Deste modo e enquanto ensaiam, estão a fazer a ponte entre a arte e o ensino favorecendo o desabrochar dos jovens em geral. Lander e Barret (1993, p. 12) afirmam que “(...) a expressão dramática, enquanto prática pedagógica do teatro no sentido mais lato, pode-se fixar como finalidade favorecer o desenvolvimento, o desabrochar da criança através de uma atividade lúdica que permita uma aprendizagem global (cognitiva, afectiva, sensorial, motora e estética).”

13 de dezembro de 2011

Durante todo o dia houve ensaios para a festa de Natal no ginásio do Jardim-Escola e da ESE com as professoras e com as estagiárias.

Talvez por causa do nervosismo, nos ensaios, a maioria dos alunos do 4.º ano não esteve com muita atenção. Alguns não sabiam mesmo quando tinham que entrar e outros não se lembravam de todas as suas falas.

Os alunos que estavam a observar os ensaios dos colegas não mostraram muito respeito pelas outras crianças e por quem estava a ensaiar com eles, pois estiveram sempre a conversar.

14 de dezembro de 2011

Hoje decorreram também os ensaios para a festa de Natal.

Apesar de não ser dia de estágio, eu estive no Jardim-Escola para ajudar nos últimos cenários e adereços.

À tarde eu e as colegas organizámos os programas em conjunto com algumas professoras e funcionárias da ESE.

Alguns alunos continuavam desatentos nos ensaios. Ao se aperceberem disso, as professoras zangaram-se com eles, pois não estavam a ter respeito pelos colegas, pelas professoras e pelas estagiárias. Uma das professoras disse o seguinte: *“Vocês não estão a ter respeito nenhum pelos vossos colegas, por nós que vos estamos a ensaiar e pelas senhoras estagiárias que faltaram às aulas para estar a ajudar nos vossos ensaios!!!”*

Inferências

A festa de Natal é uma atividade muito importante para o Jardim-Escola. Sendo uma atividade exibida para os pais, amigos e familiares das crianças e também para a direcção da Associação, torna-se importante que as peças de teatro fiquem bem ensaiadas. O facto de nem todos os alunos se saberem comportar durante os ensaios revelou que eles não tinham respeito nem consideração pelas pessoas que estavam a trabalhar para eles. Ao exigir que as crianças se comportem e respeitem todas as pessoas que estão a dirigir os ensaios e a trabalhar na organização da festa de Natal, os professores estão a mostrar que ensaiar não é uma simples forma de passar o tempo, mas sim, uma atividade diferente e que deve ser respeitada como se estivessem a trabalhar dentro da sala de aula.

15 de dezembro de 2011

Hoje foi dia de ensaio geral para a festa.

Apesar de também não ter estágio neste dia, eu e as minhas colegas fomos ao Jardim-Escola para ajudar nos últimos ensaios. Da parte da tarde faltámos às aulas para ajudar no ensaio geral da peça de teatro.

O comportamento dos alunos esteve um pouco melhor mas ainda houve alguma instabilidade por parte das crianças.

Inferências

Por ser véspera da festa de Natal os nervos das professoras e das estagiárias estavam à flor da pele. Era muita responsabilidade, desde os adereços e cenários às entradas e saídas do palco, às coreografias e à colocação das músicas. Todas as pessoas que se envolveram na sua organização começam a demonstrar alguma ansiedade e nervosismo. Saber controlar as nossas emoções nestas alturas é muito importante, pois só assim conseguimos pensar e fazer o nosso trabalho bem feito. Ao mostrarmos calma e segurança aos alunos também lhes estamos a transmitir tranquilidade e a segurança de que necessitam para que fiquem confiantes e tudo corra bem.

16 de dezembro de 2011

Durante a manhã, as estagiárias organizaram as avaliações dos alunos para se entregarem aos pais e ajudaram na decoração do refeitório do Jardim-Escola para o almoço de Natal.

Ao fim da tarde ajudámos a preparar os alunos para a festa que se realizou às 18 horas – vestir as roupas para a peça de teatro e distribuir as flautas para o coral. A peça exibida pelas crianças do 4.º ano foi a história “Romeu e Julieta”.

Ao final do dia houve um jantar de natal para o pessoal docente e estagiárias do Jardim-Escola com a direcção da ESE.

Apesar dos últimos ensaios terem sido um pouco agitados e perturbados pelo mau comportamento dos alunos, a exibição da peça correu muito bem. Todos sabiam os seus lugares, as suas falas e quando entravam e saíam. As músicas também foram colocadas nos tempos corretos e as coreografias foram um êxito.

Inferências

Na instituição escolar, devem-se formar pequenas orquestras escolares de modo a que as crianças desenvolvam o gosto pela música. Luzuriaga (1986, p. 145) afirma que “a celebração de festividades (...) com a participação de orquestras e coros escolares (...) contribui para esse fim, único, a que deve visar a educação musical na escola.”

Haver jantares convívio entre professores, estagiários e a direcção da Associação faz-nos sentir que no nosso trabalho também nos podemos sentir em família. Convidar os estagiários para estes convívios possibilita-nos conviver mais com o corpo docente e sentirmo-nos bem recebidos pela equipa da instituição escolar. Dá-nos uma sensação de pertença daquela realidade educativa.

02 de janeiro de 2012

Roulement. Algumas professoras ainda estavam de férias e havia muito poucas crianças.

Início da manhã com visionamento de um filme de desenhos animados e encaminhamento dos alunos para a sala de aula e idas ao WC.

As professoras planificaram as atividades para as duas semanas seguintes.

Jogo entre as estagiárias e os alunos: monopólio da alimentação; mas para que o jogo pudesse decorrer foi necessário modificar a planta da sala de aula. O objectivo do jogo era preencher a pirâmide alimentar respondendo às perguntas corretamente.

Durante o jogo os alunos souberam trabalhar em equipa. Havia mais alunas estagiárias do que crianças no Jardim-Escola.

O alarme contra incêndios disparou mas afinal não tinha acontecido nada, apenas estavam a fazer testes para avaliação do bom funcionamento do sistema de alarmes.

Inferências

Quando os alunos regressam de férias, os professores devem integrar os alunos no contexto de sala de aula e dialogar com eles sobre as férias de Natal, a noite de consoada e a passagem de ano. Ao não se fazer isto, o docente não está a valorizar a personalidade dos alunos nem a sua capacidade de expressão oral. Dialogar com eles sobre as prendas que receberam no Natal e sobre as suas actividades das férias, além de obrigar os alunos a desenvolverem a sua capacidade de comunicação, permite-nos conhecer melhor os gostos de cada criança e desvendar um pouco mais a sua personalidade.

03 de janeiro de 2012

Logo que entrámos professoras e estagiárias organizaram a sala de aula, colocando as mesas e as cadeiras dos alunos nos respetivos lugares. A partir da nova planta da sala a professora atribuiu novos lugares a cada um dos seus alunos. As carteiras estavam em forma de U.

Fizeram leitura, interpretação e exploração gramatical de um texto sobre o Ano Novo e falar de algumas tradições noutros países. Procuraram o significado de algumas palavras no dicionário (ex: iludir). Para terminar a aula de Língua Portuguesa fizeram exercício caligráfico do texto que leram em voz alta.

Em Matemática trabalharam leitura de números com os Calculadores Multibásicos. A professora aproveitou este material para fazer revisões das ordens e classes dos números. Neste momento os alunos já tinham aprendido leitura de números até à classe dos milhares de milhão. Enquanto estavam a utilizar os Calculadores Multibásicos, um aluno começou a brincar com o material. Para resolver a situação a professora mandou-o arrumar a caixa e assistir à aula que estava a dar.

Inferências e Fundamentação Teórica

Durante a leitura do texto a turma não estava a seguir totalmente o texto. Alguns estavam mesmo a fazer as palavras cruzadas situadas na página do texto em questão. Outros alunos estavam irrequietos e distraídos, não prestando atenção ao que a professora estava a dizer sobre algumas curiosidades sobre a passagem do ano.

Verifiquei que esta matéria não é muito abordada pela docente, pois a maioria das crianças tiveram dificuldades em dizer os nomes das classes. Contudo, alguns deles tiveram essa dificuldade porque estavam com falta de atenção à aula.

A utilização do material didático na aula de Matemática, independentemente de ser estruturado ou não, traz imensos benefícios para a aprendizagem dos conceitos matemáticos e para o desenvolvimento do raciocínio lógico, pois só experienciando e manipulando é que se consegue promover uma boa aprendizagem. O Ministério da Educação, citado por Caldeira (2009, p.17), refere que “na aprendizagem da Matemática, como em qualquer outra área, as crianças estão normalmente dependentes do ambiente e dos materiais à sua disposição. Neles, a criança deverá encontrar necessidade de exploração, experimentação e manipulação.”

Colocar a planta da sala em forma de U pode ser muito enriquecedor para apreensão dos conhecimentos dos alunos e para a promoção do diálogo/debate em grande grupo. Quando se querem fazer jogos didáticos, a planta da sala disposta desta forma também

contribuiu grandemente para a realização. Bento et al. (1993, p. 58) dizem que a “disposição da sala de aula é (...) fundamental e, (...) a solução das mesas em U revela-se a mais eficaz nas aulas de debate em grupo alargado e na realização de muitos jogos.”

06 de janeiro de 2012

Antecipadamente, eu e as minhas colegas preparámos uma aula sobre os Reis Magos para dar neste dia.

A aula começou com o visionamento de um vídeo. A partir do filme falámos um pouco sobre a celebração do dia de Reis e o que aconteceu naquela época. Também explicámos e dialogámos sobre a simbologia da estrela, dos presentes oferecidos pelos magos e do bolo-rei.

Lemos com eles a história que ouviram no filme e fizemos uma ficha de aplicação de conhecimentos gramaticais: conjugação de verbos, caça ao erro ortográfico/correção e ditado de palavras. (Figuras 43 e 44)

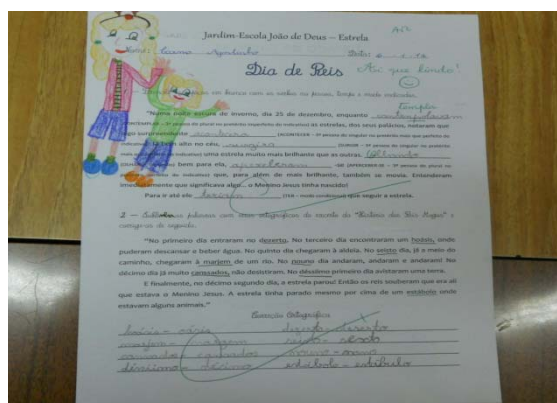


Figura 43 – Ficha de Língua Portuguesa (conjugação verbal e caça ao erro ortográfico).



Figura 44 – Ficha de Língua Portuguesa (ditado de palavras).

No intervalo comeram uma fatia de bolo rei que nós levámos. Por último, fizemos situações problemáticas a partir da receita do bolo-rei.

Inferências e Fundamentação Teórica

Cordeiro (2007, p.375) diz que as atividades temáticas “(...) são muito importantes, pois ajudam a criança a encontrar uma organização temporal, dando-lhe segurança para prever o que vem depois (...) exemplo do Natal, do Dia de Reis, do Carnaval (...)”

09 de janeiro de 2012

Neste dia dei a minha aula programada. Quando comecei a aula, nem todos os alunos tinham chegado à escola. Todos os alunos que chegaram depois do início da aula mas foram acolhidos.

Na aula de Língua Portuguesa fiz leitura e interpretação de um texto sobre a viagem de uma gotinha adaptado propositadamente para poder lecionar as palavras homónimas. Na interpretação de texto, os alunos nem sempre respondiam às perguntas, de forma completa. (Figuras 45)



Figura 45 – *Eu a explicar as palavras homónimas.*

Em Estudo do Meio comecei por ler o protocolo experimental e identificar cada um dos materiais necessários para a realização da experiência sobre a evaporação e a condensação da água. Posteriormente, realizei a experiência, acompanhada de uma explicação do que estava a acontecer à água. Depois preenchemos os resultados e as conclusões do protocolo experimental e passámos para a aula de Matemática. (Figura 46)



Figura 46 – *Experiência sobre a mudança dos estados físicos da água (evaporação e condensação).*

Comecei a aula de Matemática com uma situação problemática muito simples, para depois passar para a potenciação. A situação problemática apresentada foi a seguinte: “Quantos litros de água comprou o senhor Joaquim, sabendo que foi ao supermercado e comprou seis garrações de água que levavam seis litros cada um?” A partir do resultado do problema referido acima disse que o podíamos escrever em forma de potência, representei-o, explicando o conceito. Para finalizar fizemos uma pequena ficha de aplicação de conhecimentos.

Inferências e Fundamentação Teórica

Ao fazer esta experiência, os alunos puderam observar o comportamento da água consoante a temperatura a que é submetida. Como dizem Martins et al. (2008, p. 16) com estas atividades experimentais levamos as crianças a identificar o estado físico em que se encontra o material utilizado para a experiência, a água, e a reconhecer que o seu estado físico se pode alterar com a mudança da temperatura a que é submetida.

Para que o professor aprendiz possa melhorar o seu desempenho profissional é conveniente que o aprendiz de professor observe inúmeras atividades dentro da instituição escolar onde está a estagiar. Glattorn et al. (1891, p. 72) afirmam que a “assistência às aulas do orientador, de outros professores em formação e eventualmente de outros professores da escola seguida de discussão” é a melhor forma do estagiário ter uma aprendizagem em que produza o seu crescimento profissional. Para os mesmos autores, essa discussão das aulas deverá ter por base a análise da relação professor-aluno em que o professor orientador com o restante grupo de professores discute os comportamentos desejáveis de um professor na aula.

10 de janeiro de 2012

Na primeira parte da manhã os alunos trabalharam a área da Matemática, onde revolverem exercícios com a aplicação de percentagens (descontos). Nos problemas a professora dava o preço e depois dizia que tinham pago menos uma décima do preço total. Como foi a primeira vez que fazia este tipo de exercícios com a turma, a resolução dos exercícios foi sempre feita em conjunto e acompanhada da explicação da professora.

Depois do intervalo, trabalharam frações com o 5.º Dom de Froebel e fizeram a construção do crucifixo. Enquanto explicava como se fazia a construção a professora ia-a fazendo com o mesmo material mas em tamanho maior. (Figuras 47)

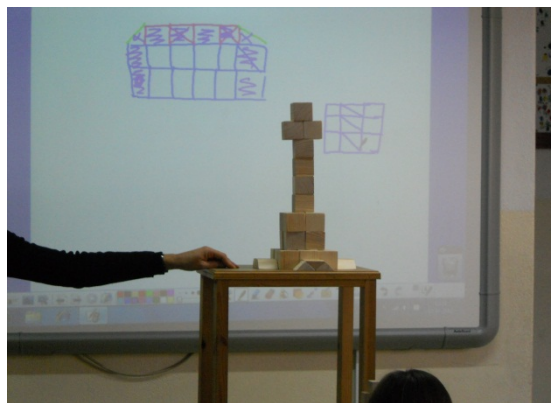


Figura 47 – Crucifixo feito pela professora (construção do 5.º Dom de Froebel).

Inferências e Fundamentação Teórica

Para que as crianças consigam montar a sua construção com mais confiança e segurança, o professor ou a pessoa que está a dirigir a atividade deve demonstrar como se faz enquanto explica oralmente. Se fizer a sua construção com o mesmo material de maior tamanho e num local em que todos possam ver com clareza, também vai facilitar o desenrolar a atividade por parte dos alunos.

Segundo Caldeira (2009, p. 302), a utilização do 5.º Dom de Froebel ao nível das construções permite que a criança desenvolva a capacidade de equilibrar peças, a lateralidade, a noção espacial e o raciocínio lógico.

13 de janeiro de 2012

Logo ao início da manhã, a professora fez revisões sobre os estados físicos da água e o ciclo da água. Enquanto se fez revisão da matéria de Estudo do Meio, os alunos conversam sempre muito e a professora tem que estar sempre a avisar para estarem calados e atentos.

De seguida fez ditado de um texto. A segunda vez que a professora fez o ditado, não foi ela a ditar, mas sim os alunos: um aluno lia e outro ia dizendo a pontuação à medida que o colega estava a ler.

Depois do intervalo fizeram exercícios gramaticais com conjugação de verbos.

Inferências

Do meu ponto de vista e recordando um pouco o meu tempo de aluno do ensino primário e do restante ensino básico e também secundário, as aulas de revisões da matéria

dada ao longo do ano letivo são de extrema utilidade. Desta forma, a criança vai esclarecer as suas dúvidas, relembrar conteúdos já esquecidos e consolidar os conhecimentos que já adquiriu. Deste modo as crianças ficam mais confiantes acerca do que sabem.

Notou-se que algumas crianças desta turma tiveram dificuldades na conjugação de alguns verbos dos tempos compostos. Ainda baralhavam um pouco o verbo principal com o verbo auxiliar.

16 de janeiro de 2012

Comecei a manhã de estágio com aula de Estudo do Meio, onde abordei a seguinte temática: corpos celestes do sistema solar. À medida que ia falando de cada um dos corpos celestes ia mostrando imagens em tamanho A3. (Figura 48) Pedia a um aluno para tirar uma imagem de cima da mesa e colocar no quadro, colando ao pé a respetiva legenda. Depois de abordados e caracterizados todos os corpos celestes, fiz revisão dos planetas que constituem o sistema solar. Como atividade fizeram uma ficha de trabalho sobre a matéria e leram uma ficha informativa que também continha algumas curiosidades sobre o sistema solar.



Figura 48 – Aula sobre os corpos celestes do sistema solar.

Quando parámos dez minutos para comerem as bolachas e irem à casa de banho a professora disse-lhes:

Professora: *Durante a aula fizeram o intervalo, por isso agora ficam na sala como a Ana disse que ia fazer. Vão comer as bolachas cá dentro e vão só à casa de banho.*

A seguir dei as preposições simples e contraídas. Como estratégia distribuí um cartão a cada aluno com uma preposição. Depois ia pedindo a um aluno de cada vez para lerem em voz alta a palavra que tinham no cartão e construírem uma frase com essa palavra. Depois de construída a frase colocavam o cartão no quadro. Para falar das

contrações das preposições projetei um *powerpoint* onde eles puderam ver alguns exemplos e qual a sua formação. No final lemos uma ficha informativa e fizeram exercícios de aplicação da matéria. Todos os exercícios foram feitos em conjunto e resolvidos no quadro. (Figura 54)

Inferências

Apesar de ter utilizado uma estratégia que normalmente as crianças gostam, com esta turma não funcionou, pois alguns deles estiveram sempre a conversar. Tive que os chamar à atenção várias vezes. Como não se portaram bem foi necessário ficarem sem intervalo. Ao longo da aula foram avisados várias vezes de que só iam ao intervalo quando tivesse terminado esta parte da matéria. Ficaram surpreendidos ao verem a hora do intervalo passar e continuarem na sala. Da experiência que vivi nesta aula, posso concluir que os alunos devem ser repreendidos sempre que se justifique, mas nunca devem ficar sem intervalo, nomeadamente as turmas que por hábito já são agitadas. Ao ficarem na sala, na aula seguinte, as crianças apresentaram-se ainda mais conversadores e mais desatentas. Mesmo avisando que era matéria nova e que deviam estar atentos, continuaram a conversar como se não lhes tivesse dito nada.

17 de janeiro de 2012

Foi a manhã de aula dada por uma colega minha. De forma a criar mais espaço e para circular melhor colocou a sala em U.

Para evitar que houvesse agitação logo ao início da manhã, a colega usou a seguinte estratégia: Pediu a três meninos que saíssem da sala e disse-lhes que iam entrar um de cada vez para contarem uma história. De seguida combinou com a turma um determinado “mau” comportamento que deveriam enquanto os colegas contavam a história. Com o primeiro colega tinham que estar distraídos com os materiais escolares. Com o segundo colega tinham que estar a conversar baixinho uns com os outros e distraídos, com o terceiro colega tinham que estar a falar muito alto e a fazer uma grande algazarra. Depois do jogo, a Maria chamou os alunos que tinham tentado contar a história e perguntou-lhes como se tinham sentido, resultando o seguinte diálogo:

Maria: *Como te sentiste quando estavas a contar a história e os teus colegas estavam distraídos com os lápis e as canetas?*

Aluno 1: *Não foi muito bom. Eu queria contar-lhes a história que me pediste e eles não me estavam a ouvir, mas como não estavam a conversar... mesmo assim fiquei triste.*

Maria: *E tu como te sentiste com os teus colegas a conversar uns com os outros mesmo sendo baixinho?*

Aluno 2: *Fiquei chateado, os meus colegas não estavam a ligar nenhuma à história que eu estava a contar.*

Maria: *E tu? Como se sentiste quando estavas a contar a história e os teus colegas estavam todos a conversar e a fazer uma grande bagunça na sala de aula?*

Aluno 3: *Fiquei muito chateado. Eles não ouviram nada do que eu estava a dizer, nem sequer consegui acabar de contar a história.*

Maria: *Sabem porque é que eu fiz este jogo?*

Turma: *Acho que sim...*

Aluno 4: *... mas não temos a certeza.*

Maria: *Porque quando eu e a Ana estamos a dar aula vocês portam-se sempre assim, como viram nestas três situações. Para nós, que estamos a dar aula é muito desmotivante. Nós ficamos tristes e às vezes zangadas, como ficaram os vossos colegas. Este comportamento não se pode voltar a repetir, além de perturbarem a aula e os colegas que querem aprender vocês não aprendem a matéria que estamos a ensinar.*

Em Língua Portuguesa deu a classe e subclasse dos advérbios através da explicação da matéria que estava na ficha informativa e fizeram uma ficha de trabalho. Inicialmente portaram-se bem mas depois começaram a ficar agitados e desatentos.

Em Estudo do Meio falou dos movimentos da Terra: rotação e translação. Utilizou um *powerpoint* para explicar a matéria que estava a dar e um globo para mostrar melhor os dois movimentos do planeta Terra. Usou uma maquete, construída por ela, para mostrar as estações do ano, a origem do dia e da noite. (Figuras 49, 50)

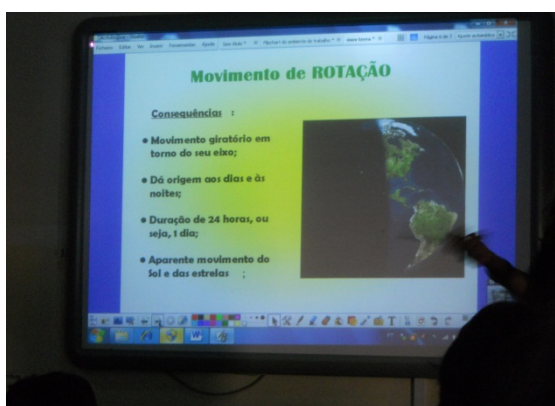


Figura 49 – *Powerpoint para a aula de Estudo do Meio.*



Figura 50 – *Demonstração do movimento de translação da Terra.*

O professor de Educação Física interrompeu a aula para ir falar do concurso de dança.

Inferências e Fundamentação Teórica

A minha colega, ao fazer o jogo descrito em cima, permitiu que alguns alunos estivessem no lugar do professor. O facto de, posteriormente ter dialogado com a turma sobre o que os alunos sentiram quando estavam a tentar contar a história e ninguém estava a ouvir, permitiu-lhes fazer uma avaliação sobre os seus comportamentos e compreender o quanto se tornam perturbadores. Gomez et. Al. (1993, p. 149) dizem que “a criança é capaz de autocrítica, podendo compreender o pensamento dos outros; nesse sentido, devemos praticar (...) a crítica das coisas que se vão fazendo e das atitudes que se tomam, independentemente das pessoas que as protagonizam.”

A utilização de maquetes para a explicação de matéria pode ser muito proveitosa tanto para o professor como para o aluno. O docente pode ter um papel mais facilitado no momento da explicação, pois enquanto fala vai demonstrando à turma. Assim, os alunos à medida que ouvem o que o professor está a explicar também podem ver, captando de uma forma mais eficaz os conteúdos leccionados nesse momento.

Durante esta aula um aluno não parou quieto o tempo quase todo porque não sabia da tampa do marcador. A interrupção do professor de Educação Física deixou os alunos ainda mais agitados.

20 de janeiro de 2012

Ainda antes de chegar à escola, mas já lá perto, vi um aluno do 1.º ano a vir do carro sozinho até ao Jardim-Escola. Esta criança atravessou a passadeira sozinho, a correr e sem olhar para ver se vinha algum carro. Quando o consegui alcançar, já dentro do colégio, falei com ele sobre a aula que a minha colega tinha dado sobre a segurança rodoviária e perguntei-lhe o que é que devíamos fazer quando vamos atravessar a estrada ou a rua, resultando o seguinte diálogo:

Eu: *Bom dia!*

Aluno 1: *Bom dia Ana!*

Eu: *Atravessaste a rua sozinho?*

Aluno1: *Sim, mas a minha mãe ficou a ver lá ao pé do carro.*

Eu: *Lembras-te da aula que a Maria deu sobre a segurança rodoviária?*

Aluno 1: *Sim!!!*

Eu: *O que é que a Maria disse que temos que fazer quando vamos atravessar a rua?*

Aluno 1: *Disse que devíamos parar no passeio e olhar para os dois lados da rua, e depois atravessar a estrada a andar e com cuidado.*

Eu: *Foi isso que tu fizeste?*

Aluno 1: *Não!*

Eu: *Então como é que atravessaste a estrada?*

Aluno1: *A correr e sem olhar...*

Eu: *Sabes o que é te podia ter acontecido?*

Aluno 1: *Podia ter sido atropelado por um carro.*

Eu: *Não te esqueças. Sempre que vais atravessar a rua lembra-te das regras que a Maria ensinou na aula. Não voltas a atravessar a rua assim, está bem?*

Aluno 1: *Sim, está bem. Vou ter sempre cuidado quando atravessar a rua.*

Quando cheguei, falei com a professora dele, sobre este assunto, que de imediato encaminhou para a directora. Depois de uma breve reunião com a professora, a directora decidiu que se ia falar com a mãe do aluno.

De seguida dirigi-me para a roda e acompanhei os alunos nas habituais idas à casa de banho e depois para a sala de aula.

Em Língua Portuguesa fizeram leitura de um texto para avaliação. Os parâmetros de avaliação foram: pontuação, pronúncia e entoação. De seguida fizeram ditado de uma parte do texto lido.

Depois do intervalo foram para uma acção de formação, no ginásio do Jardim-Escola, sobre a dentição infantil.

Inferências

Nos tempos que correm, o movimento automobilístico é cada vez maior, e como tal, a circulação na rua torna-se mais perigosa para o peão, nomeadamente quando estão a atravessar a estrada. Esta mãe, ao não ter levado o filho até ao portão do colégio e tê-lo deixado atravessar a rua sozinho colocou a sua segurança em causa, mesmo ficando a vigiar de longe. Nestas situações, se o professor for informado por alguém, do sucedido, deve contactar os pais ou encarregados de educação para os alertar e recomendar que devem acompanhar a criança até à porta da escola.

Durante a acção de formação, os alunos do 4.º ano estiveram atentos e interessados no que a formadora estava a falar, no entanto, e por mais que os tivessem avisado, os alunos não conseguiram estar 100% atentos ao que estavam a ouvir. Isto aconteceu porque estavam todos os anos de escolaridade do 1.º Ciclo do Ensino Básico a ter formação ao mesmo tempo e para que as crianças mais novas conseguissem acompanhar, a formadora

teve que tornar as explicações um pouco mais básicas. As explicações demasiado simplistas foi o que não deixou os alunos do 4.º ano estarem mais tentos.

23 de janeiro de 2012

Dia de aulas surpresa no Jardim-Escola. Eu e a minha colega fomos ver as aulas de outras colegas.

A uma das colegas pediram para dar Língua Portuguesa. Esta começou por dar uns minutos para os alunos lerem o texto em silêncio. De seguida pediu a alguns alunos para lerem o texto em voz alta, repetindo a leitura uma segunda vez. Fez perguntas de interpretação e depois alguma exploração gramatical, onde abordou as funções sintáticas da frase.

À outra colega pediram para fazer uma construção com o 5.º Dom de Froebel e a partir daí situações problemáticas. A colega fez uma construção nova chamada de “centro comercial”. A construção inventada foi um novo modelo do Centro Comercial. Nos exercícios introduziu uma situação problemática não rotineira sobre combinações: *“De quantas formas diferentes se pode vestir o menino, sabendo que comprou uma camisola amarela, uma camisola verde, uma camisola azul, uns calções vermelhos, uns calções azuis e uns calções brancos?”*

Depois do intervalo da manhã fomos para uma reunião de avaliação com a Equipa de Supervisão Pedagógica.

Inferências

Na sua aula de Português, a colega não formulou bem algumas perguntas de interpretação. De uma modo geral as crianças ao lerem e ao responderem faziam-no com voz baixa, o que dificultou, à restante turma e às pessoas que estavam a assistir (professoras e colegas), perceberem o que os alunos diziam. Como quando fazia as questões ficava ao pé das crianças a quem pedia, não se apercebeu de que estavam a falar baixinho. Relativamente à exploração gramatical, podia ter pedido aos alunos para fazerem a extensão de uma frase, acrescentando um complemento direto ou um complemento indirecto.

Em Matemática a colega teve o cuidado de mostrar como se fazia a construção e de circular pela sala para verificar se todos estavam a fazer bem ou a ter dificuldades. Quando fez as questões das situações problemáticas poderia ter utilizado mais o material e explorar o concreto. A minha colega fez uma construção inventada para a disciplina de Metodologia da Aprendizagem da Matemática no 1.º Ciclo.

24 de janeiro de 2012

As colegas que estão no segundo ano das licenciaturas deram uma aula sobre os incêndios: o que são, como agir e como prevenir.

Começaram a aula com um diálogo com a turma sobre o tema da aula que iam dar e aplicando os seus conhecimentos. Durante a explicação oral mostraram alguns materiais inflamáveis e que técnicas e algumas regras de segurança que se devem utilizar quando se trabalha com materiais que inflamam facilmente.

Explicaram para que serve um extintor e como funciona, distinguindo o extintor de pó químico e neve carbónica. Disseram qual é a diferença entre o ligarem para o 112 e para o 117. Por último mostraram um vídeo sobre a forma como os bombeiros atuam perante grandes incêndios. Terminaram a aula com uma ficha de trabalho que os alunos resolveram sozinhos corrigindo-a em conjunto de seguida. (Figuras 51 e 52)



Figura 51 – Powerpoint utilizado para a aula sobre os incêndios.



Figura 52 – Extintor que foi mostrado aos alunos.

Perto da hora do almoço resolveram uma ficha com situações problemáticas.

No início da aula, a turma respeitou as regras da sala de aula, mas a meio da manhã começaram a conversar uns com os outros. No início portaram-se bem, mas com o aproximar da hora do intervalo começou o alvoroço e o rebuliço. Uma criança que estava sempre a baloiçar a cadeira acabou por cair. Perante esta situação as minhas colegas intervieram de imediato. Durante o diálogo os alunos não pararam de fazer perguntas e de partilhar conhecimentos que já tinham manifestando grande interesse e curiosidade.

Inferências e Fundamentação Teórica

Apesar das colegas serem brincalhonas, sempre que foi necessário impuseram respeito aos alunos, não os deixando fazer o que queriam. Campos e Veríssimo (2010, p. 89) salienta que “as crianças não sabem impor limites a si próprias”, logo são os adultos “que deverão balizar até onde a criança pode ir, até que a criança consiga percebê-lo autonomamente e autorregular-se.”

Quando interrogavam os alunos para pudermos guiá-los ao raciocínio que pretendiam, as colegas nem sempre fizeram perguntas dirigidas, o que por vezes provocou alguma confusão na sala. Ao fazer perguntas dirigidas, o aluno em questão e a turma sabem que é aquela pessoa que tem que responder, e não todos os alunos ao mesmo tempo. No entanto, devemos ter cuidado para que os restantes não dispersem.

A aula da Joana e da Inês foi tão estimulante que até eu própria fiquei com vontade de participar e partilhar alguns momentos de situações vividas durante umas férias de verão no Minho.

Relativamente à ficha de trabalho, penso que foi extensa. Poderiam ter feito exercícios para aplicação dos mesmos conhecimentos com outro tipo de exercícios, como por exemplo: ligar frases, palavras cruzadas, legendar imagens e completar frases lacunares. A ficha também podia ficar mais apelativa se tivesse alguns bonecos/desenhos relacionados com o tema. Penso que fez falta uma ficha informativa e a sua leitura para consolidação dos conteúdos.

A forma como fizeram a ficha com os alunos foi um pouco monótona. Podiam ter feito em conjunto. Demorava menos tempo e as crianças ficavam mais atentas a esta atividade.

27 de janeiro de 2012

Hoje, a minha colega de estágio deu aula durante toda a manhã. Falou dos múltiplos de um número, das fases da Lua e das palavras homógrafas e homófonas.

Alguns alunos chegaram atrasados. A colega recebeu-os e disse-lhes o que estavam a fazer. Para explicar os múltiplos baseou-se na tabuada. Fez um “diagrama de Venn” para se descobrir os múltiplos de 3 e 4 comuns a estes dois números. Para consolidar a matéria de Matemática fez uma ficha de trabalho. No primeiro exercício da ficha as crianças tinham que pintar de cores diferentes e no mesmo quadro, múltiplos de 2, 3 e 4. O primeiro exercício fizeram sozinhos e os restantes resolveram em conjunto corrigindo-os no quadro.

A minha colega tinha um jogo preparado para o final da aula de Matemática, mas não o fez devido ao mau comportamento da turma. Os alunos quebraram as regras ao

tentarem adivinhar o número em voz alta e sem a autorização. A última oportunidade que tiveram para continuarem a jogar foi desperdiçada pela seguinte situação:

Aluno 1: *Doze!!!*

Aurora: *Já vos disse que se continuam a tentar adivinhar dessa forma, o jogo termina.*

Aluno 2: *Vinte e quatro!!!*

Aurora: *Acabou o jogo: Não respeitaram as regras, não jogamos mais.*

Aluno 3: *Bolas! Porque é que disseste o número! Eu queria fazer o jogo!* - disse um menino para a sua irmã gémea (colega de turma).

Para lecionar as palavras homófonas e homógrafas baseou-se na leitura de uma ficha informativa, explicando a matéria unicamente com esse suporte.

Já perto da hora do intervalo a turma começou a ficar muito agitada, até que a colega disse que se calhar não iam ao intervalo. Um aluno olhou para o relógio da sala e começou a gritar:

Aluno 3: *Calem-se! Calem-se! Calem-se! Calem-se todos!*

Depois do intervalo iniciou a matéria de Estudo do Meio. A partir de um *powerpoint* explicou a matéria. Para terminar a parte expositiva da aula projetou alguns pequenos vídeos sobre as fases da Lua e fez uma experiência sobre a matéria dada que utilizou como consolidação dos conhecimentos transmitidos. Fez também uma ficha de trabalho. Enquanto se recolhiam as fichas, no final da aula, estabeleceu-se a confusão total e sem qualquer tipo de controlo.

Inferências

Desde que entraram na escola, esta turma mostrou-se extremamente agitada, transferindo esse comportamento para a aula da minha colega.

A minha colega explicou de uma forma clara e concisa o que são os múltiplos. Relacioná-los com a tabuada foi uma ótima estratégia, pois as crianças compreenderam melhor a matéria de que estava a falar, associando rapidamente à multiplicação. O primeiro exercício tornou-se mais complicado para resolver mas os alunos conseguiram.

Devido ao contínuo mau comportamento e ao desrespeito das regras, a minha colega não fez o jogo que estava planeado.

O *powerpoint* que utilizou para dar as fases da Lua tinha muito texto e era muito extenso. Se tivesse feito apenas com tópicos ou frases simples e as imagens maiores ficava mais apelativo e captava mais a atenção da turma. A colega devia de ter pedido a colaboração de alguns alunos para ler os slides. Assim mantinha-os mais atentos e sossegados. Não se devia ter sentado nesta parte da aula, pois para mudar de diapositivo,

podia usar a caneta do quadro interativo, dando um simples toque na superfície do quadro ou até escolher um dos alunos bem comportados para clicar no computador. Durante os vídeos e a realização da experiência as crianças mantiveram-se atentas à aula. Quando se referiu à Lua como planeta e como satélite devia ter dito que é um planeta secundário e explicitado que é um satélite natural, pois hoje em dia, no espaço existem muitos satélites ligados às altas tecnologias.

30 de janeiro de 2012

A professora Luísa iniciou o dia de aulas a dialogar com os alunos sobre as atividades que fizeram durante o fim-de-semana. Recolheu as autorizações para assistir ao concerto dos “Corvos” no Jardim-Escola e voltou a verificar quais eram os alunos que podiam ir e os que tinham que ficar na sala com uma professora. Resolveram uma ficha de trabalho com situações problemáticas onde tinham que calcular o preço dos produtos comprados com o respectivo desconto.

Depois do intervalo, que foi mais cedo, e até à hora do almoço assistiram ao concerto dos “Corvos”. No concerto os “Corvos” tocaram músicas infantis e músicas para adultos. (Figuras 53)



Figura 53 – Concerto dos “Corvos”.

Inferências

Durante o concerto os alunos mostraram-se entusiasmados e divertidos. Nas atividades de animação algumas crianças, ao serem chamadas pelos músicos para irem ao palco, ficaram um pouco envergonhadas. Notou-se uma certa desmotivação quando os “Corvos” começaram a tocar músicas dos anos 80 e 90. É de referir que todos os alunos vibraram quando a banda tocou a tão conhecida “Esta vida de marinheiro”; uma música bem antiga mas também muito conhecida de todos, incluindo os mais novos.

31 de janeiro de 2012

Hoje fui à sala do 1.º ano assistir à aula programada de uma colega de estágio. Em Língua Portuguesa houve leitura e interpretação da lenda do guaraná. Em Matemática fez situações problemáticas relacionadas com a temática da aula em que trabalharam a adição. A colega tinha algarismos móveis mas não os utilizou, ficando apenas pelo cálculo mental. Relativamente ao Estudo do Meio, a partir do *powerpoint* explicou que fruto é o guaraná, de que planta vem e de que região do planeta é oriundo. Distribuiu um copo por cada aluno para provarem sumo de guaraná.

Depois desta aula programada, voltámos para a nossa sala e a minha colega de estágio deu aula surpresa. A professora supervisora de estágio pediu para ela dar a divisão com casas decimais. Ela começou por distribuir uma folha quadriculada a cada aluno. Depois fez uma situação problemática em que aplicava a divisão. Depois de identificarem os dados do problema e a operação que tinham que fazer, relembrou as regras a respeitar para se resolver uma divisão com casas decimais.

Depois do intervalo fomos para uma reunião de Prática Pedagógica supervisionada para avaliação das aulas programadas e das aulas surpresa que decorreram nesse dia.

Inferências

O facto de à última hora a colega do 1.º ano não ter utilizado os algarismos móveis para as adições prejudicou um pouco a sua aula, pois os meninos a quem não pediu para fazer oralmente o cálculo ficaram a olhar, sem fazer nada.

Sempre que foi necessário a minha colega interveio demonstrando ser uma pessoa disciplinadora. Fez inflexões de voz diversas vezes de modo a realçar o mais importante e assim captar a atenção das crianças.

No final os alunos provaram sumo de guaraná para ficarem a conhecer o sabor. Do meu ponto de vista perdeu todo o interesse a partir do momento em que lhes disse que aquele não era o verdadeiro sabor do guaraná. A colega disse o seguinte: “Vocês vão provar sumo de guaraná, mas este sumo não tem o verdadeiro sabor do guaraná. O guaraná tem um sabor fresco e pouco doce. Este sumo tem um sabor muito doce.”

Na aula a minha colega de estágio foi clara e concisa ao explicar a matéria que lhe pediram para lecionar. Como deu uma folha a cada aluno, devia abrir o cabeçalho e pedir para escreverem a situação problemática.

01 de fevereiro de 2012

Foi a minha última aula no 4.º ano. Dei o vulcanismo, os divisores de um número, fiz revisão das palavras homónimas, homógrafas, homófonas e introduzi as palavras parónimas.

Na aula de Língua Portuguesa optei por partir do conhecimento dos alunos sobre esta matéria. À medida que os ia questionando, também fazia um esquema no quadro. Para as palavras parónimas optei por uma técnica semelhante: escrevi duas palavras e perguntei se existia alguma coisa de igual ou de diferente entre elas e depois expliquei o que são palavras parónimas e o que as caracteriza. Como atividade os alunos trabalharam a pares para descobrirem e classificarem os tipos de palavras que estavam nas frases que lhes entreguei. No fim lemos uma ficha informativa com o resumo desta matéria.

Na aula de Estudo do Meio, a partir de um *powerpoint*, levei a turma a descobrir o tema da aula. Depois expliquei o que é um vulcão, como é constituído, caracterizei cada um dos tipos de erupções vulcânicas, distingi magma de lava e mostrei imagens de piroclastos. Depois de caracterizar as erupções vulcânicas mostrei alguns pequenos vídeos para verem algumas erupções vulcânicas. No fim fiz uma experiência para se simular uma erupção efusiva. A experiência decorreu com a participação de alguns alunos, que ajudaram a identificar e a misturar os materiais necessários. Já depois da experiência preencheram os resultados e as conclusões do protocolo experimental e leram uma ficha informativa para consolidarem os conhecimentos aprendidos nesta aula. (Figura 54)



Figura 54 – Maquete para a experiência sobre o vulcanismo.

Na aula de Matemática utilizei o Cuisenaire para ensinar os divisores de um número. Para consolidar leram uma ficha informativa.

Inferências e Fundamentação Teórica

Durante a utilização do material Cuisenaire alguns elementos da turma começaram a brincar com as peças. Por não terem respeitado as regras de boa utilização do material ficaram a assistir à aula. Na aula de Estudo do Meio mostraram curiosidade pelo tema. Proporcionaram o diálogo e fizeram muitas perguntas sobre como vivem as pessoas que habitam em regiões de vulcanismo ativo.

O jogo de Língua Portuguesa, por ser fácil tornou-se pouco desafiante e pouco duradouro, proporcionando mais conversa do que o desejado. Pato (1995, p. 22) diz que quando se propõem atividades de grupo na sala de aula devemos ter em conta os objetivos previstos e respeitar o ritmo dos alunos de cada grupo. Contudo, devemos conceder apenas o tempo suficiente para a sua realização pois, se as crianças finalizarem a tarefa antes do tempo preciso ficam inactivos e potencialmente indisciplinados. A mesma autora diz também que a dinâmica dos grupos, quer na interacção dos elementos que o formam quer no modo como organizam o pensamento depende muito da forma como é apresentada a proposta de trabalho.

03 de fevereiro de 2012

Hoje foi também a última aula da minha colega. Ela fez leitura e interpretação de um texto sobre D. Maria I passando depois para exploração em que lecionou os grupos constituintes da frase. Como atividade fizeram uma ficha de aplicação dos conhecimentos. Na área do Estudo do Meio abordou a evolução da bandeira de Portugal. Fez uma apresentação em *flichart* sobre o tema e com atividades para os alunos descobrirem as semelhanças e as diferenças que passaram a existir com a evolução da bandeira portuguesa. Ao mesmo tempo completavam uma brochura, onde tinham que colar as bandeiras que a Maria distribuiu e completar a informação que faltava. (Figuras 55) Para Matemática também utilizou o *flipchart*. A partir da esfera armilar da actual bandeira de Portugal ensinou a calcular o perímetro da circunferência. Como atividade fizeram uma ficha de trabalho.

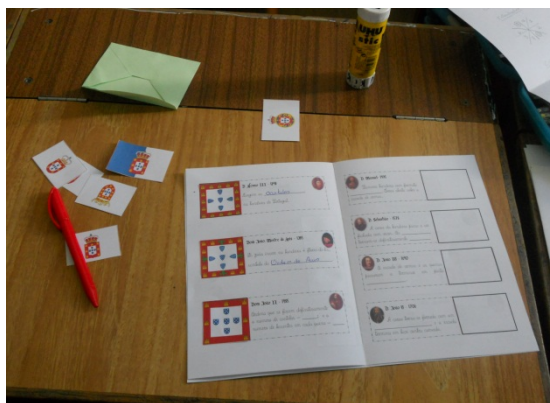


Figura 55 – Material que os alunos utilizaram durante a aula de História de Portugal.

Desta vez o recreio foi na sala de aula porque estava muito frio no espaço exterior do Jardim-Escola.

Durante a manhã, enquanto a minha colega dava aula uma criança gritou para o colega:

Aluno 1: *Pára!!!...Estás sempre a chatear!*

Inferências

No início da aula todos os alunos estiveram atentos, mas à medida que os minutos passavam aumenta a conversa entre as crianças. Sempre que achou necessário, a colega foi disciplinadora e assertiva.

Apesar de nunca haver um silêncio total durante a aula, a atividade em *flipchart* com todas aquelas atividades foi muito importante para captar a atenção e entusiasmo dos alunos desta turma.

06 de fevereiro de 2012

Os alunos começaram o dia de aulas com a leitura dos poemas que escreveram durante o fim-de-semana. Uma das alunas chegou atrasada à escola. Ao entrar na sala deu-se o seguinte diálogo entre professora e aluna:

Professora: *Bom dia! Parabéns! E eu que estava com esperança que chegasses cedo à escola!*

Aluna 1: *Pois...*

Professora: *Então a festa foi boa?*

Aluna 1: *Sim!*

Professora: *Vocês portaram-se bem?*

Aluna 1: *O meu pai diz que sim!*

Professora: *O teu pai? Então e as senhoras que tomaram conta de vocês? Também disseram o mesmo?*

Aluna 1: *Sim. Correu tudo bem!*

Professora: *Não partiram muita coisa?*

Aluna 1: *Não, tivemos cuidado! E não chateamos muito, só fomos um pouco inquietos.*

Professora: *Então e hoje há bolo?*

Aluna: *Não, hoje não.*

De seguida fizeram uma cópia de um texto. Fizeram, também, exercícios de Matemática e corrigiram os trabalhos de casa que serviram como revisões para as avaliações intercalares: colocação de números em medidas de comprimento por ordem crescente e decrescente. A professora explicou como se fazia este exercício, dizendo o seguinte:

Professora: *Reduzem todos os números à unidade principal. Depois veem qual é o maior. No fim escrevem os números que estão com unidade de medida de comprimento indicadas inicialmente por ordem crescente e decrescente que encontraram através das reduções à unidade principal.*

Depois do intervalo da manhã a Maria terminou a aula dela da sexta-feira passada.

No fim das aulas da manhã tivemos reunião com a professora da sala para receber o *feedback* da minha aula e da aula da minha colega dadas na semana anterior. Nesta reunião fizeram-se críticas construtivas e enunciaram-se os pontos positivos e negativos de cada uma das aulas. Deram-se sempre sugestões para melhorar o nosso desempenho na prática pedagógica.

Inferências e Fundamentação Teórica

Durante a leitura dos poemas alguns alunos estavam envergonhados e por isso leram em voz baixa, o que fez com que alguns não ouvissem bem o que estava a ser dito. A maioria das crianças fez o poema com a ajuda de algum familiar (ex: pai, mãe, avó, primo...). A maioria deles ficou engraçado, mesmo sendo pequenos. Uma aluna, por falta de tempo devido aos preparativos para a festa de anos, não fez o trabalho de casa. Alguns alunos fizeram o poema mas esqueceram-se dele em casa, ou não o imprimiram.

A maior parte dos alunos chegaram atrasados. À medida que as crianças mais inquietas iam chegando os colegas que já estavam na sala de aula também iam ficando mais agitados. Para que a criança comece a adquirir hábitos e alguma responsabilidade devem começar por tentarem chegar a horas à escola. Muitas vezes não compreendem as

matérias que os professores explicam porque quando chegam à sala o docente já começou a aula há algum tempo.

Quando estavam a corrigir os exercícios de revisões para a ficha de avaliação de Matemática, apercebi-me que foram poucos os alunos que resolveram a ficha de trabalho e fizeram revisões para o teste de avaliação sumativa. Mais uma vez, reparei que os alunos que estão sempre na brincadeira são os que mostraram mais dificuldades na resolução dos exercícios de Matemática. Voltei a verificar que sempre que uma estagiária dá aula, os alunos desta turma aproveitam sempre para intensificar a conversa, desrespeitando assim, todas as regras da boa educação e do respeito para com os adultos e da sala de aula.

Para Glattorn et al. (1981, p. 10) o *feedback* geral da aula depois de observada pelos orientadores serve para fornecer os dados necessários de modo a auxiliar o professor estagiário para que melhore o seu desempenho profissional. A professora desta turma, soube fazê-lo de uma forma que se tornou bastante produtiva para nós estagiárias. A forma como falou e apontou o que fizemos bem e o que devemos melhorar serviu para nos sentirmos mais confiantes.

07 de fevereiro de 2012

Logo ao início da manhã a professora Luísa continuou a fazer revisões para a ficha de avaliação de Matemática. Utilizou a ficha que tinha enviado como trabalho de casa durante o fim de semana. Nessa ficha existiam exercícios para aplicação do perímetro e a área de várias figuras geométricas, como por exemplo o rectângulo, o quadrado e o triângulo. Enquanto se fazia a correcção a professora ia perguntado aos alunos como tinham resolvido o exercício e depois mandava-os resolver no quadro.

Durante as revisões aconteceu o seguinte diálogo entre professora e alunos:

Aluno 1: *Isto sai para o teste?*

Professora: *Não sei! Se não sair neste sai noutra teste de Matemática. O teste não é o que conta mesmo. Para mim o bom aluno é o que tem tudo Bom, Bom nos trabalhos das aulas e Bom nos testes. Podem ter excelente no teste, mas se não tiverem boa avaliação no resto (trabalhos da aula e postura), para mim são alunos medianos ou até mesmo fracos.*

Inferências

Mesmo estando a fazer revisões para a prova, alguns alunos estavam entretidos com outras coisas (ex: fazer desenhos, pintar, fazer outras fichas, arrumar coisas na mala...)

Reparei que a maior parte deles não se lembravam como se classificam os triângulos quanto aos lados e também de grande parte da matéria que tinham dado.

Para estes alunos o teste é a única coisa que conta para a avaliação, estando apenas preocupados em saber qual era a matéria que saía para o teste, mesmo não se lembrando dela.

10 de fevereiro de 2012

A primeira coisa que a professora fez quando chegou à sala foi colocar os alunos nos novos lugares. Começaram as aulas com a correção dos exercícios do dia anterior que serviram de revisões para a prova de Língua Portuguesa.

Depois do intervalo fizeram ditado de um texto do livro de leitura. Na correção do ditado verificaram a ortografia e a pontuação: um aluno lia o texto e outro dizia a pontuação. Fizeram também uma composição e lembraram as partes que a constituem e a informação que aparece em cada uma delas: introdução, desenvolvimento e conclusão. Enquanto faziam a composição e o ditado, alguns alunos nem sempre respeitaram as margens das folhas.

Inferências

Os alunos nem sempre estavam atentos às revisões das provas de Língua Portuguesa; pareciam não ligar ou perceber a importância das revisões. Enquanto fazia o ditado, um aluno, para não se ver a forma como estava a escrever colocou o estojo ao lado de modo a que tapasse a sua folha. Isto acontecia porque normalmente, ele tem uma forma de escrever um pouco irregular e com letras sobrepostas.

1.3. Secção 3 – Bibe Azul Claro/3.º ano (Seminário de Contacto com a Realidade Educativa no Jardim-Escola João de Deus de Penafiel)

1.3.1. Data do estágio: 27 de fevereiro de 2012 a 9 de março de 2012

1.3.2. Caracterização da turma

A turma do 3.º ano é constituída por 23 alunos, sendo 14 elementos do sexo masculino e 9 elementos do sexo feminino. Entrou uma nova criança na turma, que não tinha frequentado nenhum Jardim-Escola nos anos anteriores.

Segundo conversa com a professora titular da turma esta é uma turma interessada, sendo participativa nas aulas. É apoiada pelos familiares, que se interessam pelo seu desempenho escolar. Há 1 criança com necessidades educativas especiais, não sendo autónoma na realização dos trabalhos e está a ter apoio pedagógico. Na área curricular de Língua Portuguesa, é uma turma que apresenta dificuldades na produção de textos escritos e ainda comete, com alguma regularidade, erros ortográficos. Na área curricular de Matemática, é uma turma que apresenta dificuldades na resolução de situações problemáticas e na fluidez do raciocínio lógico-matemático.

No que se refere às outras áreas curriculares, a turma demonstra muito gosto, pela área de Estudo do Meio e pela área de História de Portugal.

1.3.3. Caracterização da sala de aula

Na sala de aula do terceiro ano existem mesas e cadeiras de madeira individuais. Tal como no primeiro ano, estas mesas também têm tampo que se podem levantar. Geralmente estes tampo levantam-se quando para dar materiais estruturados de matemática ou nas aulas de Expressão Plástica.

Numa das paredes está um quadro de ardósia. Nas outras paredes existem estantes e armários onde estão guardados os livros, os dossiês dos alunos e outros materiais. Esta sala tem uma porta que dá para um corredor de acesso ao salão. Um dos lados da sala tem uma parede de vidro e uma porta que dá acesso direto ao pátio.

1.3.4. Rotinas diárias

As rotinas do 3.º ano são iguais às do 1.º ano. As duas turmas fazem intervalo a meio da manhã e a seguir ao almoço e todos têm os dois lanches e o almoço à mesma hora. Relativamente aos hábitos de higiene, estes também são desenvolvidos nas mesmas condições.

Actividades Curriculares Disciplinares

O terceiro ano tem Língua Portuguesa, Estudo do Meio e Matemática. A única disciplina que tem a mais que o primeiro ano é a de História de Portugal que está inserida na área curricular de Estudo do Meio.

Actividades Curriculares Não Disciplinares

No terceiro ano do Jardim-Escola João de Deus de Penafiel as atividades curriculares não disciplinares são o Inglês, a Educação Musical, a Expressão Plástica e a Informática.

1.3.5. Horário da turma

O Quadro 4 mostra o horário das atividades das crianças do 3.º ano do Jardim-Escola João de Deus de Penafiel.

Quadro 4 – Horário do 3.º ano do Jardim-Escola João de Deus de Penafiel.

Jardim-Escola João de Deus - Penafiel					
Horário Escolar 3º Ano					
HORAS	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta
9:00/10:00	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa
10:00/11:00	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa
11:00/11:20	RECREIO				
11:20/12:20	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática
12:20/13:00	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática
13:00/13:30	ALMOÇO				
13:30/14:30	RECREIO LIVRE E ORIENTADO				
14:30/15:30	Áreas Curriculares Não Disciplinares e Áreas de Expressão (14:45/15:45)	Áreas Curriculares Não Disciplinares e Áreas de Expressão (14:45/15:45)	Áreas Curriculares Não Disciplinares e Áreas de Expressão (14:45/15:45)	Áreas Curriculares Não Disciplinares e Áreas de Expressão (14:20/15:20)	Estudo do Meio
15:30/16:55	Estudo do Meio (15:45/16:55)	Áreas Curriculares Não Disciplinares e áreas de Expressão (15:45/16:45)	Estudo do Meio (15:45/16:55)	Estudo do Meio (15:45/16:55)	Estudo do Meio (15:30/16:20) Assembleia de Turma (16:20/16:55)
17:00	LANCHE/SAÍDA				

Notas
 No horário de Língua Portuguesa está incluído o Cantinho da leitura.
 No horário da Matemática está incluído o Cálculo Mental e Materiais.
 As áreas de Estudo Acompanhado e Formação Cívica estão presentes em todas as áreas.

Ano Letivo 2011/2012 **Professora:** _____

1.3.6. Relatos diários

27 de fevereiro de 2012

Quando cheguei ao Jardim-Escola tive reunião com a directora para falar do estágio, conhecer o corpo docente e as instalações.

Ao chegar à sala, os alunos estavam a fazer leitura e interpretação de um texto e exploração gramatical (revisão do complemento direto e do complemento indirecto). Fizeram também exercícios caligráfico e ortográfico.

A professora interrompeu a atividade para me apresentar à turma e para os alunos se apresentarem. Nas apresentações dissemos o nosso nome, a nossa idade e qual é a nossa comida favorita. Enquanto os alunos fizeram a interpretação do texto por escrito, a professora foi dar apoio a uma aluna que precisa de atenção individual para os seus trabalhos.

À tarde, a professora lecionou a formação do Condado Portucalense, no âmbito da História de Portugal. Fê-lo através de um *powerpoint*. Ao falar da formação do Condado Portucalense abordou também o tema de D. Afonso I. Enquanto a professora deu a aula eu ajudei uma aluna com necessidades educativas especiais a fazer os exercícios atrasados.

Ao fim da tarde a turma teve aula de Inglês; a professora entregou e corrigiu as fichas de avaliação.

Inferências

Neste primeiro dia de estágio com esta professora, percebi logo que é uma pessoa que impõe ordem e respeito na sala de aula.

O *powerpoint* que projetou para a aula de História tinha muita informação. Penso que podia ter o mesmo conteúdo mas em imagens e esquemas conceptuais, para ser mais apelativo e de mais fácil compreensão por parte dos alunos.

28 de fevereiro de 2012

Começaram o dia com exercícios de Matemática. Nesta ficha apareciam exercícios sobre retas (paralelas e perpendiculares) e algumas situações problemáticas. A professora leu e explicou o que era para fazer na ficha, mas mesmo assim alguns alunos não conseguiram fazer sem ajuda, pois nem sempre liam as informações que lhes eram dadas nos exercícios, daí muitas vezes não saberem fazer ou fazerem de forma errada.

Em Língua Portuguesa fizeram um ditado mágico e trabalharam a expressão escrita (composição). Enquanto faziam a composição não se ouviu um único barulho.

Da parte da tarde tiveram aula de Educação Musical e de Expressão Plástica. Em música tocaram uma canção com a flauta e em Expressão Plástica fizeram um ovo da Páscoa.

Inferências

Quando fizeram o ditado mágico, os alunos revelaram entusiasmo pela atividade que estavam a fazer. Um aluno estava sempre virado para trás e muitas vezes não reparava que a professora já tinha continuado o ditado, tendo a docente que se zangar com eles muitas vezes.

29 de fevereiro de 2012

Neste dia eu ia apenas dar aula de História de Portugal sobre D. Afonso Henriques, mas a professora também me pediu uma aula surpresa. Deu-me um texto sobre o primeiro rei de Portugal para fazer leitura, interpretação e exploração gramatical do mesmo. Na aula de Língua Portuguesa, primeiro fiz uma leitura modelo e depois pedi a alguns alunos para lerem o texto em voz alta. Também fiz as perguntas de interpretação e exploração gramatical oralmente e a seguir os alunos fizeram sozinhos o exercício.

Em História de Portugal projetei um *powerpoint* sobre o rei D: Afonso Henriques. À medida que ia falando deste rei ia também contando algumas curiosidades da sua vida e das pessoas que o rodeavam, como por exemplo a história de Egas Moniz e do Geraldo Geraldês “o sem pavor”. Para terminar leram uma ficha informativa e fizeram uma ficha de aplicação de conhecimentos que foi corrigida no quadro.

Da parte da tarde trabalharam na área da Matemática. Fizeram uma ficha de trabalho com exercícios sobre perímetros, frações, múltiplos e números decimais.

Os alunos saíram mais tarde da sala porque ao se levantarem para ir embora fizeram muito barulho.

01 de Março de 2012

Em Língua Portuguesa explicou o que é a lengalenga e construiu uma lengalenga colectiva, resultando o seguinte:

“Que está?”

- *Que está na banheira?* - *Que está no ar?* - *Que está no céu?* - *Que está na janela?*
- *Uma boa padreira.* - *Um pássaro a voar.* - *Um bonito chapéu.* - *Um pacote de canela.*
- *Que está na sala?* - *Que está na cartola?* - *Que está no mar?* - *Que está no poço?*
- *Uma linda mala.* - *Uma mágica mola.* - *Um peixe a nadar.* - *Uma casca de tremoço.*
- *Que está no sofá?* - *Que está na casota?* - *Que está na varanda?* - *Que está na pia?*
- *Uma boa pá.* - *Uma grande bolota.* - *Um curioso panda.* - *Um bonito afia.*

- *Que está no armário?*
- *Um pequeno aquário.*
- *Que está na gaveta?*
- *Uma velha lambreta.*
- *Que está na mesa?*
- *Uma deliciosa sobremesa.*
- *Que está na janela?*
- *Um pacote de canela.*
- *Que está no poço?*
- *Uma casca de tremoço.*
- *Que está na pia?*
- *Um bonito afia.*
- *Que está no telhado?*
- *Um gato malhado.*
- *Que está na chaminé?*
- *Um brincalhão chimpanzé.*
- *Que está na rua?*
- *Um pedaço da lua.*
- *Que está atrás da porta?*
- *Uma velha torta.*

A seguir ao Português os alunos fizeram exercícios de divisão por 10, 100 e 1000. A professora também os questionou sobre a tabuada. Na parte da tarde tiveram aula de Educação Física e Estudo do Meio. A aula de ginástica foi no pavilhão desportivo de Penafiel, sendo necessário que as crianças se deslocassem de autocarro. Na deslocação até ao ginásio e de volta à escola cantaram canções infantis. Na aula de Educação Física jogaram badminton. Quando regressaram à escola foram para a sala para ter aula de Estudo do Meio. Nesta disciplina falaram de outras culturas da comunidade. A professora dialogou com os alunos sobre a importância de respeitarmos as outras pessoas que vivem ao nosso redor, mesmo sendo outras culturas.

Inferências

Na aula de Língua Portuguesa as crianças revelaram ser muito imaginativas e participativos, nas atividades escolares. Fizeram a lengalenga colectiva com entusiasmo.

Na aula de Matemática apercebi-me que toda a turma sabia a tabuada de cor desde o 1 à do 10. No que diz respeito ao cálculo da divisão por 10, 100 e 1000, alguns alunos sentiram dificuldades, que de imediato conseguiram superar com a ajuda da professora.

Apesar de haver preocupação em verificar se todos os alunos tinham o cinto de segurança bem posto quando viajávamos de autocarro para o pavilhão desportivo, penso que o motorista deveria ter inspeccionado cuidadosamente o autocarro verificando se existia alguma anomalia. Alguns cintos estavam todos enrolados, dificultando a sua correta colocação.

Os alunos compreenderam porque é importante respeitarem as outras pessoas mesmo que elas tenham vindo de outros países e tenham outros costumes ou tradições. A turma participou no diálogo e eles próprios reconheciam o que deviam e não deviam fazer, bem como as vantagens de o fazer.

02 de março de 2012

A primeira coisa que a professora fez quando chegou à sala de aula foi avaliar o material dos alunos, verificando se estava tudo em ordem: estojo, caderneta e portefólio. Depois desta avaliação foram ver uma apresentação sobre o Universo que decorreu dentro de uma tenda insuflável. De regresso à sala fizeram ditado, leitura e interpretação de um texto sobre o Big Bang. Também fizeram chamadas orais de conjugação de verbos.

Na parte de tarde, resolveram exercícios adição, subtração, multiplicação e divisão com as respectivas provas reais pela operação inversa e viram um vídeo sobre a formação do Universo. Na aula de Estudo do Meio, os alunos ficaram muito entusiasmados com o vídeo porque o filme tinha imagens reais com muita cor e movimento.

Inferências

Quando a professora foi ver o portefólio de um aluno verificou que ele tinha as folhas todas baralhadas, mesmo estando a professora a avisar durante toda a semana que as fichas informativas que levavam para casa estavam numeradas e tinham que estar ordenadas. Na chamada oral verifiquei que as crianças sabem conjugar bem os verbos em todos os tempos do modo indicativo

1.4. Secção 4 – Bibe Azul Claro/3.º ano

1.4.1. Data do estágio: 5 de março de 2012 a 27 de abril de 2012

1.4.2. Caracterização da turma

Esta turma é composta por 28 alunos. Ainda que a docente não tenha facultado nenhum documento, apercebi-me ser esta, uma turma participativa, disciplinada e com bom aproveitamento, se bem que com dificuldades de concentração.

1.4.3. Caracterização da sala de aula

A sala de aula tem mesas individuais com tampos amovíveis, que utilizam consoante as atividades. Numa das paredes está um quadro interactivo ligado a um computador. Nas outras paredes existem estantes e armários onde estão guardados os livros, os dossiês dos

alunos e outros materiais. Esta sala tem uma porta que dá acesso às casas de banho, ao salão e à biblioteca.

1.4.4. Rotinas diárias

As rotinas do 3.º ano são semelhantes a todas as classes do 1.º ciclo: têm intervalo a meio da manhã e depois das refeições passam obrigatoriamente pela casa de banho.

Actividades Curriculares Disciplinares

As unidades curriculares são Língua Portuguesa, Estudo do Meio e Matemática. os conteúdos de História de Portugal são integrados na área de Estudo do Meio.


Actividades Curriculares Não Disciplinares

No Jardim-Escola João de Deus da Estrela as atividades curriculares não disciplinares são o Inglês, a Educação Musical, a Expressão Plástica, Informática e Clube de Ciências.

1.4.5. Horário da turma

No quadro 5 podemos observar as atividades dos alunos do 3.º ano do Jardim-Escola João de Deus da Estrela.

Quadro 5 – Horário do 3.º ano do primeiro ciclo do ensino básico.

PROJETO CURRICULAR DE ESCOLA ORGANIZAÇÃO DO TEMPO LETIVO 2011/2012 PROFESSORA JOANA					
					
Horário 3º Ano A					
3º Ano A	2ª Feira	3ª Feira	4ª Feira	5ª Feira	6ª Feira
9.00-9.50 10.00-10.50	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Língua Portuguesa
11.00 - 11.30	RECREIO	RECREIO	RECREIO	RECREIO	RECREIO
11.30-12.10 12.10-13.00	Língua Portuguesa	Matemática 11.30/12.10 Estudo do Meio (Clube de Ciência) 12.10/13h	Língua Portuguesa	Matemática	Matemática
13.00-14.30	ALMOÇO E RECREIO	ALMOÇO E RECREIO	ALMOÇO E RECREIO	ALMOÇO E RECREIO	ALMOÇO E RECREIO
14.30-15.20	Estudo do Meio	Estudo do Meio	Estudo do Meio	Estudo do Meio	Hora do Conto 14.30/15h
15.20-16.10		Educação Física			Expressão Artística
16.10-17.00	Biblioteca/Informática 16h - 17h	Formação Pessoal e Social	Formação Pessoal e Social	Inglês	Educação Musical
17.00	LANCHE	LANCHE	LANCHE	LANCHE	LANCHE
17.15	SAÍDA	SAÍDA	SAÍDA	SAÍDA	SAÍDA

(Horário sujeito a alterações)

1.4.6. Relatos diários

05 de março de 2012

Hoje foi o primeiro dia de estágio depois das férias do 1.º semestre. O dia começou com uma atividade quebra-gelo em que a professora conversou com os alunos sobre o que fizeram no fim-de-semana. Nessa conversa fez-se também a apresentação das novas estagiárias.

De seguida corrigiram os trabalhos de casa. Eram situações problemáticas, em que a professora exigiu que se fizesse sempre o raciocínio em voz alta. Enquanto se fazia a correção dos exercícios eu e a minha colega arrumámos os dossiês dos alunos. A seguir leram o segundo capítulo do livro “El-Rei Tadinho” da escritora Alice Vieira. A professora leu o texto em voz alta de uma forma bastante expressiva e cativante para todos e fez perguntas de interpretação sobre a parte do livro que tinham acabado de ler. Durante a interpretação do texto exigiu sempre respostas completas, a professora fez essencialmente revisão dos verbos no modo indicativo.

Inferências e Fundamentação Teórica

Mesmo tendo uma vida escolar bastante ativa, é sempre necessário que de vez em quando se enviem trabalhos para fazer em casa. Podem até ser em pouca quantidade e em número reduzido. O professor ao enviar alguns trabalhos, mesmo que reduzidos, para a criança fazer em casa está a obrigá-la e estudar, a rever ou a consolidar os conhecimentos adquiridos. Deste modo, e se aplicados na altura certa, os alunos vão desenvolver o gosto pelo estudo e tornarem-se mais responsáveis e independentes. Meirieu (1998, p.14), diz que

os trabalhos de casa são sempre necessários; poderão ser, sem dúvida, menos numerosos, mais objetivos, mais acessíveis, mas é necessário que haja alguns para desenvolver nos alunos a autonomia e a responsabilidade, bem como o sentido de organização, o interesse em aprofundar os seus conhecimentos e o gosto pelo trabalho pessoal.

Também diz (2008, p.27), que para a criança, muitas vezes o trabalho de casa não faz sentido. Normalmente detetamos isso quando uma criança opõe resistência ao trabalho por achar que ele não faz sentido, ou seja, porque não percebe para que é que serve.

Apesar de ser importante que as crianças trabalhem num espaço e ambiente adequado, nem todas elas gostam de estudar e de fazer os trabalhos de casa nas mesmas condições, tendo por isso, que respeitar o ambiente e o espaço em que cada pessoa se

sente confortável. Meirieu (1998, pp.43 e 44), diz que o “trabalho escolar requer ritos que facilitem a rutura com outros tipos de atividade, que dêem segurança à criança e que lhe transmitam o sentimento de que os que a rodeiam apoiam o seu esforço (...) para a criança o bom ambiente é aquele em que ela aprende melhor.”

06 de março de 2012

Os alunos fizeram interpretação por escrito do 2.º capítulo do livro “El-Rei Tadinho” da escritora Alice Vieira. Fizeram revisão das palavras homófonas, um exercício ortográfico em forma de caligrama e procuraram o significado de palavras no dicionário. Durante a interpretação do texto alguns alunos tiveram que ver pelo livro do colega do lado porque não tinham o seu.

Depois do intervalo fizeram exercícios de matemática: colocar números decimais por ordem, equivalência de medidas de comprimento e análise de um gráfico de barras e de um pictograma.

Inferências

Quando a professora fez uma pergunta a uma das crianças desta turma, ela mostrou falta de confiança na resposta. Outro aluno não parou quieto durante toda a manhã. Ao lhe dizermos para estar quieto e se concentrar no trabalho escolar, ele reclamava connosco. A professora zangou-se com ele quando viu que ele estava a protestar.

Nos exercícios de matemática mostraram facilidade na análise de gráficos.

09 de março de 2012

Neste dia os alunos fizeram ficha de avaliação de Matemática. Na prova saíram exercícios com reduções, números decimais e fracionários, tipos de linhas rectas, as rectas na circunferência, análise de dados/gráficos e situações problemáticas. A ficha de avaliação decorreu das 9h30 até às 11h00. Antes dos alunos começarem a resolver a prova, a professora leu o enunciado em voz alta e explicou o que se pretendia em cada exercício.

Depois do intervalo fizeram uma ficha de revisões para a ficha de Avaliação de Língua Portuguesa com exercícios de gramática: determinantes e pronomes possessivos, adjetivação, discurso direto e indireto, frases simples e frases complexas. Inicialmente os alunos resolveram-na sozinhos e depois fizeram a correção no quadro acompanhada de uma explicação da professora.

Inferências

Apesar da ficha de avaliação de Matemática não ser difícil, só dois alunos a conseguiram terminar antes do tempo previsto. Enquanto corrigia os exercícios no quadro a professora dava sempre uma breve explicação para os alunos compreenderem melhor a sua resolução.

12 de março de 2012

A professora Joana começou o dia a conversar com os alunos sobre as actividades que fizeram durante o fim-de-semana. Depois corrigiram o trabalho de casa de Língua Portuguesa e de História. A seguir fizeram uma ficha de trabalho de Língua Portuguesa em que os exercícios continham conteúdos de História, de modo a que ao trabalharem a gramática pudessem consolidar a matéria de História de Portugal que vai sair no teste. Num dos exercícios de português tinham que passar o texto do discurso direto para o discurso indirecto. Depois do intervalo fizeram avaliação da lateralização com o Geoplano. Para essa atividade a professora disse-lhes para traçarem o eixo de simetria, dividindo a placa em quatro partes iguais e depois com os elásticos desenhavam as figuras geométricas que pedia no local indicado. No início da atividade a docente brincou com os alunos de uma forma carinhosa, mantendo e exigindo sempre o respeito. Ao final da manhã arrumaram os trabalhos nos dossiês.

Inferências

No exercício em que tinham que aplicar os graus dos adjectivos os alunos revelaram dificuldade na sua resolução. Não tinham a certeza qual o grau do adjectivo pedido era o que estavam a escrever. Alguns dos alunos que mais precisavam de fazer o trabalho de casa para reverem a matéria para a ficha de avaliação de Língua Portuguesa, foram os que não fizeram. A professora achou isso inadmissível. Considero que esta atividade que privilegiou a interdisciplinaridade (Português e História) foi produtiva para os alunos.

Perto da hora do intervalo a turma começou a ficar desatenta à correção do trabalho de casa.

Ao utilizar o Geoplano para fazer avaliação da lateralização das crianças, a professora aproveitou para trabalhar também a área da geometria, em que elas desenhavam as figuras geométricas que a docente pedia. Matos e Serrazina (1988, p. 2) “a aprendizagem dos conceitos pertence essencialmente à essência da aprendizagem da Matemática e ela tem de ser fundamentalmente baseada na experiência.” Ao utilizarem este

material as crianças estão a manipular e as experimentar enquanto aprendem e consolidam os conceitos relacionados com as figuras geométricas e com a geometria em geral.

Caldeira (2009, p. 412), afirma que o *Geoplano* é um material estruturado que permite familiarizar as crianças com diferentes tipos de polígonos enquanto as representam. Segundo a mesma autora permite também estimular a construção da mesma figura variando a sua disposição no espaço e com diferentes ângulos, desenvolver o sentido de simetria enquanto coloca as figuras geométricas nos locais pedidos pela docente através de referências orais.

13 de março de 2012

Depois de terem ido à casa de banho e de se sentarem nas suas cadeiras, a professora distribuiu e leu em voz alta a ficha de avaliação sumativa de Língua Portuguesa. Enquanto lia ia explicando aos alunos o que se pretendia em cada pergunta. Ao ler o exercício sobre as preposições, a professora lembrou-se que ainda as tinha penduradas na parede da sala e pediu-nos para as tirar da parede. Nesse instante todos os alunos olharam para trás no intuito de relembrem as preposições que aprenderam. Apesar do teste ter sido grande, alguns alunos conseguiram acabar antes do fim do tempo. No exercício em que tinham que identificar a classe e a subclasse das palavras, alguns alunos não as conseguiram distinguir chegando mesmo a perguntarem à professora o que era subclasse.

Depois do intervalo fizeram uma ficha de trabalho sobre leitura de números com números decimais: do milhar de milhão à milésima.

Inferências

As crianças que têm revelado mais insegurança ao nível dos conteúdos de Língua Portuguesa, tentaram copiar, mas foram logo impedidos pela docente. Duas delas nem se importavam com o facto de uma das estagiárias estar atrás da mesa delas a observar e a vigiar.

16 de março de 2012

Hoje foi o dia da aula programada da minha colega de estágio. Ela deu a cadeia alimentar através da construção de um esquema no quadro. Em Português explicou os advérbios de lugar através de uma ficha informativa e tentou construir um gráfico de barras com o material Cuisenaire para trabalhar conceitos matemáticos.

Depois desta aula a professora analisou em conjunto com os alunos o terceiro capítulo do livro “El-Rei Tadinho”.

A seguir ao intervalo da manhã as alunas estagiárias e as supervisoras da prática pedagógica reuniram-se para avaliarem as aulas surpresa e as aulas programadas.

Inferências

Devido à pouca dinâmica que a minha colega introduziu na sua aula, as crianças tiveram algumas fases de agitação.

Relativamente à aula de Língua Portuguesa penso que a colega poderia ter feito alguns exercícios de aplicação de conhecimentos e ter projetado um *powerpoint* para melhor compreensão do que queria lecionar. Na aula de Estudo do Meio deveria ter utilizado setas para todas as cadeias alimentares que construiu com os alunos, pois ao movimentar as setas de umas cadeias (que tinham imagens de diferentes tamanhos e não estavam alinhadas) para as outras ficavam sem se perceber o esquema. As imagens utilizadas tornaram-se pouco visíveis porque eram muito pequenas. A colega devia ter mais cuidado na construção do material que utiliza nas suas aulas. Não conseguiu dar a aula de Matemática porque o suporte que fez em papel para a construção do gráfico não estava ajustado ao tamanho real das peças do material Cuisenaire.

19 de março de 2012

A professora iniciou o dia a conversar com os alunos sobre o que gostaram e o que não gostaram da visita de estudo ao Campo Pequeno. Nesse local assistiram à ópera de uma história dirigida aos mais pequenos. Em Língua Portuguesa fizeram uma composição sobre esta visita de estudo. Nós fizemos uns sorrisos com materiais recicláveis para um concurso em que a escola ia participar. Depois do intervalo trabalharam os conceitos de área e perímetro com os Pentaminós. (Figura 56 e 57)

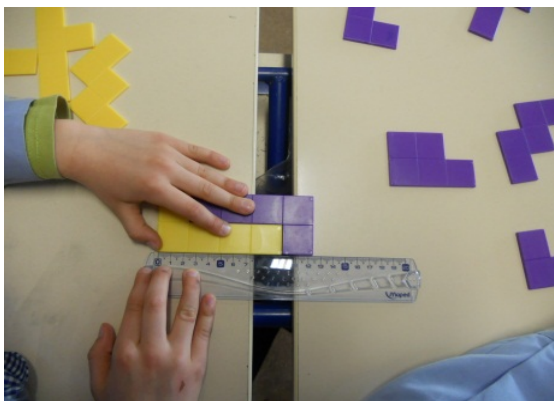


Figura 56 – Aula com Pentaminós.



Figura 57 – Sorriso para enviar para um concurso.

Inferências

Caldeira, (2009), afirma que à semelhança dos Poliminós, os *Pentaminós* permitem explorar transformações geométricas, explorar o número de formas distintas que se podem obter a partir de um número fixo de peças. Ao utilizarem este material, as crianças estão a verificar que a partir do mesmo número de peças conseguem construir figuras geométricas diferentes e a calcular áreas e perímetros estão a explorar o sentido de número, como refere a autora anteriormente citada.

20 de março de 2012

Logo ao início da manhã os alunos começaram a resolver uma ficha com exercícios de Matemática. A meio, a professora interrompeu esta atividade para fazerem avaliação formativa da conjugação dos tempos verbais no modo indicativo e no modo condicional. Os alunos preencheram a ficha para avaliação dos verbos com a orientação da professora e ao ritmo que ela indicava. Depois desta avaliação continuaram a fazer os exercícios de Matemática em que tinham que completar simetrias. Ao fim da manhã a turma teve clube de ciências. Nesta atividade observaram as células da folha (cloroplastos e estames) ao microscópio e falaram da sua função. Enquanto explicavam para que servem cada uma das células observadas fazia também um esquema no quadro. (Figura 58)



Figura 58 – *Microscópio por onde observaram as células de uma folha.*

23 de março de 2012

A professora iniciou o dia a trabalhar a multiplicação e leitura de números com o material Cuisenaire. Para que todos os alunos pudessem acompanhar a correcção dos

exercícios, a professora usou uma simulação das barras do Cuisenaire construídas no *activeinspire*. (Figuras 59 e 60)

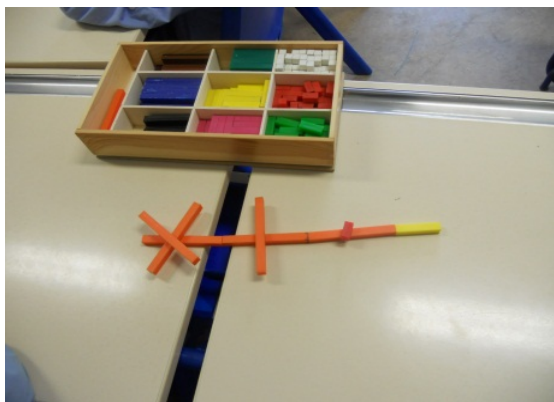


Figura 59 – Representação de uma multiplicação com o Cuisenaire.

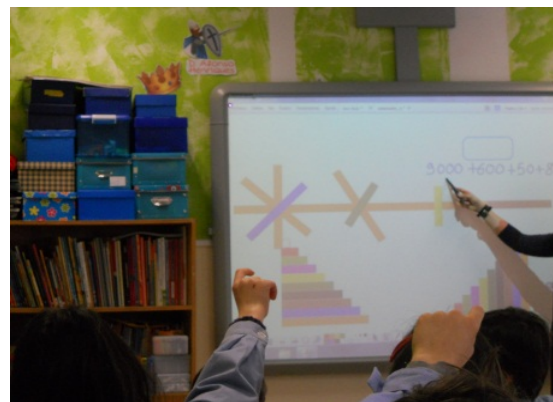


Figura 60 – Professora a fazer a correcção da multiplicação através do Cuisenaire no quadro interactivo.

Com o mesmo material a minha colega deu aula surpresa pedida pela professora. Na sua aula trabalhou o perímetro e área de figuras regulares e irregulares e perímetros equivalentes. Inicialmente a minha colega utilizou apenas o material estruturado e trabalhou o cálculo mental enquanto a turma achava o perímetro das figuras geométricas. Para confirmar e para que todos pudessem visualizar, também utilizou o programa do quadro interactivo com as peças do Cuisenaire e aplicou as fórmulas do perímetro das figuras geométricas pretendidas. Em todos os cálculos do perímetro, no quadro, fizeram a adição em coro. Relativamente à área das figuras geométricas, começou por colocar as peças padrão em cima de toda a figura. Em conjunto com os alunos contou todas as peças e explicou que o conjunto daquelas peças brancas representava a área da figura. Posteriormente o conceito de área também foi representado no quadro. (Figura 61)



Figura 61 – Aula surpresa com o material Cuisenaire.

Inferências e Fundamentação Teórica

De acordo com Alsina (2004, p. 34), “as barras de cor são um material manipulativo especialmente adequado para aquisição progressiva das competências numéricas. São um suporte para a imaginação dos números e das suas leis, tão necessário para poder passar ao cálculo mental (...) para introduzir e praticar as operações aritméticas.” Ao trabalhar as operações aritméticas com o Cuisenaire, as crianças representam com as barras de cores número que querem ao mesmo tempo que trabalham o cálculo mental e conseqüentemente as operações aritméticas ao nível abstracto. Caldeira (2009, p. 126) afirma que este material permite desenvolver a criatividade da criança, manipular operações aritméticas e também calcular perímetros e áreas. Relativamente à criatividade a que a autora se refere, consegue-se desenvolver quando o professor pede aos alunos para fazerem construções diferentes mas que tenham, por exemplo, o mesmo perímetro ou a mesma área.

10 de abril de 2012

Foi o primeiro dia de aulas depois das férias da Páscoa. Eu dei a minha primeira manhã de aulas nesta sala. Comecei a manhã com a aula de Matemática, em que ensinei as medidas de massa do quilograma ao miligrama. Fiz a distinção de peso e de massa de um corpo. De seguida e a partir de outras medidas já aprendidas, levei as crianças a descobrirem as medidas de massa. Representei-as no quadro com cartões e disseram-nas em coro. Depois leram uma ficha informativa e resolveram uma ficha de trabalho que foi corrigida, posteriormente, no quadro. Em Estudo do Meio lecionei os tipos de raízes (terrestre, aquática e aérea). Para dar esta aula parti dos conhecimentos que os alunos já tinham sobre esta matéria e mostrei um *powerpoint* com as suas características e funções. Posteriormente leram uma ficha informativa em voz alta e fizeram uma atividade em que os alunos tinham que ouvir uma adivinha, descobrir de que tipo de raiz estava a falar e colar no sítio correto da folha que lhes distribuí. Em Língua Portuguesa falei dos tipos de texto, incidindo principalmente no tipo instrucional sendo que copiaram do quadro a receita do bolo de laranja enquanto fazíamos o bolo.

Inferências

As crianças descobriram rapidamente as medidas de massa e resolveram com facilidade os exercícios propostos. Na distinção dos conceitos de massa e peso penso que nem sempre foram transmitidos de uma forma clara.

A matéria de Estudo do Meio foi dada de uma forma muito rápida, pois a turma já dominava esta matéria de anos anteriores. Assimilaram bem a informação demonstrando-o na forma como resolveram os exercícios. Os alunos souberam partilhar o material escolar, demonstrando-o também durante a atividade, quando tiveram que emprestar as colas aos colegas que não tinham.

Na aula de Língua Portuguesa, a turma mostrou-se muito alegre e motivada por irmos fazer um bolo. Penso que podia ter explorado melhor a receita ao nível dos conteúdos gramaticais (modos e tempos verbais, nomes, entre outros).

13 de abril de 2012

Neste dia decorreu a aula programada da minha colega. Ela fez leitura e interpretação de um texto. Deu as medidas de massa da tonelada ao decaquilograma e a Estudo do Meio ensinou a estrutura de uma folha.

A colega levou uma árvore de cartão onde estavam penduradas as folhas com o texto para os alunos lerem. A minha colega fez a leitura modelo e pediu a alguns alunos para lerem também em voz alta. Com as perguntas escritas em cartões fez a interpretação e a exploração gramatical da história. À medida que se ia respondendo a cada uma das perguntas ia aparecendo a resposta no quadro interactivo. (Figuras 62 e 63)



Figura 62 – Árvore de cartão.

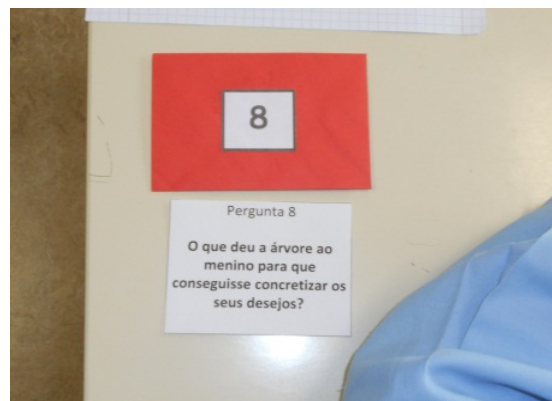


Figura 63 – Cartão com perguntas para a interpretação do texto.

A partir do *activeinspire* explicou como é constituída uma folha de uma planta e identificou cada um dos seus organismos. Como atividade fez o decalque de uma folha. Relativamente às medidas de massa, identificou-as com os alunos e depois fez uma ficha de trabalho. (Figura 79)

Depois do intervalo fomos para a reunião da prática pedagógica para avaliação das aulas.

Inferências

Penso que a minha colega não explicou bem como se fazia a atividade de decalque da folha. Se demonstrasse enquanto explicava a técnica, os alunos teriam menos dificuldade em executá-la e perguntavam menos vezes se estavam a fazer bem. Relativamente à forma como apresentou o texto para interpretação penso que o trouxe e distribuiu às crianças de uma forma diferentes. O facto de os ter penduras numa árvore e os ter recortado em forma de folha deixou-os mais apelativos.

16 de abril de 2012

A minha colega deu hoje mais uma das aulas pedidas pela professora.

Na aula de Estudo do Meio levou os alunos a descobrirem o tema de que iam falar através da leitura de um poema. À medida que ia falando de D. Afonso III, com suporte ao *activeinspire*, os alunos tiveram que construir o bilhete de identidade desse rei. (Figura 64)



Figura 64 – Apresentação em flipchart sobre o rei D. Afonso III.

Os problemas não rotineiros que deu, estavam associados aos números ordinais e aos itinerários. Como exemplo dos problemas temos registo o seguinte: Qual é a princesa que mora em cada andar? Como é que as princesas podem ir ao refeitório sem se cruzarem? (Figuras 66)

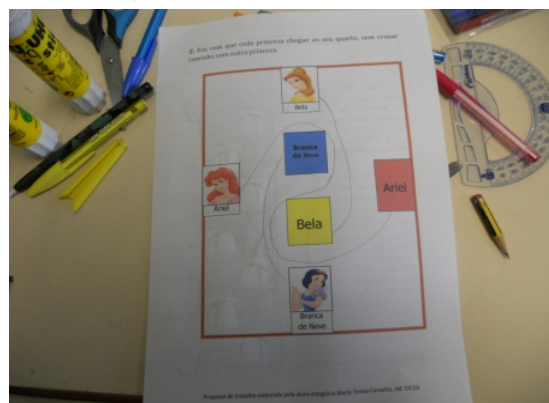


Figura 65 – Ficha de trabalho com situações problemáticas não rotineiras.

Em Língua Portuguesa começou por mostrar a imagem de um caligrama e explicar o seu significado. Mostrou vários caligramas, incluindo o caligrama mais antigo do mundo. Enquanto mostrava os vários caligramas que trouxe, dizia o que estava escrito nalguns e perguntava aos alunos que formas tinham. Quando mostrou o caligrama com formato de uma máquina de escrever, um dos alunos disse o seguinte:

Aluno 1: *Eu sei o que isso é ! É uma máquina que se carrega nas teclas e depois um ferro fininho que tem uma letra na ponta, escreve na folha e forma as palavras. Eu não me lembro do nome...É ...máquina de escrever! Há uma já muito antiga na casa dos meus avós!*

Como atividade de Língua Portuguesa a minha colega trouxe uma ficha com exercícios em que ditava um pequeno texto sobre D. Afonso III que eles iam escrevendo em forma de caligrama, previamente combinado

Inferências

Ao longo dos exercícios da aula de Língua Portuguesa verifiquei que alguns alunos tiveram mais dificuldade em fazer o caligrama do que os outros.

Também pude observar que durante as aulas a minha colega tem mostrado cada vez mais à vontade no que está a fazer e tem circulado mais pela sala de aula.

O caligrama assim como outros exercícios do género são muito apreciados pelos alunos, pois permitem alguma liberdade gráfica na redacção de determinado exercício ortográfico ou caligráfico.

Ao resolver situações problemáticas não rotineiras, as crianças estão a explorar várias possibilidades para conseguirem chegar à solução correta do problema. Deste modo estão a desenvolver o raciocínio lógico, participando em função dos seus conhecimentos. A Associação de professores de Matemática (2010, p.148) diz que as atividades de cariz exploratório “permitem que todos os alunos, na sala de aula, desenvolvam trabalho e participem, em função dos seus conhecimentos matemáticos.”

17 de abril de 2012

Hoje a professora conversou com a turma sobre o mau comportamento que tiveram na sala, procedendo-se o seguinte diálogo:

Professora: *Bom dia turma! Ontem à tarde falámos do vosso comportamento na sexta-feira.*

Turma: *Sim!*

Professora: *À tarde... enquanto vocês estavam comigo...como é que vocês se portaram?*

Turma: *Portámo-nos bem.*

Professora: *Pois foi. Mesmo quando eu saí da sala vocês ficaram quietos e calados. E na biblioteca, como correu? Portaram-se bem com a professora que estava convosco? Sabem que ela combinou comigo, vir cá dizer-me quando chegar, mas eu queria primeiro saber por vocês.*

Aluno 1: *Mais ou menos...brincámos e conversámos um pouco nos sofás.*

Professora: *Fizeram isso? Qual é a regra mais importante na biblioteca?*

Aluno 2: *Não falar e não brincar?*

Professora: *Estar em silêncio, não é?*

Aluno 3: *Sim.*

Professora: *Sabem porquê? Porque na biblioteca há pessoas que querem ler, e se não estiverem sossegados vão incomodar as outras pessoas que estão lá.*

Em Língua Portuguesa fizeram uma ficha para avaliação que abrangia a seguinte matéria: grau dos adjetivos, preposições e conjugação verbal. Depois fizeram a correção oralmente.

A seguir ao intervalo fizeram uma ficha com situações problemáticas. Alguns desses problemas foram os seguintes: *“A Raquel tem de ir ao dentista na próxima 4ª feira. Ela demora duas horas a ir ao dentista, (trajecto escola/dentista – 30 minutos; consulta – 1 hora, trajecto de volta à escola – 30 minutos). Sabendo que ela tem aulas das 9h às 17h e a sua hora de almoço é das 13h às 14.30, ajuda a Raquel a escolher a melhor opção de modo a faltar o menos tempo possível às aulas.”* Depois de resolverem sozinhos os problemas, a professora fez a correção, pedindo a algumas crianças para explicarem como chegaram à sua solução.

Inferências

Parece-me muito interessante o diálogo da professora com os alunos sobre o seu comportamento levando-os não só a refletirem sobre as suas atitudes como transmitindo-lhes a importância do silêncio numa biblioteca.

18 de abril de 2012

Foi o dia da minha segunda aula na turma do 3.º ano. Em Língua Portuguesa fiz uma composição colectiva em prosa. Para isso coloquei imagens no quadro e fui pedindo aos

alunos para observarem o que estava em cada uma das ilustrações e darem ideias para a composição. Demorei a primeira parte da manhã para fazer a composição colectiva.

Em Estudo do Meio falei dos tipos de solo (argiloso, arenoso e areno-calcário). Projetei um *powerpoint* com a matéria e algumas imagens à medida que ia explicando e dialogando com a turma sobre as características de cada um dos solos mencionados. Por fim leram uma ficha informativa e fizeram uma experiência sobre a permeabilidade dos solos. A experiência não teve resultados fiáveis porque não foi executada da forma correta. Em vez de colocarmos a água nas três amostras de solo ao mesmo tempo, colocámos numa amostra de cada vez.

Não tive tempo para dar a aula de Matemática devido ao tempo que demorei na composição colectiva.

Inferências

Durante a composição colectiva os alunos foram criativos, no entanto, analisaram as imagens apresentadas com alguma objetividade. Apesar da criatividade, quando solicitados para participar, algumas crianças tiveram dificuldade em construir frases com sentido. Toda a turma quis transmitir as suas ideias, o que por vezes tornou difícil a disciplina e o “peço a palavra”, falando todos ao mesmo tempo.

19 de abril de 2012

Vim de propósito ao Jardim-Escola para dar a aula de Matemática sobre a balança decimal. Através de um *powerpoint* expliquei o que é uma balança decimal, para que serve, como é constituída e como funciona. Lemos uma ficha informativa e como atividade fiz duas situações problemáticas para aplicação dos conhecimentos aprendidos, tendo sido resolvida em conjunto e com orientação no raciocínio lógico.

20 de abril de 2012

Para começar a aula, a minha colega projetou um poema da escritora Maria Alberta Menéres e fez algumas questões sobre a constituição dos poemas. De seguida fez uma composição colectiva em que a turma construiu o seguinte poema:

*As pedras existem no planeta,
São pequenas e usam chupeta!
Patos a nadar com pedras,*

*E isso em Torres Vedras!
Dentro de água ficam guardadas,
Riem às gargalhadas!
As pedras vivem no mar,
São as sereias que as vão salvar!*

Em Estudo do Meio falou dos diferentes tipos de rochas, enfatizando a sua constituição e o que caracteriza cada uma. Enquanto a minha colega ia falando da matéria, os alunos iam preenchendo uma ficha sobre a informação que estavam a ouvir. Como atividade fez uma experiência de modo a que as crianças observassem as rochas apresentadas e registassem a sua constituição e textura. (Figura 66)



Figura 66 – Tipos de rochas que os alunos observaram.

Em Matemática deu a divisão com casas decimais no dividendo e no divisor. A Maria só teve tempo para fazer os exercícios. Teve que adaptar a estratégia e explicar as regras para a resolução destas divisões enquanto faziam os exercícios no quadro. (Figura 67)

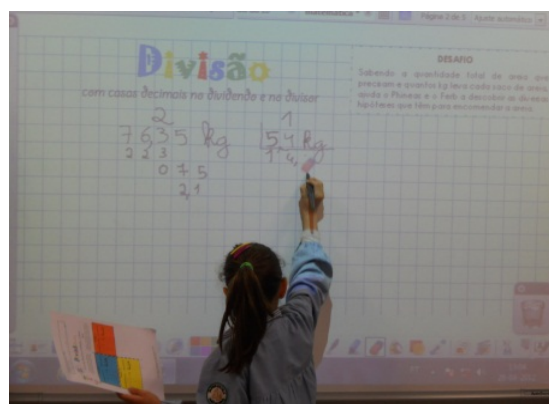


Figura 67 – Aluna a fazer uma divisão com casas decimais no dividendo e no divisor.

23 de abril de 2012

A professora começou o dia a conversar com os alunos sobre as atividades que fizeram durante o fim de semana. A conversa que a professora teve com a turma foi a seguinte:

Professora: *Como foi o fim de semana?*

Aluno 1: *Eu fui a Peniche!*

Professora: *Foste? E foram acampar ou só passear?*

Aluno 1: *Só passear.*

Professora: *Foste pescar?*

Aluno 1: *Não.*

Professora: *Comeste peixe fresco?*

Aluno 1: *Sim, estava muito bom!*

Aluno 2: *Eu fui ao Cabo da Roca!*

Professora: *Foste? Sabes porque é que o Cabo da Roca é tão importante?*

Aluno 2: *Ahhh... É porque é a ponta mais ocidental da Europa.*

Professora: *Isso mesmo! É a parte mais ocidental da Europa. Sabes o que é que fica ao pé do Cabo da Roca?*

Aluno 2: *Sim! A Boca do Inferno!*

Professora: *Sabem porque tem esse nome?*

Turma: *Não!*

Professora: *Porque é uma espécie de buraco que existe nas rochas e que dá ligação ao mar. Aí as águas são muito agitadas e perigosas. Antigamente algumas pessoas caíram lá. Passaram a chamar esse nome porque pensavam que essas águas agitadas davam caminho para o inferno.*

Depois desta conversa a professora fez leitura e interpretação do terceiro capítulo do livro “O Planeta Branco” de Miguel Sousa Tavares. Quando a professora estava a dar aula uma colega veio-nos chamar para assistirmos à aula programada de uma outra colega. Ela deu o rei D. Afonso III, o caligrama e fez situações problemáticas não rotineiras. A colega apoiou-se num *powerpoint* onde estava toda a informação. Na aula de Estudo do Meio a turma preencheu um bilhete de identidade do rei de que estavam a falar enquanto a minha colega ia explicando a matéria. No *powerpoint* projetou a árvore genealógica e um cronograma com factos importantes da vida deste rei. Reforçou a data de 1249 (conquista definitiva do Algarve), reforçou a data de 1254 (reuniu as cortes em Leiria) e dialogou com os alunos sobre cada uma das classes sociais da época de D. Afonso III.

Quando falou das fronteiras de Portugal houve o seguinte diálogo:

Aluno 1: *A minha mãe disse que Portugal foi o país da Europa que definiu as fronteiras mais cedo.*

Estagiária: *Queres dizer que é o país que tem as fronteiras mais antigas da Europa?*

Aluno 1: *Sim!!!*

Estagiária: *A tua mãe tem razão.*

As situações problemáticas fizeram-se em conjunto e corrigidas no quadro. A primeira situação problemática foi a seguinte: “O rei D. Afonso III decidiu organizar um banquete com todos os seus amigos, o problema é que há diversas zangas entre os seus amigos. D. Ana está zangada com D. Sofia; D. Sofia está zangada com D. Pedro; D. Pedro está zangado com D. João, e D. João está zangado com D. Ana. Sabendo que D. Afonso fica no topo da mesa, será que vai conseguir organizar o banquete sem que os colegas zangados fiquem lado a lado?”. A segunda situação problemática foi: “D. Afonso é mais baixo do que D. João e mais alto que D. Sancho. Por sua vez D. Manuel é mais baixo do que D. Pedro. Quem é o mais alto de todos? E o mais baixo?”

Na minha aula surpresa trabalhei a adição e a leitura de números com os Calculadores Multibásicos. Iniciei a aula a relembrar as regras de utilização deste material. Quando ditei a situação problemática as crianças iam colocando as peças necessárias nos sítios corretos. Identifiquei com a turma os dados do problema e verifiquei se todos tinham colocado corretamente. Guiei os alunos nos raciocínio de modo a se chegar ao resultado. Aproveitei o total da adição para fazer também leitura de números.

Inferências

A minha colega explicou bem a matéria e apresentou um *powerpoint* simples, contudo, penso que este dispositivo podia ter algumas imagens para ilustrar as datas e os conteúdos que referiu. Apesar de ter visto este tema (D. Afonso III) duas vezes, por colegas diferentes, permitiu-me concluir que a relatada hoje foi mais interessante e mais dinâmica do que a outra. Assim, acho que os temas podem ser lecionados com estratégias diferentes sendo que uma pode ser melhor que outra.

Um aluno às vezes brincava com as peças dos Calculadores e quando ficou sem material começou a brincar com um avião de papel. Depois de uma reflexão percebi que não o devia ter deixado sem material e não lhe devia ter tirado o avião de papel, pois é um menino muito agitado que se esforçou ao máximo para não falar com os colegas e não perturbar a aula.

Ao conversar com as crianças sobre as suas atividades no fim de semana, a professora está a proporcionar aos seus alunos o desenvolvimento da língua materna ao mesmo tempo que pensa simbolicamente e aprende sobre a realidade social e afectiva.

Segundo Sim-Sim, Silva e Nunes (2008, p. 34) “a comunicação é vital no desenvolvimento da criança, implicando a participação ativa de ambos os interlocutores (criança e adulto) e requerendo oportunidades comunicativas e a existência de múltiplas razões que levem ao desejo e à necessidade de comunicar.”

24 de abril de 2012

Os alunos fizeram uma ficha para conjugar os verbos apresentados nos tempos e modos pedidos. Nesta ficha havia um verbo de cada terminação. A professora ia dizendo as pessoas verbais para todos conjugarem ao mesmo tempo. De seguida fizeram um exercício em que tinham que escrever no discurso indireto o texto apresentado.

No tempo que sobrou até ao intervalo os alunos e a professora fizeram a correção oral da conjugação dos tempos verbais.

Perto da hora do almoço tiveram Clube de Ciências, em que o professor falou dos fósseis e fez uma atividade experimental sobre esta temática. (Figuras 68 e 60)



Figura 68 – Molde de plasticina para a experiência.



Figura 69 – Alunos a fazer a experiência.

Inferências e Fundamentação Teórica

O facto de no Clube de Ciências o professor ter feito uma experiência relacionada com os fósseis levou a que os alunos interligassem esta matéria com outro conteúdo programático do Estudo do Meio. Ao falar da fossilização está a abordar a temática da gestão dos solos. É importante que os alunos percebam desde cedo que o solo é uma fonte de informação muito rica. Oliveira (1989, p. 64) afirma que “a Geologia não podia ficar esquecida, (...) a relação entre a paisagem e os aspectos geológicos (...) deve ser apresentada aos jovens desde cedo para que se apercebem da importância da gestão do solo.”

27 de abril de 2012

Em Língua Portuguesa fizeram exercícios de aplicação sobre nomes comuns coletivos, graus dos adjetivos, preposições, número dos nomes, pronomes pessoais e família de palavras.

Durante a realização da ficha alguns alunos tiveram uma ligeira dificuldade no exercício dos pronomes pessoais. A aula teve que ser interrompida várias vezes porque as crianças estavam agitadas.

Depois do intervalo fizeram exercícios sobre as medidas de capacidade. Durante a aula de Matemática dois alunos queixaram-se de dores de cabeça e garganta. Mais tarde, quando fui com eles à secretaria, verificou-se que tinham febre. Durante a aula Matemática a professora pediu a um aluno para ir fazer um favor à diretora da escola. A criança deu mal o recado, resultando na seguinte conversa entre professora e diretora dentro da sala de aula:

Professora: *Vai à Ana dizer que não tenho tinteiros na minha impressora e que preciso de imprimir a avaliação da Maria. Pede para ela imprimir no computador dela. Enviei-lhe para o mail dela.*

Directora: *Tu tas louca! Então vais dar tinteiros à Maria?*

Professora: *O que é que a minha aluna te disse?*

Directora: *Disse que não tinhas tinteiros porque deste à Maria.*

Professora: *Eu não disse nada disso! Eu disse à Joana que precisava de imprimir a avaliação da aluna Maria e que não tinha tinteiros. Pedi para tu imprimires no teu computador e que eu tinha enviado para o teu mail.*

Também durante esta manhã chegou à sala uma circular que a professora leu à turma dizendo que o Jardim-Escola, na segunda-feira dia 30 de Abril, funcionaria em forma de *Roulement*. Dizia também que a partir do dia 2 de Maio só podem chegar à escola depois das 9h30 os alunos que tenham avisado com antecedência que vão chegar tarde e que apresentam a devida autorização do director da instituição para chegar mais tarde.

No final da manhã eu e a minha colega conversámos com a professora sobre o período de estágio.

Inferências e Fundamentação Teórica

O diálogo relatado mostra o quanto é importante uma criança ser capaz de “dar um recado”, ou seja, transmitir correctamente uma informação que recebeu. Há exercícios que se fazem na educação infantil que trabalham esta competência narrativa que se revela tão essencial para o discurso oral e organização das ideias. Segundo Sim-Sim, Silva e Nunes

(2008,p. 40) ao desenvolver, com as crianças, atividades que promovam o diálogo desde cedo, proporciona-lhes a oportunidade de “se expressarem (...), interagindo verbalmente e, deste modo desenvolverem as suas capacidades de expressão oral.” Deste modo, as crianças ficam mais aptas para expressarem as suas ideias e pensamentos bem como a capacidade de transmitir recados sempre que necessário.

1.5. Secção 5 – Bibe Verde/2.º ano

1.5.1. Data do estágio: 02 de maio de 2012 a 22 de junho de 2012

1.5.2. Caracterização da turma

A turma do 2.º ano B é constituída por vinte e oito alunos; quinze elementos do sexo feminino e treze elementos do sexo masculino.

A maioria das crianças tem pelo menos um irmão, havendo apenas três alunos que não têm irmãos. Dos vinte e cinco alunos que têm irmãos, apenas nove têm um quarto só para si, uma vez que os restantes partilham o mesmo quarto com os irmãos. Decorrente da análise da turma, ao nível das competências essenciais da Língua Portuguesa, os alunos não têm dificuldades. Lêem e interpretam textos com facilidade. Também escrevem frases e empregam os sinais de pontuação no final da frase bem como o uso de maiúsculas no início desta. Por vezes e também esquecem-se dos sinais gráficos de acentuação.

Relativamente à área curricular de Matemática, a turma não revela dificuldades. Fazem operações aritméticas e usam o cálculo mental com facilidade. De um modo geral, identificam as ordens dos algarismos até ao milhar de milhão, as cores e as ordens no material Calculadores Multibásicos.

Após uma análise global da prestação dos alunos em sala de aula, pode constatar que a turma é bastante interessada e motivada para a aprendizagem. A maioria dos alunos consegue manter a concentração da atenção, havendo apenas uma criança mais irrequieta, mas com um comportamento aceitável.

Um dos alunos iniciou o processo de aprendizagem da leitura e da escrita apenas o ano passado e as suas dificuldades na língua materna são notórias. Contudo, apresenta também muitas dificuldades ao nível da Matemática.

1.5.3. Caracterização da sala de aula

Na sala de aula do 2.º ano as mesas e as cadeiras são todas individuais. Estas têm tampos que se utilizam levantados quando trabalham os materiais estruturados de matemática ou quando têm aula de Expressão Plástica.

Numa das paredes está um quadro de ardósia. Nas outras paredes existem estantes e armários onde estão guardados os livros, os dossiês dos alunos e outros materiais. Esta sala tem uma porta que dá para um corredor e acesso ao salão, à biblioteca e a casas de banho.

1.5.4. Rotinas diárias

As rotinas do 2.º ano são iguais às dos 1.º, 3.º e 4.º anos. As turmas fazem intervalo a meio da manhã e também depois de almoçarem. Lancham à mesma hora que as outras turmas. Relativamente aos hábitos de higiene, estes também são desenvolvidos nas mesmas condições.

Actividades Curriculares Disciplinares

O segundo ano tem Língua Portuguesa, Estudo do Meio e Matemática. Na disciplina de Estudo do Meio também têm Clube de Ciências, tal como nos anos referidos em cima.

Actividades Curriculares Não Disciplinares

As atividades curriculares não disciplinares deste ano de escolaridade são o Inglês, a Educação Musical, a Expressão Plástica, a Informática e o Clube de Ciências

1.5.5. Horário da turma

No quadro 6 podemos ver as atividades do 2.º ano do Jardim-Escola João de Deus da Estrela.

Quadro 6 – Horário do 2.º ano do primeiro ciclo do ensino básico.

2º Ano B		2ª Feira	3ª Feira	4ª Feira	5ª Feira	6ª Feira
9.00-9.50	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	
10.00-10.50						
11.00 - 11.30	RECREIO	RECREIO	RECREIO	RECREIO	RECREIO	RECREIO
11.30-12.10	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	
12.10-13.00						
13.00-14.30	ALMOÇO E RECREIO	ALMOÇO E RECREIO	ALMOÇO E RECREIO	ALMOÇO E RECREIO	ALMOÇO E RECREIO	ALMOÇO E RECREIO
14.30-15.20	Formação Pessoal e Social	Estudo do Meio	Estudo do Meio	Inglês	Educação Musical	
15.20-16.10	Biblioteca/Informática 15.00 – 16.00			Expressão Artística 15.20-17.00	Educação Física	
16.10-17.00	Estudo do Meio			Formação Pessoal e Social 16.30 – 17h		
17.00	LANCHE	LANCHE	LANCHE	LANCHE	LANCHE	LANCHE
17.15	SAÍDA	SAÍDA	SAÍDA	SAÍDA	SAÍDA	SAÍDA

(Horário sujeito a alterações)

1.5.6. Relatos diários

04 de maio de 2012

Hoje a aula programa foi dada por um colega do outro grupo. Falou sobre o golfinho cor de rosa, o grau superlativo dos adjectivos e a noção de perímetro com o material Cuisenaire.

Através de um *powerpoint* fez revisão das características dos mamíferos e aproveitou para passar para o golfinho cor de rosa, referindo o seu tipo de alimentação, a sua atividade em grupo, e local onde habita localizando-o no mapa. Conversou com os

alunos acerca do homem gostar de caçar golfinhos com fins comerciais. Não explicou quais eram os fins comerciais para que eram utilizados os golfinhos. Alguns alunos chegaram atrasados e a colega não os acolheu.

Leu ainda um texto, projectando um pwerpoint, em que apareciam adjetivos nos vários graus. Pediu a um único aluno para ler o texto. Quando os alunos se enganavam, ela podia ter recorrido às regras da *Cartilha Maternal* para os ajudar, em vez de os ter corrigido logo. Ao explicar o grau superlativo dos adjetivos devia ter reforçado melhor as palavras que se utilizam para o formar. Os exercícios que fez de consolidação de conhecimentos foram feitos em conjunto apenas oralmente. Em alguns exercícios, quando pediu a resposta aos alunos, já lá estavam as respostas escritas no quadro.

Em Matemática utilizou, também e novamente, o *powerpoint* aliado ao material Cuisenaire. Disse que iam calcular o perímetro do tanque sem explicar o que era. Não fez o cálculo em conjunto com os alunos nem referiu a fórmula que se utiliza para calcular o perímetro do quadrado. (Figura 70)

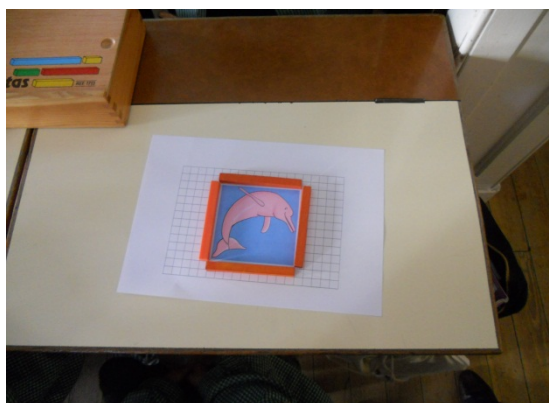


Figura 70 – Noção de perímetro com o Cuisenaire.

Depois do intervalo houve reunião de prática pedagógica para avaliação de todas as aulas programadas e de aulas surpresa no Jardim-Escola. A avaliação da aula da colega que deu o golfinho cor de rosaficou marcada para outro dia, por motivos relacionados com a sua prática pedagógica.

Inferências

A explicação da matéria de Língua Portuguesa foi um pouco confusa e apressada. As letras do texto de Língua Portuguesa podiam estar maiores.

Quando explicou o que era o perímetro fê-lo de uma forma um pouco confusa, disse também que era a soma do comprimento de todos os lados. Não aproveitou a linha cor de laranja que delimitava o quadrado (tanque) onde estava o golfinho para introduzir a matéria.

Devia ter tido mais calma e ter partido da linha cor de laranja para os alunos descobrirem que peça do Cuisenaire iriam utilizar para delimitar a figura geométrica que estava representada. Não referiu que os cantos não faziam parte do perímetro do quadrado. A aula não demorou uma hora como era previsto. Podia ter aproveitado bem o tempo para explicar o perímetro e apelar ao raciocínio lógico dos alunos, fazendo-lhes perguntas, ou então reforçar a noção de perímetro e como se calcula. Durante toda a aula os alunos estiveram calmos, participativos e atentos. Estavam com ela.

Ao longo de toda a aula a minha colega circulou pela sala. Fez poucas perguntas dirigidas. Considero que usou e abusou do *powerpoint* para as aulas programadas. Fez falta uma ficha de consolidação dos conhecimentos e informativa sobre o golfinho cor de rosa, os graus dos adjectivos e o perímetro.

A reunião teve momentos divertidos e de conversa entre professores e estagiários. Quando foi a avaliação de um colega, estagiário do Mestrado do Ensino do 1.º e 2.º Ciclos do Ensino Básico, ele explicou como decorreu a sua aula de uma forma muito dinâmica e ao mesmo tempo divertida para todos. Tendo em conta que algumas reuniões são muito extensas, o que dificulta a nossa concentração, esta foi bastante produtiva para nós. Estas reuniões são importantes para nós, estagiários, que porque, através da avaliação formativa que professoras supervisoras e a professora cooperante fazem nós crescemos profissionalmente. Como diz Alarcão (1995, p. 100), “durante a sua formação, os futuros professores devem ter um supervisor que acompanha e avalia situações formativas (...) conducentes ao desenvolvimento profissional do professor.”

07 de maio de 2012

Uma colega do outro mestrado deu aula programada. Fez revisão do grupo nominal e do grupo verbal da frase. A partir da frase “Ontem, o peixe-palhaço mordeu o Manuel” introduziu o grupo móvel, explicou o que é, e como o podemos identificar. Através da mesma frase levou os alunos a descobrirem em que outras partes se podia colocar o grupo móvel que estava presente, ficando a frase inicial da seguinte forma: “O peixe-palhaço mordeu o Manuel ontem” e “O peixe-palhaço, ontem, mordeu o Manuel”. Para a atividade distribuiu um envelope com frases em que os alunos tinham que completar acrescentando um grupo móvel (GM) que quisessem. Durante a aula, a colega fez perguntas dirigidas e uma explicação clara e concisa da matéria.

Ao falar das características dos peixes mostrou um *powerpoint* ao mesmo tempo que dialogava com os alunos sobre a matéria. Como atividade fez uma sopa de letras com a forma de um peixe. No fim mostrou um peixe verdadeiro em que as crianças puderam tocar. À medida que ia mostrando o peixe aos alunos ia pedindo para identificarem as várias

partes do animal, de que falaram. Em Matemática fez situações problemáticas não rotineiras. Na aula começou por explicar o que são situações problemáticas não rotineiras, dizendo o seguinte: “São situações problemáticas que nós não utilizamos no nosso dia a dia. Não são precisos cálculos matemáticos para os resolver”. Os exercícios foram resolvidos em conjunto e são os seguintes: “O peixe-dragão queria organizar um jantar na sua casa. Mas para isso tinha que descobrir as medidas da sua mesa. O peixe dragão só sabe que a sua mesa tem doze metros de perímetro. Sabendo que o comprimento é o dobro da largura, ajuda o peixe-dragão a encontrar as medidas do comprimento e da largura da mesa.” e “A raia estava à espera da sua amiga sardinha para lanchar, mas esta não sabia qual era a sua casa. A raia, que era muito divertida, resolveu dar apenas algumas pistas à sardinha. Ajuda a sardinha a encontrar a casa da raia, sabendo que o número da casa é o dois e que naquela rua a casa azul é vizinha da verde e da amarela. A casa amarela não é vizinha da rosa. O número da casa azul é ímpar”. Nas situações problemáticas não rotineiras utilizou materiais coloridos que captaram a atenção dos alunos e contribuíram para perceberem como se resolviam os exercícios.

Depois houve reunião para avaliação com as supervisoras da ESEJD.

Inferências

A atividade foi um pouco demorada para o tempo de que dispunha.

Devido à falta de tempo a aula foi dada a correr. Apesar do *powerpoint* ser apelativo e com vários efeitos, a aula tornou-se muito expositiva, poise não soube aproveitar os conhecimentos dos alunos. Algumas perguntas não foram bem formuladas, levando a que alguns alunos não se sentissem seguros para responderem às questões colocadas. Quando disse que os peixes andavam em cardume podia ter feito interligação com a Língua Portuguesa, onde pedia para os alunos classificarem aquela palavra (nome comum coletivo).

Ao longo de toda a aula a aluna demonstrou alguma insegurança, apesar de saber bem a matéria que ia lecionar. Durante toda a aula mostrou também uma postura calma e meiga, sendo pena não mostrar um sorriso mais vezes.

08 de maio de 2012

Hoje os alunos fizeram ficha de avaliação de Língua Portuguesa na primeira parte da manhã. Antes de começarem a fazer a prova, a professora leu o enunciado com os alunos em voz alta e explicou o que se pretendia em cada questão. Durante a avaliação e quando os alunos não precisavam de esclarecimentos, a professora conversou com as estagiárias

sobre as características da turma e alguns casos especiais. Depois da conversa, eu acompanhei um aluno, especificamente, para ver se ele conseguia acabar a prova a tempo do intervalo.

A seguir tiveram Clube de Ciências em que fizeram uma experiência com água e ar. À medida que ia fazendo a experiência, o professor ia lendo o protocolo experimental e explicando o que estava a fazer. Depois, a partir do diálogo levou os alunos a chegarem a uma conclusão.

11 de maio de 2012

Neste dia a professora fez leitura, interpretação e exploração gramatical de um texto do manual escolar. Esta atividade decorreu até à hora do intervalo da manhã. Alguns alunos necessitaram de ajuda para responder a algumas perguntas.

Na segunda parte da manhã, a turma fez uma ficha de trabalho com leitura de números e fez também um campeonato da tabuada.

Inferências e Fundamentação Teórica

Penso que durante as aulas o professor não deve usar sistematicamente o manual escolar. No entanto, também sou apologista de que a criança seja incentivada a estudar por ele, uma vez que este instrumento de trabalho tem ferramentas que apoiam o estudo. Relativamente aos manuais de Língua Portuguesa, como diz Alarcão, (1995), hoje em dia, os manuais escolares não se limitam a um mero compêndio de textos. São um livro de estudo como os de outras disciplinas, pois também incluem informações adicionais tais como: questionários, textos expositivos em que os conteúdos programáticos são apresentados de uma forma sequencial, servindo de guia para o professor e para o aluno.

14 de maio de 2012

Logo ao início da manhã os alunos fizeram uma composição com o seguinte tema: “Se eu fosse uma árvore”. Enquanto circulava pela sala deparei-me com um aluno a riscar a folha onde tinha que fazer a atividade de expressão escrita

Depois do intervalo fizeram ditado de números e situações problemáticas em que se trabalharam mentalmente a adição, a subtração, a multiplicação e a divisão. As situações problemáticas que a professora colocou foram as seguintes: “Eu fui ao supermercado e comprei 6 laranjas, 6 morangos, 6 bananas e 6 ovos. Quantas peças de fruta comprei ao

todo? E quantos ovos comprei?”, “O Francisco tem 15 berlindes e o seu amigo tem o dobro. Quantos berlindes tem o amigo do Francisco?”, “Com quantos carrinhos ficou o Pedro, sabendo que vendeu metade dos seus 32 carrinhos?”. Fizeram também análise de um pictograma e campeonato da tabuada. (Figuras 71 e 73)

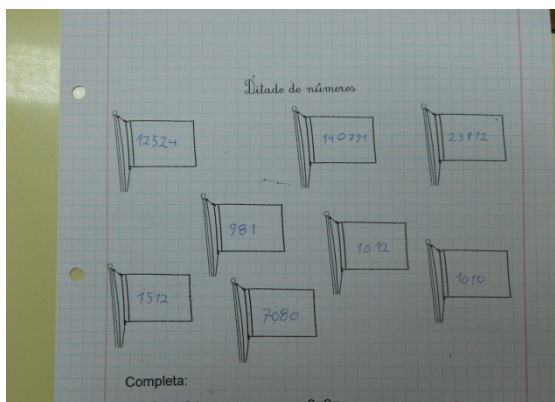


Figura 71 – Ditado de números.

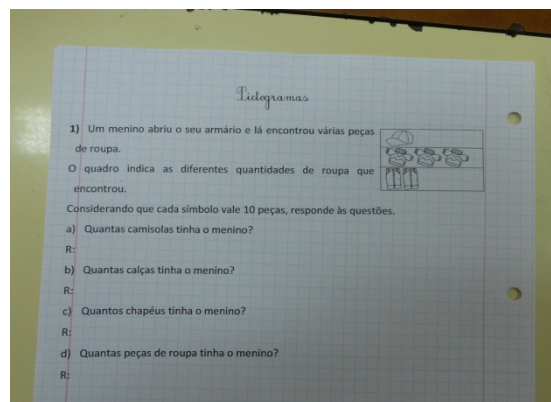


Figura 72 – Exercícios para análise de um pictograma.

Depois da professora ter ido almoçar e enquanto esperávamos pela docente da outra turma do 2.º ano fizemos o Jogo da Forca com aplicação de nomes próprios, nomes comuns, adjectivos e verbos.

Na parte da tarde fiquei no Jardim-Escola para dar uma aula de revisão sobre o calendário, abordando os conceitos associados a esta matéria (mês, ano dia...).

Inferências e Fundamentação Teórica

Durante a composição quase todos os alunos tinham as mesmas ideias, embora aparecendo de ordem diferente de aluno para aluno.

Ao jogarem ao “Jogo da Forca”, as crianças através de letras que iam dizendo, estavam a tentar descobrir a palavra escondida. Ao tentar adivinhar a palavra, as crianças estavam constantemente a tentar superar-se ao mesmo tempo que se divertiam. Por isso, e como defende Chateau (1975, p. 16), “o jogo é um auxiliar educativo, podendo recorrer também como um divertimento.”

15 de maio de 2012

Hoje, a turma voltou a trabalhar o cálculo mental e fez uma ficha de Matemática com exercícios sobre as horas. Depois do intervalo fizeram exercício caligráfico. A professora fez também a apresentação dos novos estagiários.

Fez também um ditado de parte de um texto, do manual, em forma de poesia intitulado “Astronautas a brincar”. (Figura 73)

O texto que a professora ditou foi o seguinte:

*Três amigos, muito amigos,
que moravam na mesma rua,
resolveram certo dia,
ir de viagem à Lua.*

*Quebraram o mealheiro,
pois precisavam de dinheiro
para comprar o foguetão.
É a Rita, o Catita e o João.*

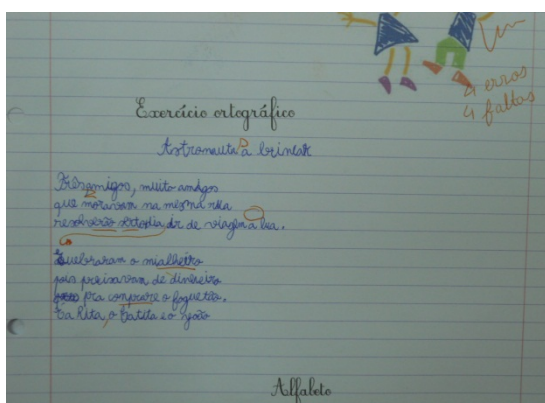


Figura 73 – Texto do exercício ortográfico.

Depois do ditado a minha colega deu aula surpresa com o material 5.º Dom de Froebel. Nesta aula fez a construção do comboio, uma construção que ela inventou. Enquanto explicava como se fazia a construção, exemplificou aos alunos a forma como queria que colocassem as peças. A partir desta construção fez situações problemáticas oralmente: “Se em cada carruagem cabem 102 pessoas, quantas pessoas cabem ao todo no comboio?”, “O comboio sai de Azeitão às 7h40 minutos e chega a Entre Campos às 08h15 minutos, quanto tempo demorou o comboio no percurso?”. No fim ensinou os alunos a arrumar a caixa do 5.º Dom. (Figura 74)

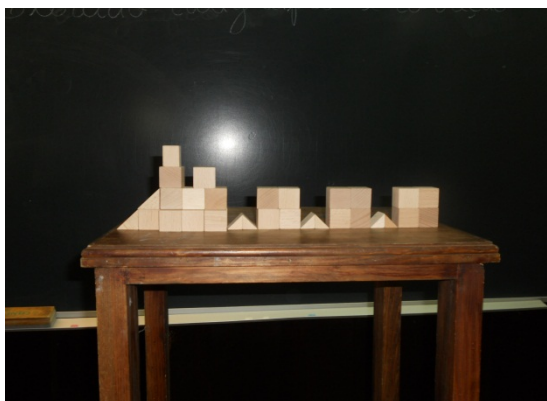


Figura 74 – Construção do comboio feita com o 5.º Dom de Froebel

Inferências e Fundamentação Teórica

Ao longo longo deste anos, o ditado tem sido uma das práticas correntes no ensino da leitura e da escrita. Como já referi noutra relato, as crianças sentem-se inseguras ao fazer este tipo de exercício quando estão a aprender a ler e a escrever, mas também considero que é importante para a sua formação ao nível da língua materna. Como dizem Condemarin e Chadwick (1987, p. 186), “o exercício de registar com precisão as palavras exatas de orações ou parágrafos pode ser importante para desenvolver uma melhor percepção do uso dos matizes semânticos e sintáticos da linguagem.”

18 de maio de 2012

Uma colega de outro Mestrado deu hoje a sua manhã de aulas pedida pela professora. Começou com Matemática, em que falou dos sólidos geométricos: arestas, faces e vértices do cubo, do paralelepípedo, do cilindro, do cone e da esfera. Distinguiu pirâmides de prismas. Durante a aula dialogou com os alunos e mostrou exemplos de sólidos geométricos enquanto mostrava um *powerpoint*. (Figura 75)

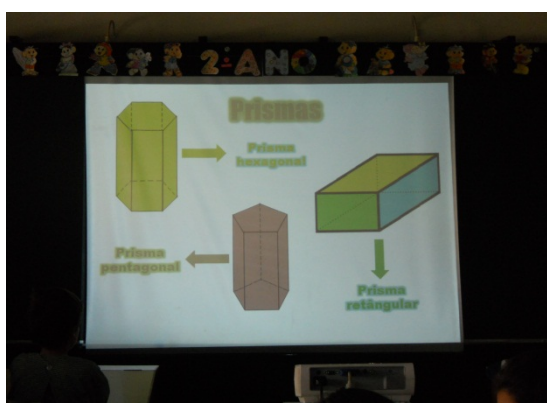


Figura 75 – Aula sobre sólidos geométricos (prismas).

Em Língua Portuguesa explicou o que é o verbo e fez revisões os tempos verbais já aprendidos. Ensinou a conjugar os verbos das três terminações no pretérito mais-que-perfeito. (Figuras 76) Como atividade entregou uma ficha com exercícios para os alunos identificarem a forma verbal presente nas frases apresentadas. Uma das frases da ficha tinha um erro: “O rui já telefonara duas vezes a perguntar por ti.” (nome próprio com letra minúscula). Ao dar pelo erro a colegs corrigiu oralmente com os alunos, através do seguinte diálogo:

Estagiária: *Está ali um erro naquela frase. Quem sabe qual é?*

Aluno 1: *Eu sei! Eu sei!”*

Estagiária: *Diz lá então qual é.*

Aluno 1: *É a palavra Rui!*

Estagiária: *E qual é o erro dessa palavra?*

Aluno 2: *Está com letra minúscula!*

Estagiária: *E como se deve escrever?*

Aluno 2: *Com letra maiúscula!*

Estagiária: *Porquê?*

Aluno 3: *Porque é um nome próprio.*

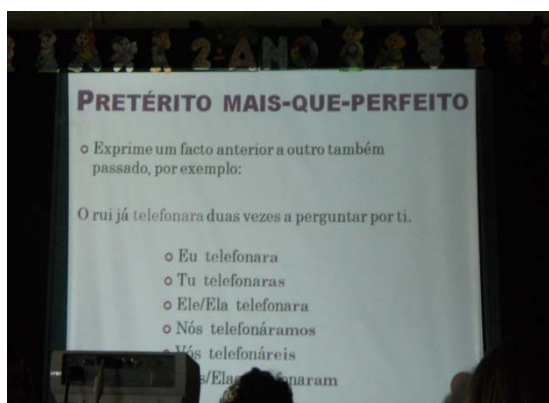


Figura 76 – Aula sobre tempos verbais (pretérito mais-que-perfeito).

Em Estudo do Meio falou das características dos anfíbios. Dentro dos anfíbios falou dos anuros, urodelos, ápodes. (Figura 77) Como exemplos deu o camaleão, a rã e o tritão. Dentro deste tema abordou ainda o ciclo de vida dos sapos e das rãs. A aula foi dada à base do diálogo enquanto se projectava um *powerpoint*:

Estagiária: *Porque é que os anfíbios têm dupla vida? Porque quando eles nascem têm uma vida e quando crescem têm outra vida?*

Aluno1: *Porque em bebés vivem dentro de água e em adultos já podem viver fora de água também.*

Estagiária: *Muito bem! É isso mesmo! Quando nascem vivem dentro de água e quando crescem vivem na terra, mas sempre junto a um lago ou num rio.*

Aluno 2: *As rãs, lá ao pé da casa do meu avô fazem um ruído e diz que incomoda muito.*

Estagiária: *Sim, a esse ruído chama-se cochar. Sabem porque se chama assim?*

Turma: *Não.*

Estagiária: *Porque elas coacham. Quem consegue imitar?*

Aluno 3: *Eu! Eles fazem isto ...coch, coach...*

Estagiária: *Porque é que as rãs e os sapos fazem este barulho?*

Turma: *Hum...*

Estagiária: *É para comunicar com as outras rãs e os outros sapos e para chamar a atenção da fêmea para se reproduzirem.*

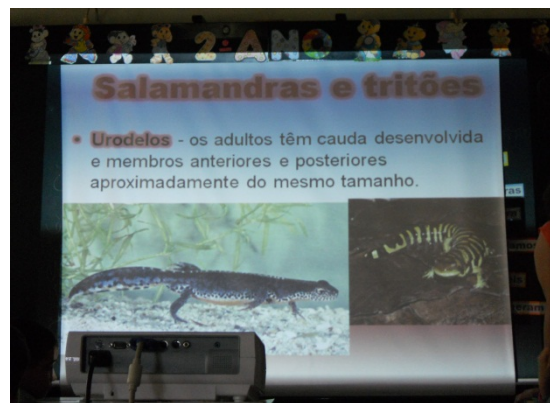


Figura 77 – Aula sobre os anfíbios.

Inferências e Fundamentação Teórica

A aula foi muito expositiva, mas como havia muito diálogo com as crianças, os alunos acabaram por se sentir motivados para a aprendizagem desta matéria. Não houve atividade de consolidação de Estudo do Meio. Foi só diálogo e partilha de informação, tanto da Sara como da turma.

No *powerpoint* que utilizou para Estudo do Meio, a minha colega utilizou diversas fotografias de vários tipos de anfíbios. Penso que esta metodologia tem vantagens para uma melhor aprendizagem por parte das crianças, porque como diz Oliveira (1989, p. 8) a fotografia "(...) é fundamental para ilustrar (...) tem a capacidade de levar junto de um grande público uma perspectiva de um mundo que (...) lhe é pouco acessível (...) é um importante instrumento de trabalho e de promoção da ecologia ambiental (...)".

21 de maio de 2012

Dia de aula de outra colega de estágio. Na sua aula de Estudo do Meio falou de um anfíbio chamado axolote. Caracterizou este tipo de animal: alimentação, habitat, e constituição. Deu a aula através de um *powerpoint*. Para a atividade distribuiu envelopes com frases que tinham informações, umas corretas e outras erradas, sobre este animal.

Em Língua Portuguesa fez leitura interpretação e interpretação oral de um texto. Na parte de exploração gramatical aproveitou algumas frases que vinham no texto para relembrar a conjugação de verbos no pretérito perfeito. Como aplicação dos conhecimentos os alunos tiveram que conjugar um verbo no pretérito imperfeito.

Em Matemática deu as medidas de comprimento. Utilizou uma régua grande para mostrar o comprimento que um metro ocupava e explicar de onde vinha a definição de metro. Como atividade de uma ficha de trabalho.

22 de maio de 2012

Neste dia os alunos fizeram avaliação de leitura e ditado de palavras. Depois tiveram que fazer um desenho para ilustrar cada palavra que escreveram. Depois do intervalo fizeram chamada da tabuada.

Inferências

Alguns alunos hesitaram quando a professora lhes perguntava, mas ao fim de algum tempo diziam a resposta completa. Apesar de algumas exitações, as crianças na sua generalidade sabiam a tabuada toda.

25 de maio de 2012

Neste dia uma das colegas da licenciatura deu aula de Estudo do Meio. Através do *powerpoint* falou do Okapi: características, tipo de alimentação e de habitat. Para atividade fez uma ficha de aplicação de conhecimentos.

Depois da aula da minha colega, fizeram exercícios de matemática com adições, subtrações e multiplicações.

Inferências e Fundamentação Teórica

O *powerpoint* estava muito apelativo, pois tinha pouco texto e muitas imagens.

Sendo, eu, uma estagiária que brevemente vai começar uma carreira profissional, e como acontece na maioria das vezes, tenho tendência para falar a partir da garganta criando, por vezes, um ambiente um pouco desagradável para quem está a ouvir. Para inverter esta situação, e como diz Jean (1999), o professor não deve falar a partir da garganta, mas sim, a partir da barriga e dos pulmões, de modo a projectar para o exterior a sua voz mais facilmente e sem se cansar tanto. Não podemos esquecer, contudo, que cada pessoa tem o seu próprio timbre, que deve ser respeitado; apenas devemos utilizar mecanismos que nos permitam projetar a voz, para que as nossas cordas vocais não fiquem tão danificadas e não nos cansemos tanto a falar.

A professora, ao me avisar para ter mais cuidado com a minha voz e de modo a corrigir-me, exemplificou como devemos falar (projectar a voz) durante as aulas. Ainda, em conjunto fizemos alguns exercícios de treino de voz para me ensinar a colocá-la. Mialaret (1981, p. 109), diz que no ensino actual, “os professores não se podem contentar em transmitir aos alunos mensagens unicamente verbais: o gesto, a entoação da voz, (...) são atividades indispensáveis à boa recepção duma mensagem pelos alunos.” Ainda segundo o mesmo autor, torna-se pois necessário ensinar os futuros professores/educadores a servirem-se da voz, utilizando-a em condições de máximo rendimento com o mínimo de fadiga.

28 de maio de 2012

Neste dia dei a minha manhã de aula pedida pela professora. Comecei com a disciplina de Língua Portuguesa, em que fizemos leitura, interpretação e exploração gramatical do texto: “O canário da Gigi”. Eu fiz uma leitura modelo e depois pedi a alguns alunos para lerem uma segunda vez. A interpretação e a exploração gramatical foram feitas a partir da ficha que lhes entreguei. No entanto, nesta parte da aula não fiz só as perguntas que estavam na ficha; à medida que ia fazendo com eles as perguntas da ficha ia intercalando com outras a que respondiam só oralmente. Todas as respostas das perguntas que estavam na ficha foram dadas oralmente e depois escritas no quadro para as crianças copiarem sem erros.

Em Estudo do Meio falei das partes constituintes das plantas, focando principalmente as árvores mostrando onde se localizavam e expliquei as funções de cada uma delas. Enquanto dialogava com a turma projetei um *powerpoint*. Como consolidação os alunos resolveram uma ficha em que tinham que colar os nomes de cada uma das partes da planta.

Na aula de Matemática falei das frações. A partir de um *powerpoint* com desenhos de tabletes de chocolate expliquei o que é uma fração, como é constituída, como se lê e como se representa.

Inferências e Fundamentação Teórica

Ao ensinarmos fracções às crianças, a partir de um material estruturado (ex: 5.º Dom de Froebel) ou não estruturado (ex: cartolinas com divisões iguais) estamos a contribuir para que elas tenham uma maior percepção do seu significado. Como dizem Sequeira et al. (2009, p. 69), “a escolha das representações visuais das fracções facilita uma compreensão do seu significado e constitui uma mais valia ao estudo das operações.”

Como a aula dei a aula um pouco apressadamente alguns alunos não conseguiram perceber bem a matéria, podendo verificar esta situação na atividade de aplicação de conhecimentos.

29 de maio de 2012

A minha colega de estágio deu a sua manhã de aula pedida pela professora da turma. Em Língua Portuguesa a partir da leitura de um texto lecionou os provérbios. Perguntou aos alunos se conheciam mais alguns provérbios para além dos que tinham falado e deu exemplos de outros. Como atividade pôs um CD para a turma ouvir e completar uma folha com provérbios.

Em Estudo do Meio falou dos tipos de plantas: comestíveis e ornamentais. Projetou um *powerpoint* com informação e imagens destes tipos de plantas à medida que ia explicando a matéria. Para a atividade distribuiu por cada grupo de alunos alguns tipos de plantas que eles tinham que analisar e colocar no cartaz correto.

Em Matemática fez revisão do conteúdo de fracção e explicou como se chama cada umas das suas partes e o que representam. Como atividade fez uma ficha de trabalho.

As crianças tiveram a manhã toda sentadas em grupo, mas só fizeram trabalho de grupo na aula de Estudo do Meio.

01 de junho de 2012

Neste dia celebrou-se o Dia Mundial da Criança. Como tal, as crianças fizeram atividades lúdicas com as suas turmas. Na parte da manhã as duas turmas do 2.º ano reuniram-se para fazer salame de chocolate. As professoras juntaram os alunos em grupos

de 10 e uma estagiária a controlá-los e a explicar como se fazia o salame. Depois de cada grupo ter feito a sua parte do salame, juntou-se tudo num só recipiente e misturou-se muito bem.

Depois do intervalo fomos para o ginásio da ESE para ver uma peça de teatro que falava de todos os reis de Portugal. Este teatro foi muito divertido e permitiu que professores, estagiários e alunos se rissem quase todo o tempo.

04 de junho de 2012

Nesta dia fizeram leitura e interpretação e exploração gramatical de um texto. Na gramática alunos trabalharam os nomes, os adjectivos, os advérbios e os tipos de frases.

Em Matemática os alunos fizeram revisão das medidas de capacidade. Como atividade fizeram uma ficha de trabalho com situações problemáticas que incluíam as medidas de capacidade e exercícios de conversão também com as medidas referidas neste relato.

05 de junho de 2012

Hoje a professora fez leitura e interpretação do texto. Em primeiro lugar leu o texto em voz alta e depois pediu a alguns alunos para voltarem a ler o mesmo texto. Na interpretação em vez de ser a professora a fazer as questões, a professora deu as respostas e os alunos tinham que fazer a pergunta para a resposta dada. Alguns alunos tiveram dificuldades neste exercício, pois estão habituados a que lhes façam as perguntas para eles darem as respostas.

A seguir ao intervalo tiveram Clube de Ciências no âmbito do Estudo do Meio em que falaram do efeito de estufa.

Inferências e fundamentação teórica

Para Jean (1999, p. 166-170), no decorrer das aulas, a maioria das crianças, quando está a ler um texto em voz alta sente algumas dificuldades, enganando-se por vezes, na leitura de algumas palavras. Penso que a uma das formas de se ultrapassar este problema quando ainda se está a aprender a ler ou quando já se domina minimamente a língua materna, é o professor fazer a leitura modelo de um texto antes de lhes pedir para lerem em voz alta para a restante turma.

08 de junho de 2012

Neste dia os alunos fizeram o teste intermédio de Matemática. Como era uma regras do Ministério da Educação, desta vez a professora não pode ler o enunciado em voz alta nem explicar o que se pretendia em cada questão. Na primeira parte da manhã fizeram a primeira parte do teste e depois do intervalo fizeram a segunda parte. Apesar de saberem a matéria, os alunos estavam inseguros sobre as respostas que tinham que escrever em cada uma das questões.

11 de junho de 2012

Logo de manhã, eu dei aula surpresa com os Calculadores Multibásicos. A professora pediu-me para fazer leitura de números e introduzir a classe do milhar de milhão. Na minha aula não estive concentrar a maior parte do tempo e aceitei uma leitura que estava errada. Isto aconteceu porque estava apenas a uma semana para a minha Prova Prática de Avaliação da Capacidade Profissional (P.P.A.C.P.) e eu só pensava nessa aula. A seguir outra colega minha colega deu também uma aula surpresa com uma ficha de trabalho sobre leitura de números, baseada nos Calculadores Multibásicos.

Depois do intervalo fizeram leitura de um texto para avaliação, intitulado “Porque somos de cores diferentes?” A partir do mesmo texto fizeram interpretação e exploração de vocabulário novo.

12 de junho de 2012

Hoje outra colega da Licenciatura deu aula de Estudo do Meio. Fez uma experiência sobre a densidade dos objetos. Explicou o que era a densidade depois de observarem o comportamento dos vários objetos nos diferentes tipos de líquidos. Para todos puderem acompanhar a aula, formou grupos e distribuiu material necessário para realizarem a experiência ao mesmo tempo. A colega demorou muito tempo a recolher os materiais o que fez com que a passagem para a aula da colega seguinte fosse conturbada.

A outra colega também deu aula de Estudo do Meio. Ela falou do Vulcanismo: definição do vulcão e partes constituintes do vulcão. Projetou um *powerpoint* sobre a matéria enquanto dialogava com os alunos. Como atividade fez uma experiência sobre a erupção efusiva.

Depois das aulas das colegas a professora dialogou com a turma sobre o Santo António e fez um ditado musical da marcha “Cheira bem, cheira a Lisboa” de Amália Rodrigues.

Na parte da tarde eu fui ao jardim-escola para dar uma aula sobre as regras de segurança do meu corpo: cuidados a ter na praia.

15 de junho de 2012

Hoje a professora deu aula de representação e leitura de números com os Calculadores Multibásicos. Trabalhou também com o Geoplano os itinerários, as figuras geométricas, os perímetros e as simetrias. As crianças tiveram dificuldades em manusear este material. No final, a professora deixou os alunos fazerem uma simetria a seu gosto. Depois completaram simetrias das figuras geométricas que estavam numa ficha de trabalho que a docente distribuiu. Neste exercício alguns alunos não traçaram as simetrias corretas.

No final da manhã houve uma pequena reunião com as alunas estagiárias. Enquanto falava connosco a professora deixou que se estabelecesse um pouco de confusão na sala de aula, pois todos os alunos começaram a falar uns com os outros. Alguns até saíram dos seus lugares.

Inferências

Nesta aula, de modo geral, os alunos respondiam de forma muito baixa, quase que não se ouvia, apesar da professora estar sempre a dizer para responderem alto. Algumas crianças não se lembravam muito bem dos nomes de algumas ordens. Apesar da professora ter dito que na adição e subtração era para trabalhar a pares, isso não aconteceu com duas crianças. Elas estavam a teimar uma com a outra, porque uma delas dizia que queria fazer sozinha e não como a professora mandou.

18 de junho de 2012

Hoje foi o dia da minha aula final, a Prova Prática de Avaliação da Capacidade Profissional. Esta aula decorreu na sala do 3.º ano.

Distribuí uma folha com o texto da Lenda da Atlântida e fiz a leitura modelo enquanto os alunos acompanhavam pela folha que tinham. Depois pedi a alguns alunos para lerem o texto em voz alta. Posteriormente conversei um pouco, com as crianças, sobre a lenda, para se poderem esclarecer algumas dúvidas. A partir dos conhecimentos dos alunos expliquei o que é uma lenda. Fiz leitura e interpretação utilizando cartões com perguntas. Dava um

cartão a um aluno e pedia para ele ler a pergunta em voz alta, de modo a que todos os colegas ouvissem. Eu voltava a repetir a pergunta para ter a certeza de que todos ouviram e indicava um aluno para responder. No que diz respeito às perguntas de exploração gramatical, optei por ter um *powerpoint* para todos puderem acompanhar as frases que estavam a ser utilizadas nesta parte da aula.

Escolhi como tema para aula de Estudo do Meio a mitologia grega. Para iniciar a aula mostrei uma imagem ilustrativa de vários deuses gregos para os alunos identificarem o tema que íamos estudar. Com o tema já identificado fiz paralelismo com a Lenda da Atlântida, onde também Platão se referia aos deuses gregos. A partir daí expliquei o que era uma religião politeísta e comparei com as religiões monoteístas que eles já aprenderam (cristianismo e islamismo). Pedi a um aluno para situar no mapa o território da Grécia atual e comparei com o território que a Grécia antiga ocupava. Assinalei, num friso cronológico, a época aproximada da religião politeísta na Grécia antiga e apresentei os deuses mais importantes. Enquanto se falava dos sete deuses mais importantes as crianças iam-nos colando, nas brochuras que distribuí. Em conjunto com esta brochura utilizei um *powerpoint* para os alunos acompanharem a aula visualmente.

Na Matemática comecei por distribuir as propostas de trabalho pelos alunos. Li com os alunos a primeira situação problemática e pedi para identificarem os dados do problema. À medida que se ia resolvendo o exercício oralmente um aluno ia resolvendo no quadro. Sempre que os alunos não conseguiam chegar ao raciocínio correto eu dava alguma ajuda de modo a guiá-los ao raciocínio pretendido. O mesmo sucedeu para o segundo exercício. A primeira situação problemática envolvia perímetros e a segunda situação problemática implicava apenas uma soma, mas tinha alguns dados desnecessários.

A última atividade da aula P.P.A.C.P. foi o jogo da “Batata Quente” que decorreu no espaço de exterior. Este jogo teve uma ligeira adaptação para se poder interligar com o tema geral da prova. Ainda na sala expliquei as regras do jogo com o objetivo de que todos os alunos prestassem atenção e posteriormente não houvesse dúvidas. De seguida saí da sala com a turma e fomos para o alpendre da escola.

Da parte da tarde vi a P.P.A.C.P. de outra colega no 4.º ano e fiz avaliação da minha aula com a professora cooperante e as professoras supervisoras. Ao fim da tarde reunimos com a equipa de Prática Pedagógica para sabermos as classificações da nossa aula.

Inferências e Fundamentação Teórica.

Castro e Sousa (1998, p. 51) referem que ler em voz alta é uma forma de se fazer uma leitura que exige por parte do leitor, posicionamentos diferenciados face ao texto nomeadamente quanto ao tipo de processamento de informação a adotar. A lenda não é

um tema muito trabalhado na maioria das escolas primárias. No entanto é importante que não se menospreze, pois é através dela que as crianças conseguem entrar no mundo do imaginário ao mesmo tempo que desenvolvem a sua curiosidade e começam a compreender os comportamentos da sociedade. Oliveira e Lima (s.d., p.5), dizem que o processo de contar, ler e ouvir narrativas, possibilita às gerações mais jovens a compreensão do tempo primordial, trazendo-o para si como realidades, fazendo viver, na imaginação, os acontecimentos que lhe foram narrados, contribuindo para a formação da identidade do homem. Dinis (1993) considera que, à semelhança do conto, a lenda tem uma extrema importância pedagógica, pois é uma das formas que o pensamento humano tem para entender as várias situações por que passa ao longo da sua vida. É também uma forma de divertir a criança e de lhe desenvolver a imaginação, proporcionando-lhe experiências que a põem em contacto com os seus problemas, fornecendo-lhe modelos e exemplos de soluções para ultrapassar os conflitos que está a viver no momento.

De acordo com Reis e Adragão (1992, p.80), “sendo a língua materna o sistema primário através do qual a criança modela o mundo, não seria correto que o seu conhecimento e a compreensão do seu funcionamento não estivessem incluídos no sistema educativo.” Óscar Lopes (s.d.), citado por Reis e Adragão (1992, p. 80), defende que “a consciência gramatical de uma língua é um momento necessário à própria prática dessa língua, a todos os níveis do seu uso.”

Esta relação ao uso das imagens penso que facilita a compreensão dos alunos. Segundo Dias (1999, p. 22),

a imagem é algo que fascina e atrai rapidamente o olhar, apresentando inicialmente uma verdadeira função apelativa, na medida em que se prende a nossa atenção. A prova desta característica, deste carácter de sedução, é bem conhecida dos profissionais da informação e da publicidade, que se servem da imagem para nos levar a agir e a adquirir aquilo de que muitas vezes nem sequer necessitamos.

Alexandre e Diogo (1990 p.80) afirmam que “a expressão gráfica se afigura como um recurso dos mais úteis para o processo de ensino aprendizagem da geografia e do ambiente (...) tem capacidades de comunicação (...) constituindo, por isso, um instrumento de difusão de informação dos mais eficazes (...) enquanto recurso pedagógico.”

Moreira e Oliveira (2004, p.61) consideram o jogo como uma brincadeira com regras onde as crianças interagem com os outros, utilizando ou não objetos. Neste caso, as crianças tiveram que cumprir regras e estiveram em contacto com um objeto maleável que serviu de “batata quente”. Ao jogar, a criança diverte-se e tenta constantemente superar as suas capacidades, tornando-se por isso, um meio eficaz para educar a criança. Chateau (1975, p.6) defende que “o jogo é um auxiliar educativo, podendo recorrer também como um

divertimento.” Caldeira (2009, p.39), vai mais além, dizendo que “os jogos constituíram sempre uma forma de atividade do ser humano, no sentido de recrear e de educar ao mesmo tempo.” As ideias mencionadas explicitam claramente que o ensino escolar não precisa de ser estanque, podendo o espaço escolar “transformar num espaço agradável, prazeroso, para que as brincadeiras e os jogos permitam ao educador alcançar sucesso na sala de aula.”

Apesar de ser uma prática bastante corrente no dia a dia escolar, e muitas vezes até desvalorizada, as situações problemáticas são de extrema importância para que a criança desenvolva o raciocínio lógico. “Um problema, ainda que simples, pode suscitar o gosto pelo trabalho mental se desafiar a curiosidade e proporcionar ao aluno o gosto pela descoberta da resolução.” Neste sentido, as situações problemáticas podem estimular a curiosidade do aluno ao mesmo tempo que lhe proporciona o interesse pela Matemática, de forma que ao tentar resolvê-los o aluno adquira criatividade e aprimore o raciocínio, além de utilizar e ampliar o seu conhecimento matemático. (Ramos et al. 2002, p.3)

19 de junho de 2012

Neste dia os alunos fizeram uma ficha de trabalho com revisões sobre a matéria dada ao longo do ano letivo. Nesta ficha apareciam exercícios de divisão silábica, classificação de palavras quanto ao número de sílabas, sinónimos e antónimos, tipos e formas de frases entre outras coisas.

Em Matemática fizeram um campeonato da tabuada e situações problemáticas. As crianças estavam seguras de toda a matéria que aprenderam ao longo do ano letivo.

22 de junho de 2012

No último dia de estágio as minhas três colegas do Mestrado do Pré-Escolar e 1.º Ciclo deram uma aula cada. Uma colega fez uma experiência sobre a dissolução da cor. Para isso reuniu a turma em grupos e distribuiu material por cada grupo. Leu o protocolo experimental e depois fez a experiência. Enquanto a minha colega fazia os alunos acompanhavam no lugar.

A outra colega falou da lenda. Fez leitura interpretação e exploração gramatical da lenda das Sete Cidades. Fez a passagem para a aula da colega seguinte ao contar a lenda da origem do Tangram.

A terceira colega utilizou o Tangram para dar aula de Matemática. Distribuiu um quadrado com as divisões do Tangram para os alunos cortarem. Depois, em conjunto construíram uma casa e coloram-na numa folha quadriculada. Para este exercício utilizou

um material igual mas com formato maior que ia colocando no quadro à medida que se fazia a atividade para os alunos acompanharem melhor.

Conclui neste dia a minha prática pedagógica.

De seguida apresento o conteúdo das planificações.

Capítulo 2

Planificações

Ao longo do presente capítulo, abordarei a temática relativa à planificação, desenvolvendo os seguintes aspectos: o que é planificar, para que serve e a quem se dirige a planificação. Posteriormente falarei do Modelo T de aprendizagem, o tipo de planificação adotado pela Associação de Jardins-Escolas João de Deus.

Também neste capítulo, apresentarei quatro planificações, três relativas às áreas curriculares disciplinares do 1º ciclo e uma relativa à Prova Prática de Avaliação da Capacidade Profissional.

2.1. Definição de planificação e sua importância

Quando planifica uma atividade, o professor tem e deve escolher o que melhor se adequa aos objetivos que pretende desenvolver nos alunos e às condições que tem disponíveis para que possa trabalhar adequadamente. Deste modo, as planificações podem-se construir de forma, a que atinjam os objetivos estabelecidos ou em função das atividades escolhidas. Por objetivos entende-se como um conjunto de metas claramente definidas, sendo mais específicas ou mais gerais. Segundo Ribeiro e Ribeiro (1989, p.88) considera-se planificação um conjunto organizado de objetivos “ou resultados de aprendizagem que os alunos hão-de alcançar após o processo de ensino em que os alunos estarão envolvidos”.

Zabalza (2000, p.47) afirma que planificar é “(...) converter uma ideia ou um propósito num curso de acção.” Afirma também que o ato de planificar é

um conjunto de conhecimentos, ideias ou experiências sobre o fenómeno a organizar, que atuará como apoio concetual e de justificação do que se decide; um propósito, um fim ou meta a alcançar que nos indica a direcção a seguir; uma previsão a respeito do processo a seguir que deverá concretizar-se numa estratégia de procedimentos que inclui os conteúdos ou tarefas a realizar, a sequência das atividades (...). (p. 48)

Por outras palavras, Zabalza, diz que planificar é a forma como o professor organiza o conjunto de atividades, por ele seleccionadas, de modo a se atingir o objectivo pretendido.

Clark e Yinger (1979, citados por Zabalza 2000), baseando-se num estudo acerca das razões que conduzem o docente a planificar, distinguem três tipos de categorias:

os que planificam para satisfazer as suas próprias necessidades pessoais: reduzir a ansiedade e a incerteza que o seu trabalho lhes criava, definir uma orientação que lhes desse confiança, (...); os que chamavam planificação à determinação dos objetivos a alcançar no termo do processo de instrução: que conteúdos deveriam de ser aprendidos para se saber que materiais deviam de ser preparados e que atividades teriam de ser organizadas, que distribuição do tempo, (...); os que chamavam planificação às estratégias de atuação durante o processo de instrução: qual a melhor forma de organizar os alunos, como começar as atividades, que marcos de referência para a avaliação (...).

É de referir a importância que as planificações têm para que o professor possa desenvolver o seu trabalho com maior eficiência e mais simplicidade, pois como diz Oliveira (2011, p.89) “a planificação é uma ferramenta essencial para a organização de conteúdos e relativos procedimentos (...) além de proporcionar inúmeros benefícios para os discentes também simplifica e torna mais fiável o trabalho do docente”. A planificação torna-se, portanto, um meio sólido para que a aprendizagem seja centralizada nos interesses dos alunos.

Do ponto de vista do Ministério da Educação através da portaria nº1/2002, planificar é fundamental, pois “planejar o processo educativo (...) é condição para que a educação (...) possa proporcionar um ambiente estimulante de desenvolvimento e promova aprendizagens significativas e diferenciadas que contribuam para uma maior igualdade de oportunidades.”

Resumidamente, pode-se dizer que a planificação é uma forma de trabalho que estabelece antecipadamente os objectivos gerais e específicos para cada atividade, apresentando uma hierarquização desses objectivos.

2.2. Modelo das planificações apresentadas

Neste Mestrado construí todas as minhas planificações, à excepção da planificação da área do Jogo da P.P.A.C.P., baseadas no modelo T de aprendizagem (Quadro 7); um modelo apresentado por Martiniano Román Pérez, professor catedrático na Facultad de Educación da Universidad Complutense de Madrid. Este modelo denomina-se modelo T porque tem a forma de um T duplo: o T dos conteúdos e métodos/procedimentos e o T dos objetivos a desenvolver.

O modelo T é uma planificação que articula e sequencia os conteúdos da perspectiva da construção do conhecimento, elabora atividades como estratégias de aprendizagem e avalia conteúdos e métodos em função dos objetivos estabelecidos. (Pérez, s.d.)

Pérez (s.d., p. 40), alega como vantagem para a utilização deste modelo de planificação o seguinte: “de uma forma panorâmica e global, numa só folha, integramos todos os elementos do currículo e da cultura social e organizacional para ser aprendida na escola ao longo do curso escolar.”

Segundo o mesmo autor, este modelo de planificar está organizado em quatro partes: conteúdos conceituais, procedimentos/métodos e objetivos. Os objetivos estão divididos em capacidades/destrezas e valores/atitudes. Com este modelo os professores conseguem programar o currículo e a cultura socioinstitucional para as suas aulas ao longo do ano escolar. As capacidades/destrezas indicam os objetivos fundamentais cognitivos que pretendemos desenvolver. Os valores/atitudes mostram os objetivos afectivos que se pretendem trabalhar. Os conteúdos conceptuais definem a matéria que se vai lecionar

naquela disciplina. Os procedimentos/métodos explicam a forma como a aula vai decorrer e como se vão desenvolver as atividades programadas.

Para identificarmos os objetivos da planificação de aula devemos seleccionar capacidades/destrezas e valores/atitudes relacionados com a área curricular que vamos trabalhar durante a aula: duas a três destrezas por capacidade e duas a três atitudes por valor.

O modelo T de aprendizagem, tal como Pérez o concebeu, utiliza-se em planificações largas e curtas, sendo que as largas envolvem todo o ano escolar e as curtas envolvem entre três a seis meses do ano letivo. No entanto, os modelos por mim construídos foram adaptados para uma planificação que incluía apenas as aulas que dei, uma vez que nós não leccionávamos todas as aulas do ano escolar.

Quadro 7 – Exemplo de uma planificação baseada no Modelo T de aprendizagem.

Jardim-Escola João de Deus - Estrela

Plano de Aula

Duração:

Faixa Etária:

Data:

Identificação da aluna estagiária

ÁREA	
Conteúdos Conceptuais	Procedimentos/Métodos
Objetivos	
Capacidades/Destrezas	Valores/Atitudes
Materiais:	

Modelo T de Aprendizagem
Plano sujeito a alterações

2.3. Planificação da atividade da área curricular de Língua Portuguesa

O Quadro 8 apresenta a planificação da aula de Língua Portuguesa que lecionei ao 3.º ano.

Quadro 8 – Plano de aula de Língua Portuguesa.

Jardim-Escola João de Deus - Estrela	
Plano de Aula	
Duração: 50 minutos Faixa Etária: 3.º ano Data: 10 de abril de 2012	Plano de aula elaborado por: Ana Maria Mesquita n.º1 Mestrado em Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico
ÁREA: Língua Portuguesa	
Conteúdos Conceptuais	Procedimentos/Métodos
<ul style="list-style-type: none">◆ Texto instrucional (a receita)	<ul style="list-style-type: none">◆ Dialogar com as crianças sobre a laranja e os doces feitos com este fruto;◆ Mostrar um texto tipo instrucional e destacar as partes mais importantes: ingredientes e preparação;◆ Projetar a receita do bolo de laranja para lerem e copiarem;◆ Confeccionar, com a ajuda dos alunos, o bolo descrito na receita;◆ Levar a massa do bolo ao forno (os alunos comeram o bolo ao lanche).
Objetivos	
Capacidades/Destrezas	Valores/Atitudes
<ul style="list-style-type: none">◆ Classificação:<ul style="list-style-type: none">- identificar;- relacionar.◆ Expressão Escrita:<ul style="list-style-type: none">- elaborar frases;- elaborar textos.	<ul style="list-style-type: none">◆ Valor da Solidariedade:<ul style="list-style-type: none">- ajudar;- colaborar.◆ Valor do Respeito:<ul style="list-style-type: none">- consciencializar;- estimar.
Materiais: receita do bolo de laranja, ingredientes para o bolo (manteiga, açúcar, laranja, ovos, farinha e fermento), taça grande, forma e colher de pau.	
Modelo T de Aprendizagem	Plano sujeito a alterações

2.3.1. Fundamentação teórica/inferências

Iniciei a aula de Língua Portuguesa a **dialogar com as crianças** sobre a laranja e os doces possíveis de se fazer com este fruto.

Quando falei da laranja fiz interdisciplinaridade com a aula de Estudo do Meio, onde falei dos tipos de raízes. Perguntei qual é a árvore que dá a laranja e que tipo de raiz tem a laranjeira. Utilizei a interdisciplinaridade, porque ao longo deste período verifiquei que as crianças aprendem melhor quando as áreas curriculares estão interligadas.

Pombo et al. (1994, p. 10) referem que o significado da palavra interdisciplinaridade varia entre “a simples coordenação de disciplinas ao seu intercâmbio mútuo e integração recíproca ou, ainda, a uma integração capaz de romper a estrutura de cada disciplina e alcançar uma axiomática comum”. Os mesmos autores referem que “a interdisciplinaridade é fenómeno largamente generalizado cujo sentido deverá ser entendido como uma tentativa de resposta à necessidade atual de reestruturação de instituição escolar face às determinações históricas, civilizacionais e epistemológicas que caracterizam o estado atual dos saberes” (p.19). Neste contexto é fundamental aproveitar todas as oportunidades para fazer interdisciplinaridade.

Mostrei, **projetando no quadro interativo, um texto tipo instrucional** e falei com os alunos sobre este tipo de texto, ensinando as suas partes constituintes e focando nomeadamente os ingredientes e o modo de preparação. O Ministério da Educação, no Programa de Português do Ensino Básico (2009) diz que através da tipologia textual, incidindo nos enunciados instrucionais o professor pode trabalhar a Língua Portuguesa, alargando o vocabulário específico e reforçando as estruturas gramaticais complexas.

Depois, através do quadro interativo, **mostrei o exemplo de uma receita** e expliquei como é constituída e qual é a sua função.

Projetei a receita do bolo de laranja, os alunos leram e copiaram-na. Em simultâneo chamava algumas crianças ao quadro que vinham **ajudar na própria confeção** do bolo de laranja. Utilizei esta estratégia porque considero que os alunos aprendem a fazer melhor do que somente a ouvir. Sá (2002) baseado na teoria construtivista de Piaget diz que as crianças aprendem fazendo e aprendem a pensar sobre o fazem uma vez que elas manipulam, observam e pensam sobre o que estão a fazer.

2.4. Planificação da atividade da área curricular de Estudo do Meio

O Quadro 9 apresenta a planificação da aula de Estudo do Meio que dei ao 4.º ano no dia 1 de fevereiro.

Quadro 9 – Plano de aula de Estudo do Meio.

Jardim-Escola João de Deus - Estrela

Plano de Aula

Duração: 1hora
Faixa Etária: 4.º ano
Data: 1 de fevereiro de 2012

Plano de aula elaborado por:
 Ana Maria Mesquita n.º1
 Mestrado em Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico

ÁREA: Estudo do Meio	
Conteúdos Conceptuais	Procedimentos/Métodos
<ul style="list-style-type: none"> ◆ O Vulcanismo 	<ul style="list-style-type: none"> ◆ Levar os alunos a descobrirem o tema da aula; ◆ Identificar e caracterizar um vulcão; ◆ Explicar o que são erupções vulcânicas e que tipos de erupções existem; ◆ Mostrar pequenos vídeos de erupções vulcânicas; ◆ Distinguir magma de lava; ◆ Mostrar imagens de alguns piroclastos; ◆ Fazer uma experiência de uma erupção vulcânica; ◆ Preencher o protocolo experimental; ◆ Ler uma ficha informativa.
Objetivos	
Capacidades/Destrezas	Valores/Atitudes
<ul style="list-style-type: none"> ◆ Raciocínio Lógico: <ul style="list-style-type: none"> - observar; - analisar. ◆ Orientação Espacio-Temporal: <ul style="list-style-type: none"> - identificar; - localizar. 	<ul style="list-style-type: none"> ◆ Valor da Solidariedade: <ul style="list-style-type: none"> - ajudar; - colaborar. ◆ Valor da Responsabilidade: <ul style="list-style-type: none"> - comprometer-se; - esforçar-se.
<p>Materiais: ppt, protocolo experimental, materiais para a realização da experiência e ficha informativa.</p>	

Modelo T de Aprendizagem

Plano sujeito a alterações

2.4.1. Fundamentação teórica/inferências

Comecei por mostrar uma imagem em *powerpoint*, com um vulcão para levar os alunos a **descobrirem o tema** da aula, pois deste modo, o ensino é mais estimulante e enriquecedor quando se trata da compreensão de conceitos científicos. Cachapuz e tal (2002, p.46) dizem que “parte da convicção do que os alunos aprendem, por conta própria (...), é a interpretação dos factos que conduz de forma natural e espontânea; descoberta de ideias, das mais simples às mais elaboradas.”

A partir de perguntas dirigidas levei os alunos a **identificar e caracterizar um vulcão**. Expliquei o que são erupções vulcânicas, que tipos de erupções existem e fiz a **distinção entre magma e lava**. Relativamente às erupções vulcânicas **mostrei, também, um pequeno vídeo** onde apareciam vulcões em atividade com cada uma das erupções de que falámos.

Segundo Dias (1999, p.45),

(...) o vídeo desempenha (...) cada vez mais nas escolas o papel mais importante na abertura de vias alternativas à aprendizagem tradicional pelos livros (...). Este destaque, como recurso valioso, no campo da pedagogia, fica a dever-se ao facto das gravações e reproduções magnéticas da imagem com som, serem hoje de manipulação extraordinariamente fáceis e cómodas.

Também com *powerpoint* **mostrei imagens de alguns piroclastos** e expliquei as diferenças entre cada forma de piroclastos.

Como atividade final fiz a experiência de uma erupção vulcânica, onde se simulou uma erupção efusiva. Durante a experiência apelei à participação dos alunos e **lemos e preenchemos o protocolo experimental**. Considero importante que o professor desenvolva o trabalho experimental porque proporciona à criança “um conjunto de experiências orientadas de uma forma metodológica, para que (...) as desenvolva utilizando os seus sentidos, envolvendo-se assim numa aprendizagem construtiva.” (Catita, 2007, p.7) Sobre o assunto Charpak (1997, p.37) diz que “o ensino científico contribuiu (...) para a construção do saber-fazer (...) de uma criança na sua globalidade.”

No final lemos, em voz alta, a ficha informativa sobre esta matéria. A consolidação da aprendizagem da matéria, seja qual for a disciplina permite ao aluno reter melhor a matéria enquanto organiza mentalmente a informação na sua cabeça. Ribeiro e Ribeiro (1989, p. 441) afirmam que são indispensáveis as “estratégias e atividades de conclusão, visando a consolidação e revisão do aprendido.”

2.5. Planificação da atividade da área curricular de Matemática

No Quadro 10 apresento a planificação da aula de Matemática em que lecionei a adição com os Calculadores Multibásicos.

Quadro 10 – Plano de aula de Matemática.

Jardim-Escola João de Deus - Estrela	
Plano de Aula	
<p>Duração: 1h 30 min Faixa Etária: 1.º ano Data: 8 de novembro de 2012</p>	<p>Plano de aula elaborado por: Ana Maria Mesquita n.º1 Mestrado em Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico</p>
ÁREA: Matemática	
Conteúdos Conceptuais	Procedimentos/Métodos
<ul style="list-style-type: none"> ◆ A adição (calculadores multibásicos) 	<ul style="list-style-type: none"> ◆ Dialogar com os alunos sobre o material lembrando as regras de utilização; ◆ Fazer uma adição com os Calculadores Multibásicos ditando as peças por cores; ◆ Resolver uma situação problemática com o mesmo material; ◆ Resolver a mesma situação problemática no papel; ◆ Identificar a quantidade de uma dúzia; ◆ Pintar uma dúzia de castanhas; ◆ Ditado de lateralização.
Objetivos	
Capacidades/Destrezas	Valores/Atitudes
<ul style="list-style-type: none"> ◆ Raciocínio Lógico: <ul style="list-style-type: none"> - interpretar; - analisar. ◆ Expressão Escrita: <ul style="list-style-type: none"> - simbolizar; - grafismo. ◆ Classificação: <ul style="list-style-type: none"> - identificar; - selecionar. 	<ul style="list-style-type: none"> ◆ Valor da Responsabilidade: <ul style="list-style-type: none"> - comprometer-se; - ser ordenado; - esforçar-se. ◆ Valor do Respeito: <ul style="list-style-type: none"> - aceitar; - estimar.
<p>Materiais: Calculadores Multibásicos, ficha de trabalho, castanhas para contagens.</p>	
Modelo T de Aprendizagem	Plano sujeito a alterações

2.5.1. Fundamentação teórica/inferências

Nesta aula de Matemática lecionei a adição, recorrendo ao material de apoio Calculadores Multibásicos. Comecei por **dialogar com os alunos sobre o material** que tinham em cima da mesa e as regras que tinham que se cumprir durante a sua utilização.

Como aplicação de conteúdos, com os Calculadores Multibásicos, **fiz uma operação aritmética e uma situação problemática** que implicava uma adição. Na sociedade em que vivemos o ser humano depara-se, muitas vezes, com situações complexas sendo necessário interpretá-las para as poder resolver. Para isso, tem que ter uma grande capacidade de adaptação e saber pensar de uma forma flexível, crítica, eficaz e criativa. De acordo com Lopes et al. (1990, p. 7) “a resolução de problemas é uma atividade que envolve o recurso sistemático às capacidades básicas do pensamento”, sendo durante a sua resolução que o indivíduo tem a possibilidade de adquirir e desenvolver essas capacidades.

Considero importante trabalhar as operações aritméticas não só de uma forma abstrata mas usando material manipulativo que ajuda a criança no raciocínio lógico-matemático. Segundo Nabais (1992, p. 61) com o Calculador Multibásico “é fácil a concretização de vários capítulos da aritmética, em especial as operações do cálculo elementar (...), do processo das quatro operações aritméticas”, tornando-se por isso, um meio em que se pode trabalhar a aritmética facilmente, na escola do 1.º ciclo.

Já na aplicação dos conhecimentos, de forma abstrata, distribuí uma **ficha de trabalho onde aparecia a mesma situação problemática**. Nessa ficha de trabalho também havia um exercício onde tinham que **identificar a quantidade de uma dúzia** (escrever uma dúzia com numeração árabe e pintar uma dúzia de castanhas). Também é pertinente que a criança tenha a capacidade de se abstrair e consiga, no papel, resolver as situações problemáticas e os cálculos, servindo qualquer material manipulativo como apoio àquelas que ainda não adquiriram esta capacidade de abstração.

Ainda fiz um **ditado de lateralização** com o desenho de uma castanha. Nestas idades as crianças ainda confundem, muitas vezes, o lado direito do lado esquerdo, por isso, é fundamental que na sala de aula se aplique constantemente este tipo de exercícios. Além disso, as crianças divertem-se porque não estão propriamente a fazer os “tradicionalis exercícios de matemática”.

Nesta turma as crianças revelaram, nitidamente, a grande dificuldade em distinguir o lado direito do lado esquerdo, tendo sido necessário quase uma hora para se fazer este exercício.

Desta forma terminei o capítulo das Planificações que se tornou bastante importante para mim, pois fez-me reflectir sobre cada uma destas aulas de uma forma especial.

De seguida apresento o capítulo dos Dispositivos de Avaliação.

Capitulo 3

Dispositivos de Avaliação

Neste capítulo são abordados vários aspetos relacionados com a avaliação de alunos, que passo a mencionar: fundamentação teórica sobre a avaliação, avaliação das atividades e respetiva descrição e análise.

Na fundamentação teórica define-se o conceito de avaliação, a enumeração das finalidades da avaliação e a distinção dos três tipos de avaliação: avaliação diagnóstica, avaliação formativa e avaliação sumativa.

Na avaliação das atividades apresenta-se, em grelhas, a descrição dos parâmetros, dos critérios e da respectiva cotação. Também se faz um levantamento dos resultados obtidos pelos alunos em cada pergunta feita. Nesta parte ainda se faz uma breve descrição das atividades efetuadas que foram objeto de avaliação. Todos os dispositivos utilizados são apresentados em anexo.

Na análise de resultados faz-se uma descrição das notas finais e do número total de alunos que obteve uma determinada pontuação. A título meramente indicativo, essa mesma leitura número é representado em forma de percentagem em gráficos circulares.

3.1. Definição de avaliação

Avaliar é uma tarefa que o professor desempenha com bastante regularidade.

Ribeiro e Ribeiro (1990, pp. 337-339) definem avaliação como uma análise cuidada das aprendizagens que o aluno atingiu face às aprendizagens planeadas pelo professor. Análise essa, que informa os professores e os alunos acerca dos objetivos atingidos e aqueles que foram difíceis de atingir; referindo que a avaliação é indispensável em qualquer circunstância de ensino-aprendizagem.

Ministério da Educação, através do Despacho Normativo n.º 1/2005, p.71, define avaliação como “um elemento integrante e regulador da prática educativa, permitindo uma recolha sistemática de informações que, uma vez analisadas, apoiam a tomada de decisões adequadas à promoção da qualidade das aprendizagens”.

De acordo com o Programa do Ensino Básico – 1º Ciclo (2004), o conceito de avaliação deve centrar-se “na evolução dos percursos escolares através da tomada de consciência partilhada entre o professor e o aluno, das múltiplas competências, potencialidades e motivações manifestadas e desenvolvidas, diariamente, nas diferentes áreas que o currículo integra.” (p.25)

Segundo Roldão (2008, p. 41), a avaliação é:

(...) um conjunto organizado de processos que visam o acompanhamento regulador de qualquer aprendizagem pretendida, e que incorporam, por isso mesmo a verificação da sua consecução. (...) é indispensável criar mecanismos de

acompanhamento do processo para o ir entendendo, acertando e reorientando no sentido desejado.

Isto quer dizer que a avaliação deve ser rigorosa, para poder avaliar com objetividade os conteúdos que o professor transmite em situação de ensino-aprendizagem.

Segundo Santos e Guerra (1998, citado por Roldão 2008, p. 84)), “a avaliação permite saber (...) se foram atingidos os objectivos definidos. (...) No caso da avaliação dos alunos vê-se com clareza quando estes não conseguiram realizar as aprendizagens exigidas devido a algum problema seu.” Os autores consideram a avaliação educativa como um dos mais importantes elementos para o sucesso educativo, pois é através dela que o docente confere se os objectivos por ele propostos foram ou não atingidos.

Conforme Fernandes (2005, p. 139), “todas as actividades que se realizam em ordem a obter informações que permitam decisões ou pontuações correctas no final da acção educativa, constituem a avaliação.” Por outras palavras, não basta avaliar os resultados obtidos pelos alunos, pois, é fundamental avaliar o processo a eles associados, e como tal, a avaliação do aluno deixa de ser a atribuição de uma simples nota. Resumindo, a avaliação passa por detectar os problemas/dificuldades de aprendizagem dos alunos, ajudando-os no sentido de os superarem, potenciando as suas possibilidades.

Portanto, o docente deve saber distinguir avaliar de classificar. A avaliação não deve ser apenas abordada pelos professores no final de cada período escolar, quando de facto atribui uma classificação a cada aluno, mas sim durante todo o percurso escolar, ou seja, ao longo do ano.

3.2. Finalidades da avaliação

Conforme Fernandes (2005, p. 23), “o propósito primordial da avaliação é o de melhorar as aprendizagens e o de ajudar os alunos a superarem as suas dificuldades.”

O Ministério da Educação, no do Despacho Normativo n.º 1/2005 (pp. 71-72), define os objetivos da avaliação da seguinte forma:

- a) Apoiar o processo educativo, de modo a sustentar o sucesso de todos os alunos, permitindo o reajustamento dos projectos curriculares de escola e de turma, nomeadamente quanto à selecção de metodologias e recursos, em função das necessidades educativas dos alunos;
- b) Certificar as diversas aprendizagens e competências adquiridas pelo aluno, no final de cada ciclo e à saída do ensino básico, através da avaliação sumativa interna e externa;
- c) Contribuir para melhorar a qualidade do sistema educativo, possibilitando a tomada de decisões para o seu aperfeiçoamento e promovendo uma maior confiança social no seu funcionamento.

Pais e Monteiro (1996, citadas por Fernandes, 2005) vêem a avaliação como uma ferramenta para trabalhar as aprendizagens dos alunos e não como uma mera obrigação de os avaliar.

Leite e Fernandes (2002, pp. 24-25) afirmam que num modelo de ensino clássico, a avaliação tem como única finalidade avaliar os resultados do ensino, através de um nível de conhecimentos adquiridos pelos alunos, no final de um período escolar. As mesmas autoras referem ainda que a avaliação, num modelo de ensino clássico

(...) tem uma intenção seletiva e procede à seriação de alunos ao atribuir-lhes uma posição numa escala de valores. (...) Tratando-se de um procedimento que consiste na atribuição de um valor único e numérico e que (...) parece ser conciso e de simples interpretação, apresenta inconvenientes. (...) o significado das notas únicas é pouco claro pois nunca representam o esforço, empenhamento e hábitos de trabalho dos alunos.

3.3. Tipos de avaliação

Ribeiro e Ribeiro (1990) dizem que existem três tipos de avaliação: a avaliação diagnóstica, a avaliação formativa e a avaliação sumativa.

Estes três tipos de avaliação funcionam como formas complementares de avaliação, sendo todas dependentes umas das outras. São utilizadas em situações diferentes, tendo cada uma delas, funções diferentes, mas ao mesmo tempo, complementares.

Os mesmos autores dizem que “a **avaliação diagnóstica** tem como objetivo proceder a uma análise dos conhecimentos e aptidões que o aluno deve possuir num dado momento para poder iniciar novas aprendizagens.” (p.342) Esta avaliação permite que o docente identifique quais são os conhecimentos adquiridos pelos alunos, e adequar estratégias e métodos, para se puderem iniciar novas aprendizagens. Normalmente é utilizada no início de uma unidade de ensino ou no início do ano letivo.

Leite e Fernandes (2002, p. 29), embora de forma um pouco diferente, dizem a mesma coisa relativamente a este tipo de avaliação: “(...) permite situar os alunos em relação aos objetivos programados e regular, (...) os caminhos para a construção da aprendizagem.” Estes autores, à semelhança dos anteriormente, dizem também que, “este procedimento (...) permite regular a própria atividade do professor, (...) fornece informações sobre os efeitos do ensino e da sua organização e, (...) favorece a incorporação atempada dessas informações na reformulação dos processos de ensino aprendizagem.” (p.40)

Sobre a **avaliação formativa**, Ribeiro e Ribeiro (1990, p. 348), dizem que esta:

(...) desempenha todo o processo de ensino-aprendizagem, identificando aprendizagens bem sucedidas e as que levantaram dificuldades, para que se possa dar remédio a essas últimas e conduzir a generalidade dos alunos à proficiência desejada e ao sucesso nas tarefas que realizam.

Este tipo de avaliação tem um papel paralelo ao da avaliação diagnóstica. É utilizada ao longo das matérias do ensino e deve ser praticada sistematicamente, de acordo com o plano de avaliação que foi estabelecido antecipadamente. Na avaliação formativa devem estar incluídos todos os elementos importantes da unidade de ensino lecionada pelo professor.

Segundo Leite e Fernandes (2002) para que possa haver uma prática da avaliação formativa existem três ideias chave: regular processos, reforçar êxitos e remediar dificuldades. Assim sendo, a avaliação formativa pretende introduzir práticas que possibilitem os alunos caminhar no sentido das aprendizagens programadas, e permitir ao professor, saber atempadamente que métodos e que estratégias adoptar para delinear esses caminhos.

Para resumir, Cortesão (s.d., citado por Leite e Fernandes, 2002, p. 41), diz que a avaliação formativa “pressupõe um conjunto de práticas variadas que se integram no processo de ensino aprendizagem e que procuram contribuir para que os alunos se apropriem melhor das aprendizagens curricularmente estabelecidas como importantes”.

Segundo Abrecht, (1994, pp. 18-19):

A avaliação formativa não é uma *verificação* de conhecimentos (...). É antes o interrogar-se sobre um processo; é o refazer do caminho percorrido, para refletir sobre o processo de aprendizagem em si mesmo, sendo útil, principalmente, para levar o aluno a considerar uma trajetória (...), dando sentido à sua aprendizagem e alertando-o, ao mesmo tempo, para eventuais lacunas ou falhas de percurso, levando-o, deste modo, a buscar – ou nos casos de menor autonomia, a solicitar – os meios para vencer as dificuldades.

Desta forma, a avaliação formativa vai proporcionar segurança e auto-confiança ao aluno, fornecer informações úteis sobre etapas vencidas e dificuldades encontradas. Além disso, a avaliação formativa assume uma função reguladora quando permite tanto a alunos como a professores ajustarem estratégias e dispositivos de ensino-aprendizagem, pois pode reforçar positivamente qualquer competência que esteja de acordo com objetivos previamente estabelecidos e permitir ao próprio aluno analisar situações, reconhecer e corrigir eventuais erros.

Concluindo, a avaliação formativa disponibiliza ao docente informações sobre o desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem, para que o professor o possa ajustar às características dos seus alunos. Assim, vai contribuir para melhorar a aprendizagem dos alunos e informar as duas partes, professor e aluno, sobre o progresso da aprendizagem, ou seja, sobre os êxitos e os fracassos do aluno e do professor neste processo.

A **avaliação sumativa** não é de menos importância. Leite e Fernandes (2002) dizem que avaliação sumativa ajuíza sobre os conhecimentos adquiridos pelos alunos e as competências por eles desenvolvidas durante um determinado período escolar.

Para Ribeiro e Ribeiro (1990) a avaliação sumativa é definida como um balanço final, uma visão de conjunto de um todo sobre o qual só tinham sido feitos juízos parcelares.

O Ministério da Educação, através do Despacho Normativo n.º 30/2001, define avaliação sumativa como “(...) formulação de uma síntese das informações recolhidas sobre o desenvolvimento das aprendizagens e competências definidas para cada área curricular e disciplina (...) dando uma atenção especial à evolução do conjunto dessas aprendizagens.”

Ribeiro e Ribeiro (1990, p. 359) esclarecem que a “avaliação sumativa procede a um balanço de resultados no final de um segmento de ensino-aprendizagem, acrescentando novos dados aos recolhidos pela avaliação formativa e contribuindo para uma apreciação mais equilibrada do trabalho realizado”.

Por outro lado, a avaliação sumativa é normalmente uma avaliação pontual, porque, de uma forma geral, acontece no final de uma unidade de ensino. Este tipo de avaliação tem como objetivo principal o de determinar o grau de domínio de alguns objetivos previamente estabelecidos; realiza, portanto, um balanço somatório de uma ou várias sequências de um processo de formação. Ao utilizar a avaliação sumativa, o professor apenas faz um inventário com o objetivo de pôr à prova, de verificar, de classificar. Este tipo de avaliação complementa, assim, um ciclo de avaliação que engloba também a avaliação diagnóstica e a avaliação formativa.

O Despacho Normativo n.º 1/2005 publicado pelo Ministério da Educação descreve minuciosamente no que consiste a **avaliação diagnóstica**, a **avaliação formativa** e a **avaliação sumativa**:

A **avaliação diagnóstica** conduz à adoção de estratégias de diferenciação pedagógica e contribui para elaborar, adequar e reformular o projecto curricular de turma, facilitando a integração escolar do aluno, apoiando a orientação escolar e vocacional. Pode ocorrer em qualquer momento do ano letivo quando articulada com a avaliação formativa.” (art.º 18)

A **avaliação formativa** é a principal modalidade de avaliação do ensino básico, assume carácter contínuo e sistemático e visa a regulação do ensino e da aprendizagem, recorrendo a uma variedade de instrumentos de recolha de informação, de acordo com a natureza das aprendizagens e dos contextos em que ocorrem. [...] É da responsabilidade de cada professor, em diálogo com os alunos e em colaboração com os outros professores, designadamente no âmbito dos órgãos coletivos que concebem e gerem o respectivo projecto curricular e, ainda, sempre que necessário, com os serviços especializados de apoio educativo e os encarregados de educação, devendo recorrer, quando tal se justifique, a registos estruturados. (art.º19)

A **avaliação sumativa** consiste na formulação de um juízo globalizante sobre o desenvolvimento das aprendizagens do aluno e das competências definidas para cada disciplina e área curricular.

Para finalizar Fernandes (2005, p. 24), afirma que “há quase uma relação de causa-efeito entre o que pensamos, ou que sabemos, acerca das formas como os alunos aprendem e as formas como avaliamos as suas aprendizagens.”

Importa não esquecer que a aprendizagem, na sala de aula, não se dá de maneira uniforme. Cada aluno tem o seu ritmo, as suas facilidades e dificuldades, o que dificulta bastante a ação do professor. Cabe ao docente ajudar o aluno a “crescer” globalmente. Não basta reduzir a avaliação a uma constatação do que o aluno é capaz e não é capaz de fazer. A avaliação deve ser encarada como um instrumento orientador de todo o processo de ensino/aprendizagem.

3.4. Escala de avaliação

A escala de avaliação utilizada para a avaliação e classificação das atividades de Matemática, de Língua Portuguesa e de Estudo do Meio aqui apresentadas é baseada na escala de Likert. É uma escala que vai do 0 (zero) ao 10 (dez) e do fraco ao muito bom. (Quadro 11)

Quadro 11 – Escala de avaliação de Likert.

0 – 2,9	Fraco
3 – 4,9	Insuficiente
5 – 6,9	Suficiente
7 – 8,9	Bom
9 – 10	Muito Bom

O quadro apresentado mostra o valor qualitativo e o valor quantitativo que a criança irá obter consoante a cotação atribuída. Por isso, se a cotação total for inferior a 2,9 valores, o seu desempenho será Fraco; se a cotação estiver entre os 3,9 e os 4 valores, o seu desempenho continuará Insuficiente; se a cotação total for superior aos 4,9 valores e menor que 6,9 valores a criança obtém Suficiente. Só se atribui Bom se a cotação atingir, no mínimo 7 valores. Finalmente, se a criança obtiver uma pontuação entre os 9 e os 10 valores, o seu valor qualitativo é de Muito Bom

São agora apresentadas as avaliações das atividades realizadas no 2.º ano do Ensino Básico. Os dispositivos foram realizados em três áreas curriculares: Matemática, Língua Portuguesa e Estudo do Meio.

3.5. Descrição da atividade de Matemática

Para a avaliação de Matemática, fiz inicialmente revisões orais sobre as medidas de tempo: ano, mês, semana, dia; utilizando, para o efeito, um calendário (aula relatada no dia...).

Como instrumento de avaliação utilizei, concretamente, exercícios de ligação relacionados às medidas de tempo. Os alunos tinham de ordenar os meses do ano e analisar o calendário relativo ao mês de maio. Pode-se ver a ficha no anexo 1.

3.5.1. Descrição dos parâmetros, critérios e cotações

A avaliação de Matemática tem três questões. Ao realizar esta avaliação, pretendia que as crianças identificassem os dias da semana/meses do ano, ordenassem os meses anuais e analisassem uma folha de calendário.

Para a primeira questão estabeleci um parâmetro e cinco critérios:

1.º Parâmetro: ligar, completando o sentido das frases.

Critérios:

- 1.1 – Ligou quatro frases;
- 1.2 – Ligou três frases;
- 1.3 – Ligou duas frases;
- 1.4 – Ligou uma frase;
- 1.5 – Não ligou nenhuma frase.

Para a segunda questão estabeleci um parâmetro e também cinco critérios:

1.º Parâmetro: escrever por ordem os meses do ano.

Critérios:

- 1.1 – Escreveu dez a doze meses;
- 1.2 – Escreveu sete a nove meses;
- 1.3 – Escreveu quatro a seis meses;
- 1.4 – Escreveu um a três meses;
- 1.5 – Não escreveu os meses do ano.

Finalmente para a terceira questão estabeleci também um parâmetro e sete critérios:

1.º Parâmetro: Preencher, consultando o calendário, o ano, o mês, os dias da semana e do mês nas frases apresentadas.

Critérios:

- 1.1 – Preencheu dez espaços;
- 1.2 – Preencheu de oito a nove espaços;
- 1.3 – Preencheu seis a sete espaços;
- 1.4 – Preencheu de quatro a cinco espaços;
- 1.5 – Preencheu de dois a três espaços;
- 1.6 – Preencheu um espaço;
- 1.7 – Não preencheu espaços.

Posteriormente apresento uma tabela, onde aparecem especificamente, os parâmetros, critérios e cotações de avaliação utilizados para esta atividade de Matemática. A cotação total da ficha é de dez valores. Todas as questões têm cotações diferentes, sendo que à primeira questão correspondem dois valores, à segunda questão correspondem três valores e à terceira questão correspondem cinco valores. (Quadros 12)

No Quadro 13 apresento a grelha de correção do dispositivo de Matemática.

Quadro 12 – Tabela de parâmetros e critérios de avaliação de Matemática.

Avaliação Sumativa de Matemática – O Calendário				
Questão	Parâmetros de Avaliação	Critérios de Avaliação		Cotação
1	1.º Ligar, completando o sentido das frases	1.1 – Ligou 4 frases	2,0	2,0
		1.2 – Ligou 3 frases	1,5	
		1.3 – Ligou 2 frases	1,0	
		1.4 – Ligou 1 frase	0,5	
		1.5 – Não ligou nenhuma frase	0	
2	1.º Escrever por ordem os meses do ano	1.1 – Escreveu 10 a 12 meses	3,0	3,0
		1.2 – Escreveu 7 a 9 meses	2,2	
		1.4 – Escreveu 4 a 6 meses	1,5	
		1.3 – Escreveu 1 a 3 meses	0,8	
		1.5 – Não escreveu os meses	0	
3	1.º Identificar, consultando o calendário, o ano, o mês, os dias da semana/do mês	1.1 – Preencheu 10 espaços	5,0	5,0
		1.2 – Preencheu 8 a 9 espaços	4,0	
		1.3 – Preencheu 6 a 7 espaços	3,0	
		1.4 – Preencheu 4 a 5 espaços	2,5	
		1.5 – Preencheu 2 a 3 espaços	1,0	
		1.6 – Preencheu 1 espaço	0,5	
		1.7 – Não preencheu espaços	0	
TOTAL				10

Quadro 13 – Grelha de correção de Matemática.

Avaliação Sumativa de Matemática – O Calendário																	
Parâmetros	Ligar, completando o sentido das frases				Escrever por ordem os nomes					Identificar, consultando o calendário, o ano, o mês, os dias da semana/mês							Pontuação Total
Critérios	Ligou 4 frases	Ligou 3 frases	Ligou 2 frases	Não ligou nenhuma frase	Escreveu 10 a 12 meses	Escreveu 7 a 9 meses	Escreveu 4 a 6 meses	Escreveu 1 a 3 meses	Não escreveu os meses	Preen. 10 espaços	Preen. 8 a 9 espaços	Preen. 6 a 7 espaços	Preen. 4 a 5 espaços	Preen. 2 a 3 espaços	Preen. 1 espaço	Não preen. espaços	
Alunos																	
1	2,0				3,0							3,0					8
2	2,0				3,0					5,0							10
3	2,0				3,0							3,0					8
4	2,0				3,0					5,0							10
5	2,0				3,0					5,0							10
6		1,5			3,0					5,0							9,5
7	2,0				3,0					5,0							10
8			1,0			2,2				5,0							8,2
9	2,0				3,0						4,0						9
10	2,0				3,0							3,0					8
11	2,0				3,0					5,0							10
12	2,0				3,0					5,0							10
13	2,0				3,0					5,0							10
14	2,0				3,0					5,0							10
15	2,0				3,0						4,0						9
16	2,0				3,0					5,0							10
17	2,0				3,0						4,0						9
18			1,0			2,2				5,0							8,2
19	2,0					2,2					4,0						8,2
20	2,0				3,0					5,0							10
21	2,0				3,0					5,0							10
22				0	3,0						4,0						7
23	2,0				3,0						4,0						9
24	2,0					2,2						3,0					7,2
25	2,0				3,0						5,0			0			10
26	2,0				3,0							4,0					9
27			1,0			2,2					5,0				3,0		8,2

3.5.2. Interpretação da grelha de correção de Matemática

Observando grelha de avaliação de Matemática (Quadro 14), podemos observar que num total de 27 alunos, dezoito alunos atingiram o Muito Bom, sendo que doze deles tiveram a classificação máxima de 10 valores, um teve 9,5 valores e cinco tiveram 9 valores. Outras nove crianças obtiveram Bom, sendo que quatro tiveram 8,2 valores, três tiveram 8 valores, uma teve 7,2 valores e outra teve 7 valores.

A média de resultado dos alunos é de 9,1 valores.

3.5.3. Apresentação em gráfico circular dos resultados da atividade de Matemática

De seguida apresento os resultados obtidos em gráfico circular a fim de ser mais fácil a análise dos resultados. (Figura 78)

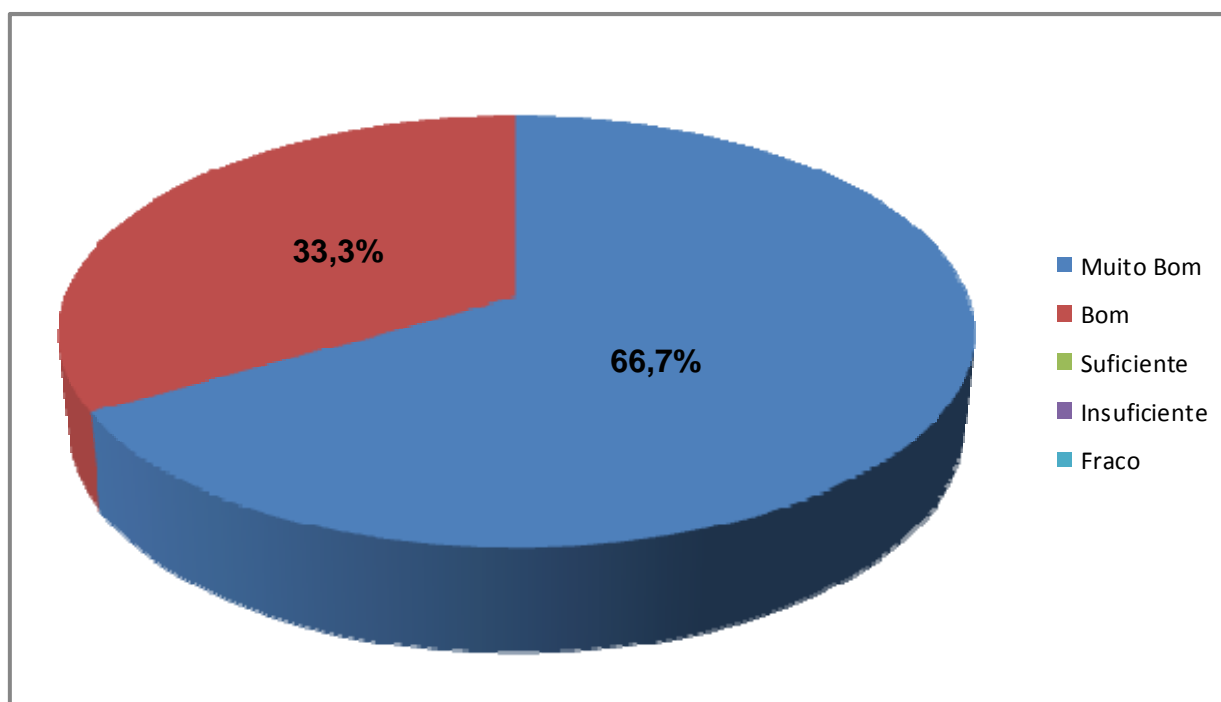


Figura 78 – Classificação percentual da atividade de Matemática.

Como é visível no gráfico, 66,7% dos alunos obtiveram a classificação de Muito Bom e os restantes 33,3% dos alunos obtiveram Bom na pontuação total da avaliação.

Concluo, perante estes resultados, que os alunos não apresentaram dificuldades nas respostas às questões colocadas na ficha.

Penso que o facto de ter feito, antes, oralmente uma revisão dos conteúdos terá contribuído para este resultado.

3.6. Descrição da atividade de Estudo do Meio

Nesta área curricular avaliou-se a proposta relatada no dia ... Assim, em Estudo do Meio, iniciei também a aula com algumas revisões sobre os cuidados que devemos ter quando vamos à praia. Depois os alunos realizaram uma ficha de consolidação. Essa ficha tinha uma pergunta sobre a identificação das bandeiras da praia e outra sobre os cuidados que devemos ter quando está muito calor. Os alunos resolveram em trinta minutos esta proposta de trabalho que abordava o tema “Segurança do meu corpo. A atividade está representada no quadro 15. Ver a ficha no anexo 2.

3.6.1. Descrição dos parâmetros, critérios e cotações

A avaliação de Estudo do Meio é composta por quatro questões. Com esta avaliação pretendia que as crianças identificassem as bandeiras das praias e seus significados. Também que reconhecessem os cuidados a ter na praia.

Na primeira questão defini um parâmetro e quatro critérios:

1.º Parâmetro: identificar as bandeiras da praia

Critérios:

- 1.1 – Identificou três bandeiras;
- 1.2 – Identificou duas bandeiras;
- 1.3 – Identificou uma bandeira;
- 1.4 – Não identificou bandeiras.

Para a segunda questão defini também apenas um parâmetro e quatro critérios:

1.º Parâmetro: assinalar as frases corretas

Critérios:

- 1.1 – Assinalou três frases;
- 1.2 – Assinalou duas frases;
- 1.3 – Assinalou uma frase;

1.4 – Não assinalou frases.

De seguida apresento uma tabela (Quadro 14), onde aparecem especificamente, os parâmetros, critérios e cotações de avaliação utilizados para a atividade de Estudo do Meio. A cotação total da ficha é de 10 valores. A primeira e a quarta questão têm três valores de cotação e a segunda e terceira questões têm uma cotação de dois valores.

Quadro 14 – Tabela de parâmetros e critérios de avaliação de Estudo do Meio.

Avaliação Sumativa de Estudo do Meio – A Segurança do Meu Corpo				
Questão	Parâmetros de Avaliação	Critérios de Avaliação		Cotação
1	1.º Identificar as bandeiras da praia	1.1 – Identificou 3 bandeiras	5,0	5,0
		1.2 – Identificou 2 bandeiras	2,5	
		1.3 – Identificou 1 bandeira	1,25	
		1.4 – Não identificou bandeiras	0	
2	1.º Assinalar as frases corretas Por cada x a mais descontar 0,1 (uma décima) da pontuação total obtida na questão.	1.1 – Assinalou 3 frases	5,0	5,0
		1.2 – Assinalou 2 frases	2,5	
		1.3 – Assinalou 1 frase	1,25	
		1.4 – Não assinalou frases	0	
TOTAL				10

No Quadro 15 apresento a grelha de correção da proposta de Estudo do Meio.

Quadro 17 – Grelha de correção de Estudo do Meio.

Avaliação Sumativa de Estudo do Meio – A Segurança do Meu Corpo									
Parâmetros	Identificar as bandeiras da praia				Assinalar as frases corretas				
Critérios	Ident. 3 bandeiras	Ident. 2 bandeiras	Ident. 1 bandeira	Não identificou bandeiras	Assin. 3 frases	Assin. 2 frases	Assin. 1 frase	Não assinalou frases	Pont. Tota
Alunos									
1			1,25		5,0				6,25
2	-	-	-	-	-	-	-	-	Faltou
3	5,0				5,0				10
4	5,0				5,0				9,6
5	5,0				5,0				10
6	5,0				5,0				10
7	5,0				5,0				10
8	5,0				5,0				10
9	5,0				5,0				10
10	5,0				5,0				10
11	-	-	-	-	-	-	-	-	Faltou
12	5,0						1,25		6,25
13	5,0				5,0				10
14	5,0				5,0				10
15	5,0				5,0				10
16	5,0				5,0				10
17	5,0				5,0				10
18	5,0				5,0				10
19	5,0				5,0				10
20	5,0				5,0				10
21	5,0				5,0				10
22			1,25		5,0				6,25
23	5,0				5,0				10
24	5,0				5,0				10
25	-	-	-	-	-	-	-	-	Faltou
26	5,0				5,0				10
27			1,25			2,5			3,5

3.6.2. Interpretação da grelha de correção de Estudo do Meio

Observando o Quadro 15, da grelha de avaliação, podemos observar que num total de 27 alunos, três crianças da turma não fizeram avaliação de Estudo do Meio. Dos vinte e quatro alunos presentes nesta avaliação, vinte alunos atingiram o Muito Bom, tendo dezanove deles a classificação total de 10 valores, um a classificação de 9,6 valores. Outras três crianças obtiveram Suficiente, sendo que todas elas tiveram 6,25 valores. E uma teve Insuficiente, tendo a classificação de 3,5 valores.

A média de resultado dos alunos é de 9,43 valores.

3.6.3. Apresentação em gráfico circular dos resultados da atividade de Estudo do Meio

Em baixo apresento o gráfico relativo à avaliação desta atividade. (Figura 79)

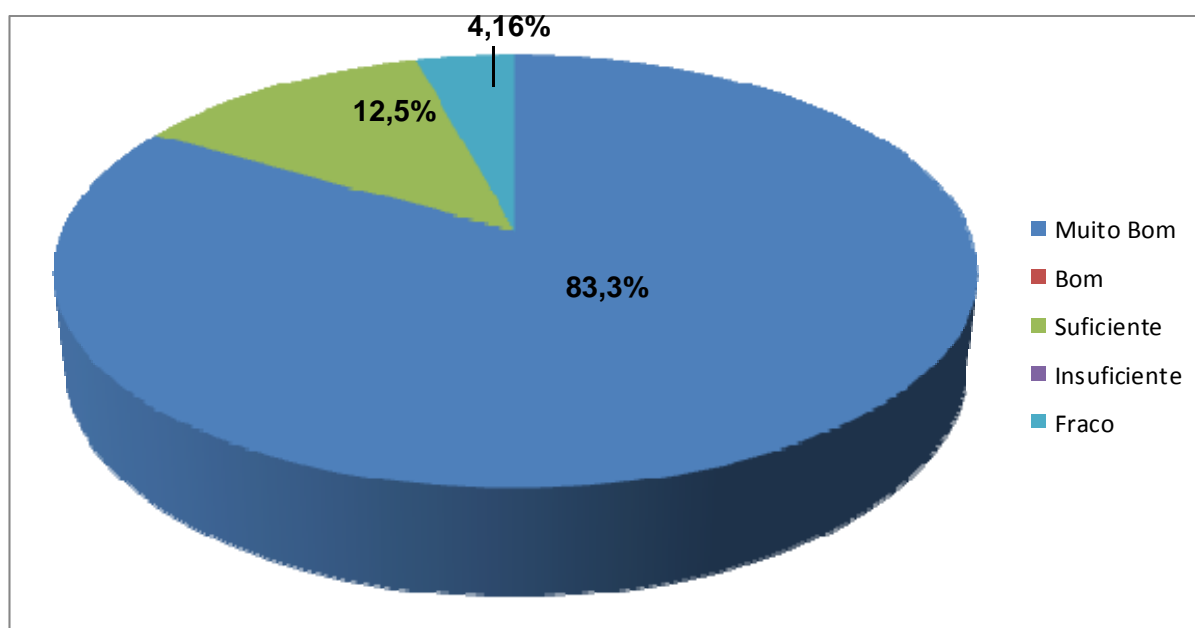


Figura 79 – Classificação percentual da atividade de Estudo do Meio.

Dos vinte e quatro alunos presentes na avaliação de Estudo do Meio, 83,3% das crianças avaliadas obtiveram Muito Bom, 12,7% dos alunos obtiveram Suficiente e 4,16% tiveram a classificação de Fraco.

Posso concluir que apesar da ficha ser fácil para esta turma, algumas crianças ainda demonstraram não dominar bem o conteúdo sobre as regras de segurança que devemos ter em conta quando vamos à praia. Para colmatar estas avaliações negativas proponha que se fizesse mais uma aula prática com os alunos sobre o tema.

3.7. Descrição da atividade de Língua Portuguesa

Na atividade de Língua Portuguesa fiz leitura e interpretação de um texto. Inicialmente, cada aluno leu uma pequena parte do texto apresentado. Depois os alunos tiveram que preencher uma ficha onde responderam a algumas perguntas de interpretação e de gramática, nomeadamente divisão silábica e classificação de palavras quanto ao número de sílabas e construção de frases.

A avaliação de Língua Portuguesa no dia 22 de junho. Comecei por pedir a dois alunos para lerem o texto em voz alta: um aluno leu uma vez o texto todo e outro aluno leu segunda vez o texto todo. Depois fiz revisão da divisão silábica de palavras e da classificação de palavras quanto à acentuação. Depois da revisão fizeram a ficha de trabalho que se pode ver em baixo. A ficha de trabalho está no anexo 3.

3.7.1. Descrição dos parâmetros, critérios e cotações

A avaliação de Língua Portuguesa é formada por quatro questões. Ao realizar esta avaliação, pretendia que as crianças fizessem a leitura correta de um pequeno texto, interpretassem o texto lido, identificassem as cores presentes no texto, ordenassem palavras de modo a formar frases e classificassem palavras quanto ao número de sílabas.

Assim, para a primeira questão defini um parâmetro e doze critérios:

1.º Parâmetro: interpretação do texto

Critérios:

- 1.1 – Interpretou de forma correta à primeira pergunta;
- 1.2 – Interpretou de forma correta com erros ortográficos;
- 1.3 – Interpretou de forma incompleta;
- 1.4 – Interpretou de forma errada;
- 1.5 – Interpretou de forma correta à segunda pergunta;
- 1.6 – Interpretou de forma correta com erros ortográficos;
- 1.7 – Interpretou de forma incompleta;
- 1.8 – Interpretou de forma errada;
- 1.9 – Interpretou de forma correta à terceira pergunta;
- 1.10 – Interpretou de forma correta com erros ortográficos;
- 1.11 – Interpretou de forma incompleta;
- 1.12 – Interpretou de forma errada.

Para a segunda questão formulei um parâmetro e quatro critérios:

1.º Parâmetro: identificar as cores referidas no texto

Critérios:

- 1.1 – Identificou quatro cores;
- 1.2 – Identificou três cores;
- 1.4 – Identificou duas cores;
- 1.5 – Não identificou as cores.

Para a terceira questão também referi um parâmetro e três critérios:

1.º Parâmetro: ordenar palavras e formar frases

Critérios:

- 1.1 – Ordenou as palavras de duas frases;
- 1.2 – Ordenou as palavras de uma frase;
- 1.3 – Não ordenou de forma correta as palavras.

Por fim, na quarta questão selecionei um parâmetro e três critérios:

1.º Parâmetro: classificar palavras quanto ao número de sílabas

Critérios:

- 1.1 – Classificou três a quatro palavras;
- 1.2 – Classificou uma a duas palavras;
- 1.3 – Não classificou de forma correta palavras.

A seguir apresento uma tabela, com os parâmetros, critérios e cotações de avaliação utilizados, especificamente, para esta atividade de Língua Portuguesa. A cotação total da ficha é de 10 valores. Todas as questões têm cotações diferentes, à excepção da primeira e da quarta questão, às quais foram atribuídos três valores cada uma. Às restantes questões foram atribuídas as seguintes pontuações: à segunda questão quatro décimas do valor e à quinta questão três valores e seis décimas. (Quadro 16)

No Quadro 17 podemos ver a grelha de correcção da atividade de Língua Portuguesa e a cotação de cada aluno.

Quadro 16 – Tabela de parâmetros e critérios de avaliação de Língua Portuguesa.

Avaliação Sumativa de Língua Portuguesa – <i>Uma Estrela a Voar</i>				
Questão	Parâmetros de Avaliação	Critérios de Avaliação		Cotação
1	1.º Interpretação do texto	1.1 – Interpretou de forma correta a primeira questão	1,0	3,0
		1.2 – Interpretou de forma correta com erros ortográficos	0,8	
		1.3 – Interpretou de forma incompleta	0,7	
		1.4 – Interpretou de forma errada	0	
		1.5 – Interpretou de forma correta a segunda questão	1,0	
		1.6 – Interpretou de forma correta com erros ortográficos	0,8	
		1.7 – Interpretou de forma incompleta	0,7	
		1.8 – Interpretou de forma errada	0	
		1.9 – Interpretou de forma correta a terceira questão	1,0	
		1.10 – Interpretou de forma correta com erros ortográficos	0,8	
		1.11 – Interpretou de forma incompleta	0,7	
		1.12 – Interpretou de forma errada	0	
2	1.º Identificar as cores do texto	1.1 – Identificou 4 cores	0,4	0,4
		1.2 – Identificou 3 cores	0,3	
		1.3 – Identificou 2 cores	0,2	
		1.4 – Identificou 1 cor	0,1	
		1.5 – Não identificou as cores	0	
3	1.º Ordenar palavras e formar frases *	1.1 – Ordenou as palavras de 2 frases	3,0	3,0
		1.2 – Ordenou as palavras de 1 frase	1,5	
		1.3 – Não ordenou de forma correta	0	
4	1.º Classificar palavras quanto ao número de sílabas *	1.1 – Classificou 3 a 4 palavras	3,6	3,6
		1.2 – Classificou 1 a 2 palavras	1,8	
		1.3 – Não classificou de forma correta.	0	
TOTAL				10

Quadro 17 – Grelha de correcção de Língua Portuguesa.

Avaliação Cumulativa de Língua Portuguesa – Uma escola a vez																								
Parâmetros		Interpretação do texto											Identificar as cores do texto					Ordenar palavras e formar frases			Classificar palavras quanto ao número de sílabas			Pont. Total
Critérios	Int. de forma correta 1ª perg.	Int. de forma correta c/ erros ortog.	Int. de forma inc.	Int. de forma errada	Int. de forma correta a 2ª perg.	Int. de forma correta c/ erros ortog.	Int. de forma inc.	Int. de forma errada	Int. de forma correta a 3ª perg.	Int. forma correta c/ erros ortog.	Int. de forma inc.	Int. forma errada	Ident. 4 cores	Ident. 3 cores	Ident. 2 cores	Ident. 1 core	Não ident. as cores	Ord. palavras de 2 frases	Ord. palavras de 1 frase	Não ord. de forma correta	Class. de 3 a 4 palavras	Class. de 1 a 2 palavras	Não clas. de forma correta	
Alunos																								
1				0	1,0					0,8				0,3					1,5		3,6			7,2
2				0			0,7				0					0			1,5			1,8		4
3	1,0						0,7				0,7		0,4					3,0			3,6			9,4
4		0,8			1,0							0		0,3				3,0			3,6			8,7
5	1,0				1,0						0,7		0,4						1,5			1,8		6,4
6	1,0				1,0				1,0				0,4					3,0			3,6			10
7			0,7				0,7				0,7		0,4					3,0				1,8		6,5
8	1,0				1,0				1,0				0,4					3,0			3,6			10
9	1,0				1,0				1,0				0,4						1,5		3,6			8,5
10	1,0				1,0				1,0				0,4					3,0			3,6			10
11				0		0,8						0	0,4					3,0			3,6			7,8
12			0,7		1,0				1,0				0,4						1,5		3,6			8,2
13	1,0				1,0						0,7		0,4					3,0			3,6			9,7
14	1,0				1,0				1,0				0,4						1,5		3,6			8,5
15	1,0				1,0						0,7		0,4					3,0			3,6			9,7
16	1,0				1,0						0,7		0,4					3,0			3,6			9,7
17	1,0					0,8			1,0				0,4						1,5			1,8		6,5
18	1,0				1,0						0,7		0,4					3,0			3,6			9,7
19	1,0				1,0				1,0				0,4					3,0			3,6			10
20	1,0							0			0,7				0,2				1,5		3,6			7
21	1,0				1,0							0	0,4					3,0			3,6			9
22	1,0				1,0						0,7		0,4						1,5		3,6			8,2
23	1,0				1,0							0	0,4						1,5		3,6			7,5
24		0,8				0,8							0,4					3,0					0	5,8
25				0	1,0				1,0				0,4					3,0				1,8		7,2
26	1,0							0,7		0,8			0,4						1,5		3,6			7,3
27	1,0					0,8			1,0				0,4					3,0			3,6			9,8

3.7.2. Interpretação de grelha de correção de Língua Portuguesa

Observando a grelha de avaliação (Quadro 17) podemos observar que num total de 27 alunos, onze ficaram com Muito Bom, tendo três deles a classificação máxima de 10 valores, um com 9,8 valores, quatro com 9,7 valores, um com 9,4 valores e um com 9 valores. Outras onze crianças obtiveram Bom, sendo que uma teve 8,7 valores, duas tiveram 8,5 valores, duas tiveram 8,2 valores, uma teve 7,8 valores, uma teve 7,5 valores, duas tiveram 7,2 valores e uma teve 7 valores. Quatro crianças tiveram apenas Suficiente, sendo que duas delas tiveram a classificação total de 6,5 valores uma teve 6,4 valores e outra a classificação total de 5,8 valores. Uma criança teve Insuficiente, obtendo a classificação total de 4 valores.

A média de resultado dos alunos é de 8,43 valores.

3.7.3. Apresentação em gráfico circular dos resultados da atividade de Língua Portuguesa

O gráfico que se segue refere-se aos resultados da atividade de Estudo do Meio. (Figura 80)

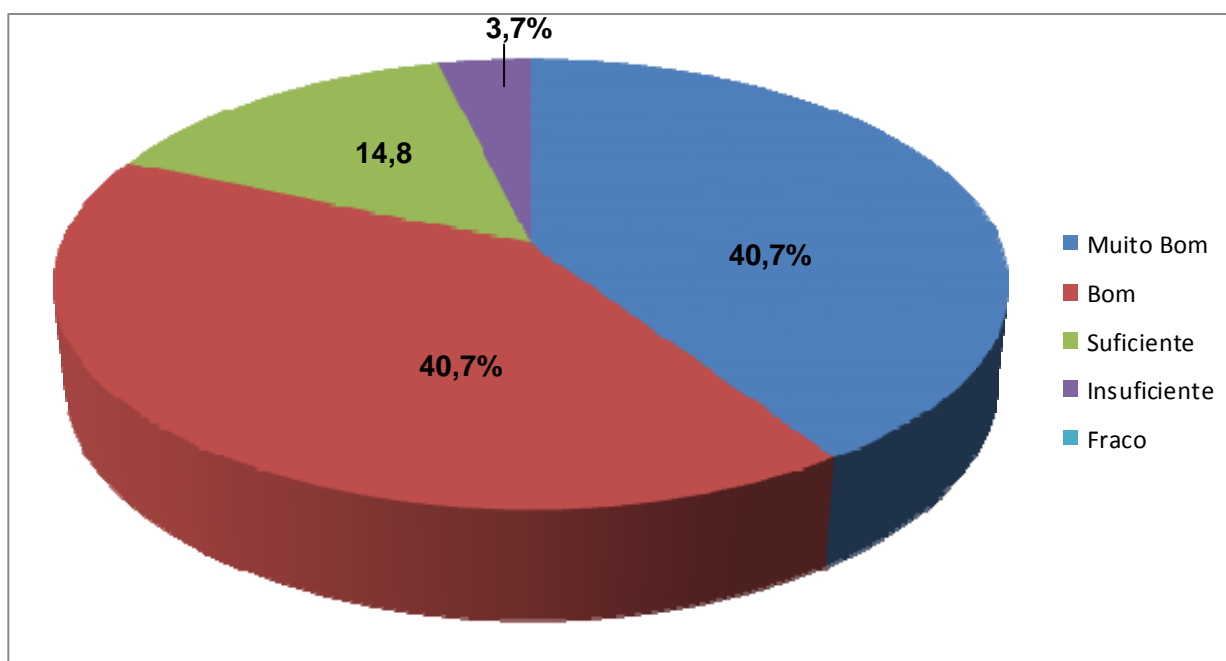


Figura 80 – Classificação percentual da atividade de Língua Portuguesa.

Dos vinte e sete alunos presentes na avaliação de Língua Portuguesa, 40,7% obtiveram Muito Bom, outros 40,7% dos alunos tiveram Bom, 14,8% tiveram Suficiente e 3,7% tiveram apenas Insuficiente como classificação total.

Estes resultados devem-se ao facto de, neste dia, a turma estar muito agitada e por isso pouco concentrada no que estava a fazer. Contudo a grande maioria das crianças obteve Bom e Muito Bom.

Reflexão Final

1. Considerações Finais

Ao chegar ao final deste Mestrado torna-se importante refletir sobre todo o percurso feito. Quando entrei para a Escola Superior de Educação João de Deus queria ser professora dos 1.º e 2.º Ciclos do Ensino Básico, mas quando menos esperava optei por fazer o Mestrado só de ensino do 1.º Ciclo. Quando mais avançava o tempo de estudo mais acreditava e mais tinha a certeza de que era esta a profissão que queria exercer na minha vida. Toda a prática pedagógica que fiz durante a Licenciatura e o Mestrado bem como o contacto permanente com as crianças que acompanhei durante este período foram os grandes impulsionadores. Tê-las ajudado e esclarecido quando tinham dúvidas e tê-las acarinhado sempre que foi necessário mostrou-se um enorme desafio e um prazer imenso, o melhor destes anos todos como estudante deste curso.

Nesta minha reflexão não posso deixar de referir a importância que teve, para mim, manter uma boa relação com todas as professoras supervisoras e todas as professoras cooperantes. A forma delicada e, algumas vezes, afectiva como me avaliaram e ajudaram quando me senti mais desmotivada, vai ao encontro do que dizem Arfwedson et al. (s.d. p. 27) o formador deve ser capaz de “auxiliar, de modo afectivo, o crescimento do professor em formação, quer através das situações que cria e das atividades que propõe, quer, principalmente através da relação que estabelece com ele.” Glattorn (1981, p. 11), firma que

na relação orientador-professor em formação, é particularmente importante estar atento aos sentimentos e preocupações pessoais do outro, a fim de que se desenvolva um clima de empatia e apoio mútuos (...) a consecução de um clima de interacção empática terá de ser uma preocupação fundamental e constante do orientador pedagógico.

Também não posso deixar de referir o quão é importante planificar as nossas aulas durante a prática pedagógica e falar com o professor orientador sobre as estratégias que pretendemos aplicar e as competências que queremos desenvolver, pois é muito vantajoso para a nossa aprendizagem. Por esse motivo, e citando Glattorn et al. (1981., p. 12) “a reunião de planificação irá ajudar a fazer planos eficazes” de modo a que se atinjam os objetivos pretendidos.

Apesar da componente teórica ao longo do curso ter sido importante foi ao longo do estágio que tomei consciência da realidade da docência. Esta revelou-se indispensável para consciencializar-me da realidade, adquirir conhecimentos e desenvolver competências práticas. Tal como referem Ponte e Serrazina (2000, p. 38)

(...) não basta ao professor conhecer teorias, perspectivas e resultados da investigação. Tem de ser capaz de construir soluções adequadas, para os diversos aspectos da sua acção profissional, requer não só a capacidade de mobilização e articulação de conhecimentos teóricos, mas também a capacidade de lidar com situações práticas, com as quais contacta pela primeira vez nesse importante ano de formação

A componente prática deste curso, na qual tive a oportunidade de dar aulas, foi um desmistificar de ideias e, ao mesmo tempo, uma descoberta ao longo dos anos de formação. Tentar compreender os alunos que temos à nossa frente, gerir atitudes, valores e conflitos fez-me desenvolver diferentes estratégias de transmissão de conhecimentos.

Depois de uma breve reflexão sobre o meu percurso académico cheguei à conclusão que foi a escolha certa. Tendo em conta as experiências vivenciadas e a aquisição de conhecimentos que me proporcionaram só posso dizer que mais feliz, com a decisão que tomei para a minha vida profissional, não poderia estar.

Assim concluo que os conhecimentos teóricos que adquiri através das pesquisas bibliográficas vão ser fundamentais na minha vida profissional. Esta aliança entre teoria e prática ajudam a planear e a agir de forma a que as crianças tenham um ensino de qualidade. Loughran (s.d. citado por Flores e Simão, 2009, p. 27) refere que “se os alunos, futuros professores “sentirem” genuinamente o que é ensinar e aprender através de experiências autênticas, há maior probabilidade de encararem a situação de uma forma pessoalmente mais significativa.”

2. Limitações

A elaboração deste relatório de estágio não foi tarefa fácil, como já todos esperávamos deste que iniciámos o Mestrado. No meu caso, o tempo não foi a minha maior limitação, visto que já tinha unidades curriculares terminadas do ano passado, quando frequentei o mestrado em ensino dos 1.º e 2.º Ciclos do Ensino Básico.

O que realmente foi mais complicado gerir foi a articulação entre a preparação das aulas, a realização de material para as mesmas e as pesquisas bibliográficas que por vezes foram difíceis de concretizar. A pesquisa bibliográfica foi mesmo a área em que tive mais dificuldade. A biblioteca da Superior de Educação João de Deus tem um espólio muito vasto mas tem poucos exemplares da cada livro. Isto fez com que estivessem sempre ou quase sempre requisitados os livros necessários para consulta. Por essa razão, tive que recorrer a outras bibliotecas (biblioteca do Palácio Nacional das Galveias e a biblioteca da Direção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular).

3. Novas Pesquisas

No decorrer da minha pesquisa para a elaboração do relatório de estágio do percebi que alguns temas foram abordados de uma forma superficial. Para superar este aspecto penso, e de modo a poder acompanhar melhor os meus alunos, tenciono continuar a minha formação nas mais diversas áreas relacionadas com a pedagogia. Penso que ter alguma formação, pequena que seja, na área das Necessidades Educativas Especiais é de extrema importância, pois com a legislação em vigor a maioria das crianças com estes problemas estão a frequentar um projeto de inclusão podendo eu ter, algum dia, uma criança que necessite desses cuidados. Assim, estarei mais preparada para lidar com esses alunos e poderei acompanhar mais e melhor os seus casos. Para além desta área, pretendo continuar a minha formação de modo a estar sempre atualizada no que diz respeito às ciências da educação. Estar a par dos avanços tecnológicos faz parte da minha formação futura pois nos tempos que correm, a utilização da tecnologia dentro da sala de aula torna-se cada vez mais indispensável, se bem que sou das pessoas que considera que o ensino não se faz só através da tecnologia. Alguns meios bem antigos têm-se revelado muito eficazes para a aprendizagem dos alunos como, por exemplo, os materiais didáticos estruturados e não estruturados da Matemática.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Abrecht, R. (1994). *A avaliação formativa*. Portugal: Edições ASA.

Adão, A. (1997). *O estado absoluto e o ensino das primeiras letras: as escolas régias 1772-1794*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Alarcão, I. & Tavares, J. (1987). *Supervisão da prática pedagógica: uma perspectiva de desenvolvimento e aprendizagem*. Coimbra: Livraria Almedina.

Alarcão, I. (1995). *Supervisão de professores e inovação educacional*. Aveiro: Cidine.

Alexandre, F. & Diogo, J. (1990). *Didática da Geografia: contributos para uma educação no ambiente*. Lisboa: Texto Editora.

Almeida, A. M. (1997). *Ensino-aprendizagem da matemática: estudo com a adição e subtração no 1.º ciclo ensino básico*. Tese de mestrado. Braga: Universidade do Minho.

Alsina, A. (2004). *Desenvolvimento de competências matemáticas com recursos lúdico-manipulativos*. Porto: Porto Editora.

A.P.M. (2010). *O professor e o programa de matemática do ensino básico*. Lisboa: Sociedade Industrial Gráfica.

A.P.M. (1998). *Normas para o currículo e a avaliação em matemática escolar: colecção de adendas anos de escolaridade k-6*. Lisboa: Esferagráfica.

Arfwedson, G., Haglund, S., Lima, M. J. & Malpique, M. (s.d). *Dentro e fora da aula: problemas da orientação pedagógica*. Porto: Brasília Editora.

Azevedo, M. (2009). *Teses, relatórios e trabalhos escolares: sugestões para a estruturação da escrita*. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa.

Bento, P., Queirós, A. & Valente, I. (1993). *Desenvolvimento pessoal e social e democracia na escola*. Porto: Porto Editora.

Botelho, A. T. (2009). *As tecnologias de informação e comunicação na formação inicial de professores em Portugal: uma prática educativa na escola superior de educação João de Deus*. Tese de doutoramento. Málaga: Universidade de Málaga.

Cachapuz, A.; Praia, J. & Jorge, M. P. (2002). *Ciência, educação em ciência e ensino das ciências*. Lisboa: Ministério da Educação.

Caldeira, M. F. (2009). *Aprender a matemática de uma forma lúdica*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.

Campos, L., & Veríssimo, L. (2010). *Aprender a educar. Guia para pais e educadores*. Porto: Fundação Manuel Leão.

Castro, M. (2011). *Orientações curriculares para as línguas estrangeiras: alemão, inglês e francês*. Açores: Direção Regional de Educação e Formação.

Catita, E.M. (2007). *Estratégias metodológicas para o ensino do meio físico e social*: Porto: Areal.

Charpark, G. (1997). *As ciências na escola primária: uma proposta de ação*. Mem Martins: Editorial Inquérito.

Chateau, J. (1975). *A criança e o jogo*. Coimbra: Atlântica.

Codemain, M. & Chadwick, M. (1975). *A escrita criativa e formal*. Porto Alegre: Editora Artes Médicas Sul.

Cordeiro, M. (2007). *O livro da criança do 1 aos 5 anos*. Lisboa: A Esfera dos Livros.

Costa, I. A., & Baganha, F. (1989). *O fantoche que ajuda a crescer*. Rio Tinto: Edições Asa.

Cunha, N.H.S & Nascimento, S.K. (2005). *Brincando, aprendendo e desenvolvendo o pensamento matemático*. Brasil: Editora Vozes.

Debray-Ritzen, P. (1972). *A criança: sua saúde e educação*. Barcelos: Companhia Editora do Minho.

Despacho Normativo n.º 30/2001 de 19 de Junho (Avaliação das aprendizagens dos alunos do ensino básico).

Despacho Normativo n.º 1/2005 de 5 de Janeiro (Avaliação das aprendizagens dos alunos do ensino básico).

Deus, M. L. (1997). *Guia prático da cartilha maternal*. Lousã: Associação de Jardins-Escolas João de Deus.

Dias, C. A. M. (1999). *Novas pedagogias como as tic?: reflexão sobre a utilização das tecnologias da informática e comunicação na sala de aula*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.

Dinis, M. A. (1993). *As fadas não foram à escola: a literatura de expressão oral em manuais escolares do ensino primário (1901-1975)*. Porto: Edições Asa.

Duarte, A. & Gonçalves, L. J. (1996). *Clubes na escola: actividades extra-curriculares*. Cacém: Texto Editora.

Educação, M. d. (2004). *Organização curricular e programas – 1º ciclo*. Mem Martins: Departamento da Educação Básica.

Flores, M. A. & Simão, A. M. V. (2009). *Aprendizagem e Desenvolvimento Profissional de Professores: Contextos e Perspectivas*. Mangualde: Edições Pedagogo.

Glattorn, A., Cortesão, L., & Torres, M. A. (1981). *Orientar... como?: problemas da orientação pedagógica*. Lisboa: Gabinete de Estudos e Planeamento do Ministério da Educação e Ciência.

Gomez, M. T., Mir, V., & Serrats, M. G. (1993). *Como criar uma boa relação pedagógica*. Porto: Edições Asa.

Institut National de Recherche Pédagogique. (1995). *À descoberta dos números: contar, cantar e aprender*. Porto: Edições Asa.

Jean, G. (1999). *A leitura em voz alta*. Lisboa: Instituto Piaget.

Kammi, C. & Devries, R. (1974). *A teoria de Piaget e a educação pré-escolar*. Lisboa: Socicultur.

Landier, J. C. & Barret, G. (1993). *Expressão dramática e teatro*. Porto: Edições Asa.

Leite, C. & Fernandes, P. (2002). *Avaliação das aprendizagens dos alunos: novos contextos, novas práticas*. Porto: Edições ASA.

Lopes, A.V., Bernardes, A. Loureiro, C. Varandas, J. M. Oliveira, M. J., Delgado, M. J., Bastos, R & Graça, T. (1990). *Atividades matemáticas na sala de aula*. Lisboa: Texto Editora.

Luzuriaga, L. (1970). *Pedagogia*. São Paulo: Companhia Editora Nacional.

Marques, A. M., Pereira, A. e Magro, M. M. (2002). *Saúde na escola: desenvolvimento de competências preventivas*. Lisboa: Comissão Nacional da Luta Contra a Sida – Ministério da Saúde.

Martins, I. P. et al. (2008). *Explorando... mudanças de estado físico: guião didáctico para professores*. Lisboa: Direcção-Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular.

Matos, J. M. & Serrazina, M. L. (1996). *Didáctica da matemática*. Lisboa: Universidade Aberta.

Meirieu, P. (1998). *Os trabalhos de casa*. Lisboa: Editorial Presença.

Mialaret, G. (1981). *A formação dos professores*. Vila da Feira: Livraria Almedina.

Ministério da Educação. Departamento de Educação Básico. (2004). *Organização curricular e programas – 1.º ciclo*. Mem Martins: Ministério da Educação.

Ministério da Educação. Direcção-Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular. (2007). *Programa de Matemática do Ensino Básico*. Lisboa: Ministério da Educação.

Ministério da Educação. Direcção-Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular. (2009). *Orientações curriculares para a educação pré-escolar*. Lisboa: Ministério da Educação.

Ministério da Educação. Direcção-Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular. (2009). *Programa de Português do Ensino Básico*. Lisboa: Ministério da Educação.

Monteiro, C. et al. (2000). *Interações na aula de matemática*. Viseu: Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação.

- Moreira, D. e Oliveira, I. (2004). *O jogo e a matemática*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Nabais, J. A. (1992). *À descoberta da matemática com o computador multibásico*. Meleças: Educa.
- Niza, S. (2009). *Criar o gosto pela escrita: formação de professores*. Lisboa: Direção-Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular.
- Oliveira, V. L. (2011) *Relatório de estágio profissional*. Tese de mestrado. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.
- Oliveira, L. F. (1989). *Educação ambiental: guia prático para professores, monitores e animadores culturais e de tempos livres*. Lisboa: Texto Editora.
- Oliveira, S. M. & Lima, A. S. (s.d). *O mito na formação da identidade*. Amazónia: Universidade Federal do Amazonas.
- Pato, M. H. (1995). *Trabalho de grupo no ensino básico: guia prático para professores*. Lisboa: Texto Editora.
- Pérez, M. R. (s. d.). *Desenho curricular de aula como modelo de aprendizagem-ensino: o currículo como marco da sociedade do conhecimento*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.
- Pombo, O., Guimarães, H. M. & Levy, T. (1994). *A interdisciplinaridade: reflexão e experiência*. Lisboa: Texto Editora.
- Ponte, J. P., & Serrazina, M. L. (2000). *Didáctica da matemática do 1º ciclo*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Portaria nº1/2002 (As orientações curriculares da educação pré-escolar).
- Postic, M. (1984). *A relação pedagógica*. Coimbra: Coimbra Editora.
- Proença, M. C. (1990). *Ensinar/aprender história: questões de didáctica aplicada*. Lisboa: Livros Horizonte.

Reis, C. & Adragão, J. V. (1992). *Didática do Português*. Lisboa: Universidade Aberta.

Reis, P. (2008). *A relação entre pais e professores: uma construção de proximidade para uma escola de sucesso*. Tese de doutoramento. Málaga: Universidade de Málaga.

Ribeiro, A. C., & Ribeiro, L. C. (1990). *Planificação e avaliação do ensino-aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.

Roldão M. D. (2008). *Gestão do currículo e avaliação de competências: as questões dos professores*. Barcarena. Editorial Presença.

Ruivo, I. (2009). *Um novo olhar sobre o método de leitura João de Deus: apresentação de um suporte interactivo de leitura*. Tese de doutoramento. Málaga: Universidade de Málaga.

Rutherford, R. & Lopes, J. (1994). *Problemas de comportamento na sala de aula: identificação, avaliação e modificação*. Porto: Porto Editora.

Sá, J.G. (1994). *Renovar as práticas no 1.º ciclo pela via das ciências da natureza*. Porto: Porto Editora.

Sanches, I. R. (2001). *Comportamentos e estratégias de actuação na sala de aula*. Porto: Porto Editora.

Sequeira, L., Freitas, P. J. & Nápoles, S. (2009). *Números e operações: programa de formação continua em matemática para professores dos 1.º e 2.º ciclos do ensino básico*. Lisboa: Direção-Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular.

Serrazina, M. L. & Matos, J. M. (1988). *O geoplano na sala de aula*. Lisboa: Associação de Professores de Matemática.

Sim-Sim, I., Silva, A. C. & Nunes, C. (2008). *Linguagem e comunicação no jardim-de-infância*. Portugal: Ministério da Educação.

Sousa, M. R. & Neto, F. (2003). *A educação intercultural através da música: contributos para a reeducação do preconceito*. Vila Nova de Gaia: Gailivro.

Sousa, A. B. (2001). *Educação em valores: na pré-escolaridade e no 1.º ciclo do ensino básico*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.

Zabalza, M. A. (2000). *Planificação e desenvolvimento curricular na escola*. Porto: Edições Asa.

Anexos

Anexo 1

(Atividade da avaliação de Matemática)

Nome: _____ Data: ___/___/___

Ficha Formativa

O Calendário

1- Liga corretamente as seguintes frases:

Um ano tem • • sete dias.

Uma semana tem • • 2^{af}, 3^{af}, 4^{af}, 5^{af}, 6^{af}, sábado e domingo.

Os dias da semana são • • vinte e oito ou vinte e nove dias.

O mês de fevereiro pode ter • • 365 dias ou doze meses.

2- Escreve, por ordem, os meses do ano.

1º _____

7º _____

2º _____

8º _____

3º _____

9º _____

4º _____

10º _____

5º _____

11º _____

6º _____

12º _____

- fevereiro
- outubro
- maio
- setembro
- abril
- julho
- janeiro
- agosto
- março
- novembro
- junho
- dezembro

3- Observa o mês apresentado em baixo.

2011					
maio					
Domingo	1	8	15	22	29
Segunda-feira	2	9	16	23	30
Terça-feira	3	10	17	24	31
Quarta-feira	4	11	18	25	
Quinta-feira	5	12	19	26	
Sexta-feira	6	13	20	27	
Sábado	7	14	21	28	

3.1- Completa as seguintes frases:

3.1.1- O calendário pertence ao ano _____.

3.1.2- Na folha de calendário está representado o mês de _____.

3.1.3- O primeiro dia da semana é o _____.

3.1.4- O mês representado tem _____ dias.

3.1.5- O primeiro dia deste mês foi no _____.

3.1.6- O dia 11 de maio é uma _____ -feira.

3.1.7- Os dias da semana são _____, _____,
_____, quarta-feira, quinta-feira, _____ e sábado.

Anexo 2

(Atividade da avaliação de Estudo do Meio)

Nome: _____ Data: ___/___/___

Estudo do Meio

1- Liga corretamente as imagens às frases:



Não podes ir para a água, o mar está perigoso.

Podes ir para a água, mas com cuidado...

Podes ir para a água, o mar está calmo.

2- Assinala com um **X** as frases corretas.

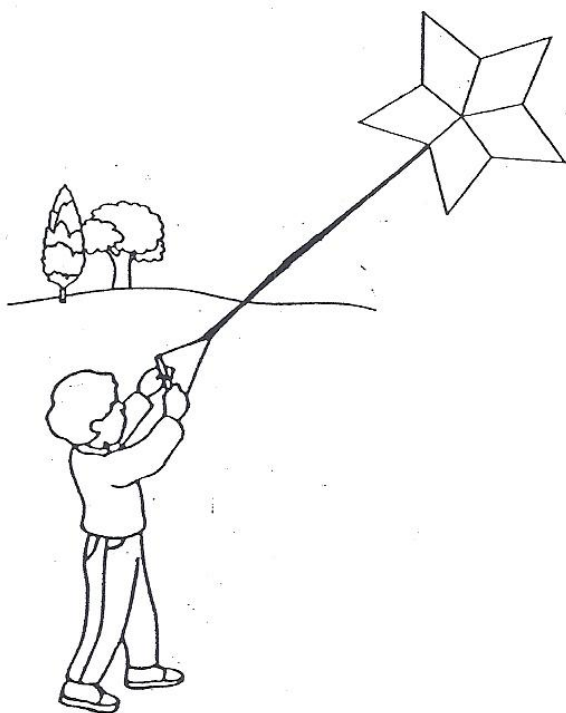
- Na praia devemos usar sempre protetor solar.
- Quando vamos à praia podemos estar muito tempo ao sol.
- Nos dias de muito calor devemos usar uma t-shirt branca e um chapéu de sol.
- Podemos ir à água e nadar com a bandeira de qualquer cor.
- As pessoas podem ir à água uma hora depois de almoçar.
- Só devemos nadar em zonas com vigilância.

Anexo 3

(Atividade da avaliação de Língua Portuguesa)

Nome: _____ Data: ___/___/___

Ficha Formativa



Uma estrela a voar

A voar, a voar alto
lá vai a estrela do Diogo.
A estrela é de papel de seda.
Tem várias cores: azul, verde,
amarelo, vermelho...
O vento leva a estrela,
para longe.
Como vai alta a estrela...
Parece uma estrela do céu!

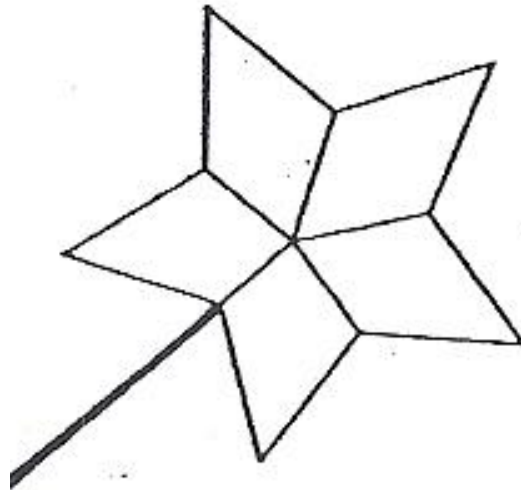
2 – Responde de acordo com o texto.

2.1 – De quem é a estrela?

2.2 – De que é feita a estrela?

2.3 – O que parece a estrela lá no alto?

3 – Pinta a estrela com as cores indicadas no texto.



4 – Ordena as palavras.

4.1 – O/ estrela./ vento/ a/ leva

_____.

4.2 – Parece/ céu! / do/ estrela/ uma

_____!

5 – Classifica as palavras quanto ao número de sílabas.

5.1 – estrela - _____.

5.2 – alto - _____.

5.4 – papel - _____.

5.8 – céu - _____.

